



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO
SERIDÓ - FELCS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**

**PROJETO DE LETRAMENTO E EMPREENDEDORISMO: IMPLICAÇÕES
PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ**

MARCOSSUEL SOARES BATISTA DA SILVA

CURRAIS NOVOS/RN

2023

MARCOSSUEL SOARES BATISTA DA SILVA

**PROJETO DE LETRAMENTO E EMPREENDEDORISMO: IMPLICAÇÕES
PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – campus de Currais Novos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramento.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz.

CURRAIS NOVOS/RN

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Profª. Maria José Mamede Galvão - FELCS - Currais Novos

Silva, Marcossuel Soares Batista da.

Projeto de letramento e empreendedorismo : implicações para a formação cidadã / Marcossuel Soares Batista da Silva. - Currais Novos, RN, 2023.

202 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, Programa de Mestrado Profissional em Letras, Currais Novos, RN, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Paz.

1. Língua Portuguesa - Ensino - Dissertação. 2. Projetos de letramento - Dissertação. 3. Empreendedorismo - Dissertação. 4. Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Dissertação. I. Paz, Ana Maria de Oliveira. II. Título.

RN/UF/BS-FELCS

CDU 811.134.3:37

MARCOSSUEL SOARES BATISTA DA SILVA

**PROJETO DE LETRAMENTO E EMPREENDEDORISMO: IMPLICAÇÕES
PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
campus de Currais Novos, como requisito para
a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientadora/Presidente

Profa. Dra. Márcia Regina Mendes Santos
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Examinadora Externa

Profa. Dra. Gianka Salustiano Bezerril de Bastos Gomes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinadora Interna

Aos meus pais, filhos e avós (*in memoriam*), dedico este trabalho. Aos meus pais por me concederem a vida e por todos os ensinamentos que me passaram. Aos meus filhos pelo amor incondicional que me dão e por me motivarem a chegar até aqui. Aos meus avós que sempre estão nas minhas lembranças e que eu gostaria que pudessem estar comigo nesse momento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido realizar o sonho de ingressar no mestrado, por Sua infinita bondade que me permitiu superar todas as dificuldades durante todos estes anos e por Sua infinita sabedoria que compartilhou comigo e me ajudou a escrever este trabalho.

A minha mãe, Marlene, que sempre me apoiou e aconselhou em todos os momentos da minha vida. Por todo o carinho e amor que teve sempre comigo e por ser um exemplo de mãe e ser humano para mim.

Ao meu pai, Valdeci, por sempre ter acreditado no meu potencial, pelos conselhos e por ser um exemplo de pai para mim.

Aos meus avós, João, Anália, José e Josefa (*in memoriam*), por todo o amor que me deram e por me mostrarem o quão especial são os laços da família e por serem exemplos de honra, honestidade e trabalho.

Aos meus filhos, Davi e Matheus, por terem sido o meu alicerce, por me incentivarem a querer chegar sempre mais longe e por todo o amor que deram, o que me fez sempre ser um pai melhor.

A Daiane, por me ajudar a realizar o sonho de ser pai e me dar os maiores presentes da minha vida, por ter acreditado em mim e por estar comigo nos bons e maus momentos.

A minha irmã, Markcília, por estar sempre comigo, pelos conselhos dados e por todo carinho que teve sempre comigo.

A minha família por acreditar no meu potencial e por todo o amor que me deu por todos esses anos.

A minha orientadora, a professora Dra. Ana Maria de Oliveira Paz, por todo o conhecimento transmitido, pelos conselhos e orientações, por ter me ajudado em todos os momentos em que eu precisei e por ser um grande exemplo de pessoa e profissional. Obrigado por tudo! Serei eternamente grato pela colaboração neste trabalho e por me ajudar na realização do meu sonho.

Aos professores que se fizeram presentes na minha banca de qualificação e de defesa, pelos conselhos e apontamentos que fizeram.

Aos meus colegas da turma VIII do ProfLetras pela troca de conhecimentos e ideias, pelo apoio e ajuda em todos os momentos do mestrado e pelo esforço de lutarmos por uma educação básica de qualidade.

Aos professores das disciplinas do mestrado que colaboraram para a minha formação pessoal e profissional, pela oportunidade de discutir ideias e por me incentivarem a ser um professor melhor.

Aos meus professores da educação básica e da graduação por todo o conhecimento que me repassaram e por me ajudarem a escolher e a seguir na carreira da docência.

Aos meus amigos, Diego, Matheus e Paulo, por me apoiarem e estarem comigo em todos os momentos de dúvida e de dificuldade, pelos conselhos e pela paciência comigo.

A direção e aos funcionários da escola CEJA Professora Creuza Bezerra pelo suporte e pela oportunidade de desenvolver o meu projeto na instituição.

Aos meus queridos estudantes por terem aceitado a ideia de desenvolver o projeto de pesquisa com eles e por todo esforço empenhado durante a realização das atividades e discussões.

Ao ProfLetras por todo o suporte oferecido para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

E, por fim, a todos que de forma direta ou indireta me ajudaram a realizar o sonho de me tornar mestre em Letras.

Prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como 'escrever para aprender a escrever' e 'ler para aprender a ler' em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e realização do projeto (Kleiman, 2000, p. 238).

RESUMO

As práticas de leitura e de escrita com foco no empreendedorismo não são frequentemente desenvolvidas nas escolas de forma geral, e principalmente nas unidades de ensino que oferecem a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). E, quando o tema é abordado, é feito de modo dissociado das aulas de Língua Portuguesa. Diante disso, o estudo proposto traz para os alunos da EJA a oportunidade de aprender a partir da metodologia dos Projetos de Letramento, que tem como um dos pressupostos a desterritorialização da aprendizagem, capaz de propor atividades de leitura e escrita voltadas para as práticas sociais cotidianas que vão além do que abrangem as tarefas escolares. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita de alunos do ensino fundamental, da modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo. Para isso, adotamos as concepções de Gêneros Discursivos, de acordo com Bakhtin (1981; 1997; 2016), de Letramentos como práticas sociais (Kleiman, 1991; 1995; 2001; Soares, 2009; Barton, 1998 e Oliveira, 2010). Além disso, aportamo-nos nas referências relativas aos Projetos de Letramento (Oliveira, Santos e Tinoco, 2014; Kleiman, 2000; 2006; 2012 e Oliveira, 2008), bem como aos letramentos para as práticas cidadãs (Rojo, 2004; Suassuna, 2017) e nos estudos que versam sobre o empreendedorismo (Dolabela, 2006; Rosa, 2007). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação (Thiollent, 2011; Tripp, 2005), com abordagem qualitativa de dados (Bogdan; Biklen, 1994). O cenário da investigação foi uma escola pública da rede estadual, situada na cidade de Currais Novos/RN, que atua exclusivamente com a EJA. Participaram da pesquisa o professor de Língua Portuguesa e os alunos do bloco “B” do ensino fundamental da modalidade EJA. Os instrumentais de geração de dados utilizados compreenderam notas de campo, questionários com questões abertas e fechadas, entrevistas, atividades de leitura/escrita produzidas pelos alunos e registros fotográficos. O desenvolvimento desta pesquisa foi pensado conjuntamente pelos seus participantes, uma vez que o trabalho com projetos de letramento deve partir de

necessidades e interesses dos envolvidos. Ao final da pesquisa, analisamos, juntamente com os discentes a metodologia dos projetos de letramento e seus impactos para a sua formação e, conseqüentemente, para a evolução de seu processo de escrita, mediante o confronto entre as primeiras produções e os textos elaborados ao término do projeto, considerando as percepções e opiniões de cada participante. Em vista disso, concluímos que a metodologia dos projetos de letramento surtiu efeito expressivo no aprendizado dos alunos no tocante às práticas do empreendedorismo, sobretudo em termos de elaboração de plano de negócio individual. Ademais, trouxe subsídios tanto para a melhoria da escrita dos discentes, quanto para a compreensão do uso dos gêneros, em termos de especificidades relativas à natureza das situações de interação e às esferas de atividade nas quais eles circulam cotidianamente.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Projetos de Letramento. Empreendedorismo. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Reading and writing practices focused on entrepreneurship are not frequently developed in schools in general, especially in educational units offering Youth and Adult Education (EJA). When the topic is addressed, it is often done in isolation from Portuguese language classes. Considering this, the proposed study brings the opportunity for EJA students to learn through the methodology of Literacy Projects, which presupposes the deterritorialization of learning. This approach suggests activities in reading and writing geared towards daily social practices that go beyond the scope of school tasks. In this sense, the present work aims to analyze the implications of the project and literacy events with a focus on entrepreneurship for the improvement of reading and writing practices among elementary school students, specifically those in the Youth and Adult Education (EJA) modality. This will be achieved by comparing the initial skills that students possessed with those they developed after the completion of the study. To achieve this, we adopted the concepts of Discursive Genres according to Bakhtin (1981; 1997; 2016) and Literacies as social practices (Kleiman, 1991; 1995; 2001; Soares, 2009; Barton, 1998; Oliveira, 2010). Additionally, we drew on references related to Literacy Projects (Oliveira, Santos and Tinoco, 2014; Kleiman, 2000; 2006; 2012; Oliveira, 2008) as well as literacies for citizen practices (Rojo, 2004; Suassuna, 2017) and studies on entrepreneurship (Dolabela, 2006; Rosa, 2007). Methodologically, it is action research (Thiollent, 2011; Tripp, 2005) with a qualitative data approach (Bogdan; Biklen, 1994). The research was conducted in a public school within the state network, located in Currais Novos/RN, exclusively dedicated to EJA. The participants in the study were the Portuguese language teacher and students from the "B" block of elementary education of EJA modality. Data generation tools included field notes, questionnaires with open and closed-ended questions, interviews, reading/writing activities produced by students, and photographic records. The development of this research was collaboratively designed by its participants, recognizing that literacy project work should be based on the needs and interests of those involved. At the end of the research, together with the students, we analyzed the methodology of literacy projects and their impacts on their education, particularly on the evolution of their writing process. This analysis involved comparing the

initial productions with the texts produced at the end of the project, considering the perceptions and opinions of each participant. In conclusion, we found that the methodology of literacy projects had a significant effect on students' learning regarding entrepreneurship practices, especially in terms of individual business plan development. Moreover, it provided support for both the improvement of students' writing and the understanding of genre use, in terms of specificities related to the nature of interaction situations and the spheres of activity in which they circulate daily.

Keywords: Portuguese Language Teaching. Literacy Projects. Entrepreneurship. Youth and Adult Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos realizando atividade para saberem o seu perfil empreendedor.....	89
Figura 2: Correção da atividade sobre a diferença entre chefe e líder e anotação realizada pelo professor pesquisador sobre a diferença entre mandar e liderar.....	90
Figura 3: Respostas dos alunos sobre as vantagens e desvantagens de ter o próprio negócio.....	91
Figura 4: Resultado obtido pelos estudantes no <i>quiz</i> sobre o perfil empreendedor deles.....	92
Figura 5: Respostas da aluna (AC2) sobre o filme “Fome de Poder”.....	94
Figura 6: Modelo de carta convite utilizado pelo professor pesquisador.	97
Figura 7: Professor pesquisador explicando aos alunos a estrutura do gênero carta convite.....	97
Figura 8: Alunos escrevendo a carta convite.....	98
Figura 9: Rascunho da carta convite elaborado pelos discentes.	99
Figura 10: Carta convite produzida pela aluna (AC1).....	100
Figura 11: Estudante digitando a carta convite na plataforma Canva.	101
Figura 12: Alunos realizando atividade de campo com os gêneros lista/levantamento.....	103
Figura 13: Alunos realizando atividade de campo com os gêneros lista/levantamento.....	103
Figura 14: Estudantes passando a limpo os dados obtidos na aula de campo.	104
Figuras 15 e 16: Listas/levantamentos feitos pelas alunas (AC1 e AC2).....	105
Figura 17: Alunos elaborando as perguntas do questionário.	107
Figuras 18 e 19: Questionário elaborado pelos alunos (versão antes da digitação).....	107

Figura 20: Estudantes digitando as perguntas do questionário.	108
Figura 21: Slide utilizado na palestra sobre educação financeira.	110
Figura 22: Alunos elaborando de forma coletiva o gênero relato pessoal acerca da palestra sobre educação financeira.	112
Figura 23: Gênero relato pessoal produzido pelos alunos.	112
Figura 24: Professor explicando sobre o gênero plano de negócios.	115
Figura 25: Rascunho da proposta de valor elaborado pelos alunos com a ajuda do professor.	115
Figura 26: Aluna produzindo a proposta de valor.	116
Figura 27: Rascunho produzido por uma aluna da proposta de valor.	116
Figura 28: Estudantes construindo a segunda parte do plano de negócios.	117
Figura 29: Alunos construindo a terceira parte do plano de negócios.	117
Figura 30: Versão final do rascunho do plano de negócios produzido pela aluna colaboradora (AC2).	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro elaborado pelo autor com os instrumentos para a geração de dados.....	34
Quadro 2: Quadro elaborado pelo autor com a divisão dos encontros realizados.....	84
Quadro 3: Quadro elaborado pelo autor com perguntas sobre o filme “Fome de Poder”	93
Quadro 4: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero carta convite.....	96
Quadro 5: Quadro elaborado pelo autor com as ações dos gêneros lista/levantamento.....	102
Quadro 6: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero questionário.....	106
Quadro 7: Quadro elaborado pelo autor com as perguntas criadas pelos estudantes na construção do questionário.....	109
Quadro 8: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero relato pessoal.....	111
Quadro 9: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero plano de negócios.....	114
Quadro 10: Quadro elaborado pelo autor com as perguntas do questionário de avaliação do projeto.....	119
Quadro 11: Transcrição das respostas dos alunos ao questionário final de avaliação do projeto.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS

PL: Projetos de Letramento.

EJA: Educação de Jovens e Adultos.

BNCC: Base Nacional Comum Curricular.

MEC: Ministério da Educação.

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases.

AC: Aluno colaborador.

SEBRAE: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

CDL: Câmara de Dirigentes Lojistas.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	19
2 EIXOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	24
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	24
2.2 ABORDAGEM DE DADOS DA PESQUISA.....	26
2.3 QUESTÕES DE PESQUISA.....	28
2.4 OBJETIVOS DE PESQUISA.....	28
2.4.1 Geral.....	28
2.4.2 Específicos.....	28
2.5 CENÁRIO DA PESQUISA.....	29
2.6 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	30
2.7 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	31
2.8 AÇÕES DO PROJETO DE LETRAMENTO.....	34
2.9 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	38
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....	39
3.1 LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	40
3.2 LETRAMENTO E FORMAÇÃO CIDADÃ.....	51
3.3 PROJETOS DE LETRAMENTO: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA ALIADA AO ENSINO.....	54
3.4 EMPREENDEDORISMO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DO ALUNO DA EJA.....	67
3.5 GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALIANDO O EMPREENDEDORISMO AO PROCESSO DE ESCRITA.....	71
3.6 DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA.....	76
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA EXECUÇÃO DO PROJETO DE LETRAMENTO PROPOSTO.....	82
4.1 CONSTRUINDO O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO E DE EMPREENDEDOR EM SALA DE AULA.....	87

4.2 O TRABALHO COM OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O EMPREENDEDORISMO: PRATICANDO A ESCRITA EM SALA DE AULA.....	95
4.2.1 A carta convite.....	96
4.2.2 A lista/levantamento.....	101
4.2.3 O questionário.....	106
4.3 AS OFICINAS SOBRE EMPREENDEDORISMO: DA TEORIA À PRÁTICA.....	109
4.3.1 O relato pessoal.....	111
4.4 A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO PLANO DE NEGÓCIOS.....	114
4.5 AVALIANDO O PROJETO: O MOMENTO DE CONCLUSÃO DAS ATIVIDADES.....	119
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS.....	126
CADERNO DE ATIVIDADES: PROJETOS DE LETRAMENTO, EMPREENDEDORISMO E GÊNEROS DISCURSIVOS ALIADOS AO TRABALHO DA ESCRITA EM SALA DE AULA.....	132
APÊNDICES.....	152
ANEXOS.....	159

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho surgiu da necessidade verificada em sala de aula pelo professor pesquisador junto aos alunos da escola na qual leciona, que atende à modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), com relação à dificuldade que os estudantes apresentavam nas práticas de escrita e devido ao grau de desistência considerável dos estudos por causa da necessidade de trabalhar.

As práticas escolares sempre foram implementadas a partir do processo da escolha de conteúdos considerados necessários ao aprendizado dos estudantes durante cada ciclo da Educação Básica. Entretanto, esses conteúdos muitas vezes eram ensinados fora de um contexto real de uso, ficando presos às práticas escolares, o que levava vários estudantes a se questionarem sobre o papel do ensino promovido pela escola.

Com o passar do tempo, mudanças foram sendo implementadas nas metodologias de ensino, graças aos estudos realizados por diversos pesquisadores, trazendo os conteúdos para próximo do contexto social dos estudantes. Dessa forma, para ultrapassar esse paradigma, novas perspectivas de ensino devem ser pensadas pelos professores com foco na funcionalidade da língua em diversas instâncias sociais pelas quais circulam os alunos cotidianamente.

Uma dessas possíveis propostas metodológicas que podem ser usadas para encurtar as distâncias entre as tarefas escolares e as práticas sociais do aluno é a utilização dos projetos de letramento como dispositivo metodológico capaz de favorecer uma mudança no ensino de língua materna e, conseqüentemente, proporcionar aos alunos avanços em seus desempenhos no tocante a práticas de leitura e de escrita.

Diversas pesquisas têm sido desenvolvidas no campo da Linguística Aplicada acerca da utilização dos projetos de letramento aplicados ao ensino de língua materna, cujo princípio se fundamenta no impacto que eles exercem na melhoria do desempenho dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, em termos de leitura e de escrita. Nessa perspectiva, podemos citar os estudos de Oliveira, Santos e Tinoco (2014) e Santos (2012). Também podemos citar na

área da Administração o estudo no campo do empreendedorismo elaborado por Silva (2019).

Com relação a Santos (2012), podemos citar aproximações e diferenças entre o trabalho elaborado pela pesquisadora e o nosso. O estudo da autora foi uma pesquisa-ação, adotou a abordagem qualitativa de dados, teve como cenário e participantes duas escolas, uma estadual e um instituto federal, e três turmas da EJA, analisando como as práticas de escrita dos alunos poderiam melhorar através da utilização de projetos de letramento. O nosso trabalho também se trata de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, adotando como ferramenta projetos de letramento. O cenário de investigação foi uma escola da rede estadual de ensino e como participantes tivemos uma turma da EJA. E, assim como a referida pesquisadora, buscamos utilizar os gêneros discursivos como mecanismos para melhorar a escrita dos alunos. Já como diferencial, temos a utilização de gêneros que estão ligados à área do empreendedorismo para realizar a intervenção em sala de aula, diferente do trabalho de Santos (2012) que não trabalhou gêneros dessa esfera.

Já com relação ao trabalho desenvolvido por Silva (2019) podemos citar como diferenças a utilização da problemática do empreendedorismo sendo vista na disciplina de Matemática e não de Língua Portuguesa como foi no nosso caso, assim como o público-alvo da pesquisadora que foi uma turma regular da 3ª série do Ensino Médio e a nossa uma de Ensino Fundamental EJA. O objetivo principal da pesquisa dela também é diferente do nosso, uma vez que, ela tinha o objetivo de desenvolver habilidades empreendedoras nos alunos, a fim deles poderem mudar a realidade social na qual eles estavam inseridos. Como pontos que aproximam os nossos trabalhos têm a questão de a pesquisa da autora ser de aspecto metodológico qualitativa e por se tratar de uma pesquisa-ação, desenvolvida em uma escola da rede pública de ensino.

Dessa forma, a nossa pesquisa apresenta um caráter de ineditismo, pois, trata-se de um projeto que une áreas diferentes (Linguística Aplicada e Administração) e porque em nossos estudos não encontramos uma proposta de pesquisa igual a nossa.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita de alunos do ensino fundamental, da

modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo.

A tarefa aqui proposta é centrar foco nas práticas de escrita desses estudantes, a partir de atividades propostas pautadas em uma problemática social apresentada por eles, na perspectiva de trazer sentido e relevância para a escrita como prática social indispensável à atuação humana, sobretudo para o seu desempenho no trabalho como futuros empreendedores.

Assim como analisamos se a utilização da metodologia proposta ajudou a reduzir a desistência dos discentes dos estudos por terem de estudar e trabalhar ou por conseguirem um emprego durante o ano letivo.

Dessa forma, tomamos como objetivos os seguintes: Evidenciar como a utilização de projeto de letramento pode fortalecer o ensino de Língua Portuguesa na modalidade EJA; Descrever as práticas de letramento que integram o projeto de letramento, os eventos e as redes de atividades desenvolvidos com os estudantes da EJA; Identificar os benefícios que o projeto de letramento com foco no empreendedorismo pode trazer para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Para alcançarmos esse último objetivo analisamos as respostas que os alunos deram na avaliação final do projeto (ver anexo 3), para avaliar se eles perceberam alguma mudança em suas práticas de letramento ao fim das oficinas e ao analisarmos a evolução que eles tiveram com as leituras dos textos propostos, nas discussões realizadas em sala de aula e na realização das atividades propostas.

Entendemos assim, que a importância desse estudo se dá devido à necessidade que os alunos têm em utilizar a linguagem em suas práticas cotidianas, uma vez que a escrita está presente na maioria dos eventos de interação humana, e como forma de tentar diminuir os índices de evasão por parte dos estudantes devido à necessidade de trabalhar ou de conseguir um emprego.

Essa escrita ambiental e rotineira representa, segundo Kleiman (1995, p. 7), “apenas uma das funções da escrita, das mais básicas”. O domínio de outros usos e funções da escrita, efetivamente, propicia o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia, e através deles, a possibilidade de acesso ao poder (Kleiman, 1995, p. 8).

O trabalho em questão situa-se na área de concentração: Linguagens e Letramento e na Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, assim como no campo da Linguística Aplicada, uma vez que essa área do conhecimento tem como objeto de pesquisa os contextos reais e específicos em que a linguagem ocupa papel central (Signorini, 1998; Moita Lopes, 2009).

Ainda, de acordo com Moita Lopes (1996, p. 19), a Linguística Aplicada é “uma área de investigação aplicada, mediadora, indisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem”, por esse motivo decidimos inserir o presente estudo dentro dessa perspectiva.

Trabalhamos também na área de concentração de Linguagem e Letramento, utilizando as práticas de escrita e do uso de projetos de letramento e gêneros discursivos, com o intuito de analisar como as práticas de letramento dentro do contexto escolar podem auxiliar os alunos no aprimoramento das suas habilidades de escrita, aliada com a área da Administração que trabalha com o empreendedorismo, com a finalidade de analisar como as práticas empreendedoras podem ajudar os alunos a desenvolverem habilidades para gerarem mudanças nos contextos sociais nos quais estão inseridos.

O aporte teórico dessa área possibilita o desenvolvimento de um olhar situado no objeto que pretendemos examinar: as práticas de utilização da linguagem utilizadas por agentes reais (alunos da EJA), utilizando ferramentas concretas de comunicação (gêneros discursivos).

Com relação aos participantes da nossa pesquisa estão 7 alunos do bloco “B” do ensino fundamental, de uma escola pública da rede estadual de ensino, que trabalha exclusivamente com a modalidade EJA, que fica localizada na cidade de Currais Novos/RN.

O nosso trabalho divide-se da seguinte maneira: na introdução apresentamos os objetivos, o aporte teórico e metodológico, o cenário, os participantes e a relevância do nosso estudo; nos eixos metodológicos, abordamos o tipo de pesquisa que foi realizada, a abordagem de dados, as questões de pesquisa, os objetivos, o cenário, os participantes, o instrumental para a coleta de dados, o *corpus* e as ações realizadas em nosso estudo; no referencial teórico, evidenciamos alguns tópicos sobre o letramento e suas implicações no ensino de língua materna, o que é letramento cidadão e quais

são as suas implicações para a vida dos discentes, o que é projeto de letramento, o que é empreendedorismo e como ele pode ser utilizado nas aulas de Língua Portuguesa, o conceito de gêneros discursivos e os desafios na educação de alunos da EJA; na quarta seção, descrevemos as ações desenvolvidas antes, durante e depois da intervenção feita em sala de aula; e, por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

2 EIXOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Na presente seção apresentamos o tipo de pesquisa, a abordagem de dados da investigação, as questões de pesquisa, os objetivos de pesquisa, o cenário de intervenção, os participantes da pesquisa, os instrumentais de geração de dados e o *corpus* da pesquisa.

2.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é do tipo pesquisa-ação, uma vez que, ela surgiu devido à necessidade de solucionar um problema apresentado pelos participantes do nosso trabalho, que eram alunos do ensino fundamental de uma escola de EJA da rede pública de ensino. O professor de Língua Portuguesa observou essa problemática no início do semestre letivo e em conversa com os estudantes apresentou a proposta de metodologia dos projetos de letramento, com o intuito de resolver esse problema.

A definição de pesquisa-ação, segundo Thiollent (2011) consiste em:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 20).

A esse respeito, Tripp (2005, p. 445) declara que a pesquisa-ação no âmbito educacional é “uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Outro fato que podemos destacar na pesquisa-ação é a importância dos participantes para o seu desenvolvimento. Nesse tipo de investigação, a participação dos sujeitos envolvidos é necessária para a discussão e solução dos problemas (Thiollent, 2011).

Sobre essa característica, Thiollent (2011) ressalta:

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a

ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida (Thiollent, 2011, p. 21).

No nosso cenário de investigação, temos o professor e os alunos como participantes dessa pesquisa na perspectiva de buscar solucionar o problema das práticas de escrita dos discentes.

Quanto ao papel do investigador na pesquisa-ação, temos, conforme Thiollent (2011), o pesquisador desempenhando um papel ativo na resolução de problemas e no acompanhamento e avaliação das atividades desenvolvidas em vista desses problemas encontrados.

Como investigador da presente pesquisa e professor pesquisador na turma, pude observar de perto as problemáticas apresentadas pelos alunos antes de decidir juntamente com eles as ações que poderiam ser desenvolvidas e uma das dificuldades que eles gostariam de minimizar, leitura ou escrita, sendo decidido o trabalho com a escrita.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008):

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar a sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivo e superar as próprias deficiências (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46).

O investigador tem papel fundamental na transformação da realidade dos fatos nesse tipo de pesquisa. Dessa forma, para Thiollent (2011) é importante definir de forma precisa qual é a ação, os seus agentes, objetivos e obstáculos e qual é a exigência de conhecimento que será produzida em razão dos problemas encontrados durante a ação ou com os atores envolvidos.

Por fim, vale ressaltar que a pesquisa-ação assim como todo estudo apresenta etapas a serem seguidas para o seu desenvolvimento. Porém, nesse sentido, ela é mais flexível com relação a outros tipos, pois as etapas não precisam seguir uma ordem rígida.

Thiollent (2011) evidencia que a pesquisa-ação apresenta um planejamento flexível, diferente de outros tipos de pesquisa que apresentam etapas mais rígidas. As fases de uma pesquisa-ação podem ir e voltar de acordo

com a necessidade dos envolvidos, partindo de uma fase exploratória até a divulgação dos resultados.

As fases da pesquisa-ação de acordo com o autor são: fase exploratória, escolha do tema da pesquisa, a colocação dos problemas, o lugar da teoria, o levantamento de hipóteses, o seminário, a escolha do campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa, a coleta de dados, a aprendizagem, o saber formal/saber informal, a construção do plano de ação e a divulgação externa.

Todas essas etapas foram seguidas para o desenvolvimento de nosso trabalho, o que nos ajudou a realizar a pesquisa de forma mais alicerçada e direcionada para o que propúnhamos realizar durante a intervenção em sala de aula.

2.2 ABORDAGEM DE DADOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento do presente trabalho, optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa, tendo em vista que essa perspectiva nos permite um aprofundamento no mundo dos significados das relações humanas. Essa abordagem de investigação de base qualitativa se propõe a focalizar questões de linguagem em uso, considerando sua natureza processual.

Segundo Chizzotti (2005, p. 78), “a pesquisa qualitativa se fundamenta em pressupostos que privilegiam a descoberta de fenômenos latentes”. Dentre eles, o autor elenca os seguintes: a observação participante, história ou relatos de vida, análise de conteúdo, entrevista não diretiva etc.

E ainda de acordo com Brasil, Caldas, Silva e Bezerra (2018):

O foco da pesquisa qualitativa demanda compreender e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos desde a percepção dos participantes ante um contexto natural e relacional da realidade que os rodeia, com base em suas experiências, opiniões e significados, de modo a exprimir suas subjetividades (Brasil; Caldas; Silva; Bezerra, 2018, p. 22).

Através dessa abordagem de pesquisa, interessam-nos os significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio discursivo em que estão inseridos,

à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais com as suas ações e com os seus contextos sociais.

A adoção da abordagem de dados qualitativa se justifica no fato de ela se conectar melhor com os objetivos que propomos e com as características da pesquisa que desenvolvemos. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), as características principais da pesquisa qualitativa são:

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas (Bogdan; Biklen, 1994, p. 47).

A nossa pesquisa ocorreu no ambiente natural da educação que é a sala de aula e foi conduzida pelo professor pesquisador da turma como investigador e orientador das propostas desenvolvidas. Além disso, a investigação assume característica descritiva e os dados gerados não foram quantificados em suas recorrências, mas interpretados.

Segundo Bogdan; Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é descritiva e os dados que são obtidos vêm em forma de palavras ou imagens, não através de números; contendo os resultados da pesquisa citações realizadas com base nos dados com a finalidade de ilustrar e substanciar a apresentação.

Além disso, a investigação proposta opta por centrar foco no decurso das ações que compõem o projeto de letramento e não somente nos resultados obtidos ao final de seu desenvolvimento. Corroborando essa característica peculiar das pesquisas de abordagem qualitativa, Bogdan e Biklen (1994) estabelecem que “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 49).

O nosso estudo não parte de verdades estabelecidas, mas observa o que os dados apontam de modo a elaborar possíveis conclusões. Acerca disso, (Bogdan; Biklen, 1994) mencionam que os pesquisadores qualitativos têm a tendência de analisar os dados obtidos de maneira indutiva, não recolhendo dados ou provas com a finalidade de confirmar ou invalidar hipóteses previamente.

Em nossa investigação, também não levantamos hipóteses, mas focamos no que os dados sinalizam, sem nos preocuparmos com conjecturas. Além disso, consideramos que “o significado é de grande importância na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 50).

2.3 QUESTÕES DE PESQUISA

Dentro da proposta do nosso trabalho pretendemos responder às seguintes questões:

- Quais os impactos da utilização dos projetos de letramento com foco no empreendedorismo nas práticas sociais de alunos da EJA com relação à melhoria da escrita?
- Como os projetos de letramento podem ser utilizados para melhorar o processo de ensino-aprendizagem de língua materna?

2.4 OBJETIVOS DE PESQUISA

2.4.1 Geral

- Analisar implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita de alunos do ensino fundamental, da modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo.

2.4.2 Específicos

- Evidenciar como a utilização de projeto de letramento pode fortalecer o ensino de Língua Portuguesa na modalidade EJA.

- Descrever as práticas de letramento, os eventos e as redes de atividades que integram o projeto de letramento desenvolvidos com estudantes da EJA.
- Identificar os benefícios que o projeto de letramento com foco no empreendedorismo pode trazer para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

2.5 CENÁRIO DA PESQUISA

O *lócus* de nossa investigação foi uma escola estadual localizada no município de Currais Novos/RN, que funciona há 42 anos. A referida escola atua somente com a modalidade EJA, funcionando nos três expedientes (manhã, tarde e noite) e conta atualmente com aproximadamente 300 alunos matriculados.

No turno matutino, a escola funciona apenas com os serviços administrativos (secretaria e direção) e com a banca de avaliações, na qual os alunos interessados em concluir o ensino fundamental ou médio podem finalizar os estudos mediante a realização de avaliações de todas as disciplinas do currículo escolar.

A escola dispõe dos setores administrativo e pedagógico (direção, coordenação e secretaria), estando a direção e a secretaria funcionando nos três expedientes e a coordenação nos turnos vespertino e noturno.

As aulas ocorrem nos turnos vespertino e noturno, com os ensinos fundamental e médio. As turmas são divididas em blocos, sendo 4 blocos para o ensino fundamental (A, B, C, D) com duração semestral e conclusão em 2 anos e ensino médio com três (A, B, C) com conclusão de um ano e meio. As aulas de Língua Portuguesa estão presentes nos blocos A e B no ensino fundamental e no A no ensino médio.

A instituição dispõe de biblioteca, sala de informática, cozinha, refeitório, sala de professores, sala da direção e da coordenação, 6 salas de aula (sendo a maioria climatizada), secretaria e uma sala da banca de avaliação para alunos que pretendem concluir com mais “rapidez” os estudos.

Devido à questão de muitos alunos trabalharem e não terem tempo para vir a escola em outro turno, a escola só consegue desenvolver projetos

pedagógicos no turno que os alunos estudam. Infelizmente, uma grande dificuldade que existe na escola é fazer com que os alunos participem de atividades que ocorram em contraturno ou aos sábados, justamente por não terem tempo.

Quando há algum evento programado, os alunos só ficam sabendo no momento da realização dele, pois muitos vão embora ao ficarem sabendo que haverá uma palestra ou outro tipo de evento que não seja a aula tradicional.

A maioria do alunado pelo que já foi avaliado pelo corpo administrativo e pedagógico da escola não reconhece a importância desses momentos oferecidos pela escola. Os alunos preferem assistir às aulas das disciplinas, por isso, não costumam participar de eventos extraescolares.

2.6 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa contou com a participação de um professor pesquisador e dos alunos de uma turma de ensino fundamental da modalidade EJA de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada no município de Currais Novos/RN.

O professor pesquisador é formado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Currais Novos, desde 2013.

Já atuou em escolas da rede pública e privada, assim como em cursinho preparatório para o ENEM, com as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Língua Espanhola, com alunos de níveis variados, desde a educação infantil ao ensino superior.

Ingressou como professor da Rede Estadual em 2019 e atua na escola que foi *lócus* da presente pesquisa há 4 anos, ministrando aulas de Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio, sendo nela a segunda experiência com alunos da EJA.

O seu interesse pelos Estudos de Letramento teve início ainda na graduação ao atuar como bolsista voluntário de pesquisa. Devido a essa experiência, sempre manteve sua atenção voltada para o âmbito dos letramentos.

Quanto aos alunos participantes, convém destacar que eles são os discentes do bloco “B” do ensino fundamental. Trata-se de uma turma de 7 alunos, situados numa faixa etária de 16 e 35 anos, sendo 4 homens e 3 mulheres, de classe média à baixa.

A quantidade de alunos escolhida para a aplicação do projeto ocorreu devido à dificuldade que a escola tem de conseguir alunos para matricular-se no 2º semestre letivo. Problema esse que é recorrente todos os anos, principalmente por tratar-se de um público no qual a taxa de evasão é elevada.

Dentre os estudantes homens todos trabalhavam, sendo as profissões: vigilante, representante de empresa de produtos de limpeza, minerador e pedreiro. Já entre as mulheres somente 1 aluna das 3 não trabalhava, por ser menor de idade. As que trabalhavam atuavam como vendedora em uma loja de roupas e como atendente em um quiosque.

Os alunos são disciplinados, realizam as atividades propostas pelo professor, mas não costumam tirar dúvidas sobre os conteúdos lecionados. Nesse sentido, gostavam de escrever o que o docente propunha no quadro ou através do livro, sem emitir questionamentos ou apreciações.

Foi observando as necessidades que eles tinham em relação ao seu desempenho escolar e conversando com eles sobre a vida pessoal, sobretudo em relação ao que eles realizavam no cotidiano, que a proposta de trabalho do presente estudo foi estabelecida.

2.7 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Os instrumentais utilizados nesse processo investigativo foram: elaboração de notas de campo, realização de entrevistas, aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, atividades de leitura/escrita produzidos pelos alunos e registros fotográficos.

Com relação à produção das notas de campo, pautamo-nos na perspectiva aventada por Bogdan e Biklen (1994) quando afirmam que:

Depois de voltar de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador escreva, de preferência num processador de texto ou computador, o que aconteceu. Ele ou ela dão uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como

parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo (Bogdan; Biklen, 1994, p. 150).

As notas de campo foram utilizadas em nossa pesquisa para verificarmos como as práticas de letramento, os eventos e as redes de atividades foram desenvolvidos. Para isso, analisamos as percepções que o professor pesquisador teve durante o decorrer das oficinas realizadas com os estudantes.

A entrevista foi uma importante ferramenta para o desenvolvimento de nosso trabalho. De acordo com Moreira e Caleffe (2006) ela:

[...] é muito usada em quase todas as disciplinas das ciências sociais e na pesquisa educacional como uma técnica chave na coleta de dados. Isso levou a uma considerável diversidade de formas e estilos de entrevistas. Os pesquisadores abordam a entrevista de diferentes maneiras (Hitchcock e Hughes, 1995; Kvale, 1996). Essas diferenças dizem respeito à natureza das perguntas, ao grau de controle exercido pelo entrevistador sobre o entrevistado, ao número de pessoas envolvidas e à posição geral da entrevista e delineamento da pesquisa. Segundo Hitchcock e Hughes (1995), de maneira geral, as entrevistas podem ser consideradas como “uma conversa com um propósito” (Moreira; Caleffe, 2006, p. 166) [...]

A entrevista seria utilizada em nosso trabalho para compreendermos como o projeto de letramento com foco no empreendedorismo pode ajudar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Dessa forma, os discentes teriam a oportunidade de entrevistar uma colega com experiências empreendedoras e poder observar quais foram as dificuldades que ela teve para abrir um negócio e quais foram os aprendizados que ela obteve com essa experiência.

Entretanto, precisamos mencionar que devido a aluna que seria entrevistada ter tido a necessidade de mudar de estado, não conseguimos realizar a entrevista com ela, por isso o gênero acabou não sendo utilizado em nossas oficinas, apesar de citarmos ele em nosso trabalho.

Quanto ao questionário, Moreira e Caleffe (2006, p. 96) apresentam quatro vantagens para o uso dele na pesquisa educacional “uso eficiente do tempo, anonimato para o respondente, possibilidade de uma alta taxa de retorno e perguntas padronizadas”.

Utilizamos o questionário em nossa pesquisa para que os alunos pudessem analisar quais são as percepções que alguns sujeitos (alunos de

outras turmas e professores) tinham sobre qual o conceito de empreendedorismo). O uso desse gênero também teve como objetivo fazer com que os alunos pudessem melhorar a escrita deles e assumir o papel de pesquisadores.

Por fim, temos as atividades produzidas pelos sujeitos (alunos), as quais, de acordo com Bogdan e Biklen (1994):

Embora não sejam tão utilizados, os materiais que os sujeitos escrevem por si próprios também são usados como dados. [...] Na maior parte dos casos, o investigador utiliza o material que já existe. Esse material encontra-se nos ficheiros das organizações, nas gavetas das secretárias dos diretores, nos sótãos dos edifícios e nos arquivos das sociedades históricas. A tarefa principal é localizar e ter acesso ao material. A qualidade deste tipo de material varia. Alguns dos materiais fornecem apenas detalhes factuais tais como as datas em que ocorreram reuniões. Outros servem como fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram os materiais pensam acerca do seu mundo (Bogdan; Biklen, 1994, p. 176).

O uso das atividades dos alunos foi feito para analisarmos o desenvolvimento das práticas, eventos e rede de atividades deles. Ao final da pesquisa conseguimos observar qual foi o desenvolvimento que eles tiveram na construção dos gêneros propostos e na realização das atividades. Com esses dados objetivamos compreender se a utilização dessas ferramentas pode fortalecer o ensino de Língua Portuguesa.

Para a realização de nossa pesquisa, escolhemos gêneros discursivos que estavam próximos do cotidiano dos alunos e gêneros da área do empreendedorismo para que eles tivessem a oportunidade de conhecê-los e de melhorar a escrita deles, bem como a de utilizá-los em suas práticas sociais e caso desejassem abrir o seu próprio empreendimento.

Os gêneros escolhidos por nós foram: carta convite, relato pessoal, entrevista, questionário, lista/levantamento e plano de negócios. Devido ao tempo que dispúnhamos não conseguimos trabalhar uma quantidade maior e principalmente também devido à frequência dos alunos, que é outra dificuldade da EJA. Dificilmente tínhamos todos os alunos presentes durante as aulas, o que acabou por atrasar algumas atividades e conteúdos.

Dentre esses gêneros escolhidos, o que ganhou mais destaque foi o plano de negócios, uma vez que ele exigia mais tempo para ser trabalhado e era o que os alunos tinham menos contato no cotidiano. Esse gênero era de suma

importância que os alunos dominassem, uma vez que ele era o primeiro passo para aqueles que desejassem abrir um empreendimento.

A escolha dos instrumentos adotados pela presente investigação foi feita de forma criteriosa, por isso, escolhemos os melhores instrumentos de acordo com a proposta adotada e o problema escolhido.

2.8 AÇÕES DO PROJETO DE LETRAMENTO

Para a realização da intervenção, planejamos uma proposta constituída por oficinas, atividades, objetivos e produtos a serem desenvolvidas da seguinte forma:

OFICINA	ATIVIDADE	OBJETIVO	PRODUTO
Promoção de palestra sobre o empreendedorismo.	Elaboração de exemplar do gênero carta convite para palestrante.	Convidar, por meio de carta, um representante do SEBRAE para proferir palestra.	Carta convite.
Compreensão da importância da realização de um levantamento dos tipos e quantidade de comércios existentes para a escolha do tipo de empresa que os participantes desejassem abrir.	Visitação ao entorno da escola para mapeamento de número e tipo de estabelecimentos comerciais existentes.	Realizar um levantamento da quantidade e dos tipos de estabelecimentos localizados próximos à escola.	Lista/levantamento.
Promoção de palestra sobre economia financeira.	Gênero relato pessoal (oral).	Discorrer sobre os conteúdos proferidos em palestra acerca do	Relato pessoal (oral).

		tema economia financeira.	
	Gênero relato pessoal (escrito).	Discorrer sobre a palestra acerca de economia financeira.	Relato pessoal (escrito).
Elaboração e aplicação de questionário com alunos das demais turmas da escola sobre a compreensão do conceito de empreendedorismo.	Gênero questionário (empreendedorismo).	Elaborar e aplicar questionário com os alunos de outros blocos da escola sobre empreendedorismo .	Questionário elaborado e aplicado.
Exibição do filme “Fome de poder”, referente às vivências de práticas empreendedoras.	Gênero roteiro de questões (filme).	Responder questões alusivas às vivências de práticas empreendedoras focalizadas no filme exibido.	Roteiro de questões respondido.
Elaborações de questões para entrevistar colega com experiências empreendedoras. Realização da entrevista. (NÃO REALIZADA)	Elaboração e aplicação do gênero entrevista. (NÃO REALIZADA)	Elaborar e realizar entrevista com uma colega da turma sobre as suas experiências empreendedoras como microempresária. (NÃO REALIZADA)	Entrevista. (NÃO REALIZADA)

Construção da primeira versão do gênero plano de negócios, seguindo às orientações apreendidas durante as oficinas.	Gênero plano de negócios (rascunho).	Produzir uma primeira versão de um plano de negócio	Plano de negócios (rascunho).
Elaboração da versão final do plano de negócios depois de realizadas todas as orientações e correções por parte do professor.	Gênero plano de negócios (versão final).	Elaborar a versão final do plano de negócios.	Plano de negócios (versão final).
Realização de avaliação das oficinas realizadas durante o projeto e apreciação do conhecimento adquirido pelos alunos.	Avaliação do projeto.	Responder questões sobre as experiências que os alunos tiveram durante o decorrer do projeto.	Avaliação realizada.

Quadro 1: Quadro elaborado pelo autor com os instrumentos para a geração de dados.

Cada etapa dessas foi sendo modificada de acordo com as respostas apresentadas pelos alunos durante o decorrer de cada oficina de letramento. Todos esses instrumentos foram essenciais para o desenvolvimento das oficinas do projeto, por isso, foram escolhidos cautelosamente a fim de auxiliar os alunos e o professor pesquisador a alcançar os objetivos propostos.

Durante a presente investigação utilizamos a entrevista semiestruturada ou focalizada, que segundo Gressler (2003, p. 165) é “construída em torno de um corpo de questões do qual o entrevistador parte para uma exploração em profundidade”.

Quanto ao tipo de questionário com perguntas abertas utilizado na presente investigação esclarece Gressler (2003, p. 156) “a questão aberta é destinada a permitir uma resposta franca do indivíduo, visto que não fornece nem sugere qualquer elemento para a resposta”.

Ainda segundo o autor no questionário com perguntas fechadas, as respostas disponíveis estão limitadas a algumas opções, sendo o participante tendo que escolher e analisar as alternativas, podendo responder com sim ou não ou expressando certos graus de acordo ou desacordo.

Dessa forma, o uso de tais instrumentais foi de grande relevância para a obtenção dos dados necessários ao desenvolvimento da nossa pesquisa e de seus participantes.

Para a implementação do presente estudo, trabalhamos conceitos voltados ao empreendedorismo, baseados nos conceitos de Dolabela (2006). Fizemos a leitura de textos, realização de palestras e participação em eventos em parceria com a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), com os alunos participando na construção dos textos nas práticas de letramento, nas oficinas de empreendedorismo e nas aulas de campo.

Em sala de aula, os alunos elaboraram cartas convites para o palestrante, entrevistas com alunos da escola que são empreendedores, resumos sobre as oficinas e palestras ministradas, relato de experiência sobre o que eles acharam desses momentos de formação e fora dos muros da escola, eles elaboraram uma lista/levantamento dos comércios que existem próximo à escola.

O estudo dos dados foi feito mediante a realização das atividades pelos discentes em sala de aula, nas aulas de campo e pelo desenvolvimento dos gêneros discursivos nas oficinas.

Por fim, após analisarmos os dados construídos durante a pesquisa, realizamos as nossas reflexões com os colaboradores a fim de validar as nossas interpretações.

E ao término desse trabalho e, com base, no conhecimento construído a partir dele, evidenciou-se como a utilização dos projetos de letramento contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos, através da construção de um plano de negócios contendo os conceitos de empreendedorismo estudados pelos alunos durante as ações do projeto.

2.9 CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa é constituído por 7 gêneros escritos/orais produzidos pelos alunos (carta convite, lista/levantamento, relato pessoal, questionário, roteiro de questões, entrevista e plano de negócios) , conteúdos de 4 notas de campo, respostas dos alunos a 2 questionários aplicados e 30 registros fotográficos.

As atividades desenvolvidas, em sua maioria, ocorreram em sala de aula com os alunos por meio da escrita ou fala deles, assim como pelos direcionamentos encaminhados do professor pesquisador.

Cabe ressaltar que as atividades escritas foram registradas em um caderno entregue pelo professor logo no início do projeto e devolvido ao final de cada oficina e que as atividades também foram realizadas de forma impressa e entregues aos alunos e de forma digital com o auxílio do laboratório de informática da escola.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Na presente seção abordaremos as implicações do Letramento no ensino de Língua Materna; as relações entre Letramento e formação cidadã; os Projetos de Letramento como uma ferramenta didática aliada ao ensino; a parceria entre empreendedorismo e ensino de Língua Materna na melhoria da escrita do aluno da EJA; a utilização dos gêneros discursivos no ensino de Língua Portuguesa, associando o empreendedorismo ao processo de escrita; e por fim, sobre os desafios na Educação de Jovens e Adultos.

O conceito de letramento começou a ser utilizado primeiramente no âmbito acadêmico, em uma tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” (Kleiman, 1995, p. 16) dos estudos sobre a alfabetização.

Aos poucos, os estudos sobre o letramento foram se expandindo, com a finalidade de descrever as condições reais do uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não industrializadas que começavam a utilizar a escrita como “tecnologia” (Kleiman, 1995, p. 16).

Dessa maneira, os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, e sim que os efeitos estariam correlacionados às práticas sociais e culturais dos diversos grupos que utilizavam a escrita.

Para o desenvolvimento da pesquisa ora pretendida buscamos apoio nos pressupostos da Linguística Aplicada, na perspectiva de Street (1984) sobre os usos sociais da escrita, uma vez que é no interior das práticas sociais que o letramento se realiza, de acordo com o contexto, com o propósito e a realidade cultural.

Ao evidenciar acerca dos estudos do letramento no Brasil, Kleiman (1995) diz o seguinte:

Os estudos sobre o letramento no Brasil estão na contemporaneidade em um processo ao mesmo tempo incipiente e extremamente vigoroso, configurando-se hoje como uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união do interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado à formulação de perguntas cuja resposta possa vir a promover uma transformação de uma realidade tão preocupante como é a crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita (Kleiman, 1995, p. 15).

Dessa forma, adotamos a concepção de letramento como o conjunto de práticas sociais de usos da escrita que se define em função dos objetivos dos participantes, do(s) texto(s) que a embasam e do modo como se realizam, dado que são histórica e ideologicamente determinadas (Kleiman, 1995; Barton; Hamilton, 1998).

Para Barton (1998), existem paralelamente diversos tipos de letramento. Para o autor o Letramento não é igual em todas as situações, por isso devemos falar em Letramentos.

Partindo da noção de letramento situado, que se trata das práticas de letramento desenvolvidas em determinado contexto social, Kleiman (2001), propõe que as práticas de letramento devem ser analisadas a partir da perspectiva das práticas de leitura e escrita em situações reais de uso.

Com base nessa premissa, buscamos analisar as implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita dos alunos do ensino fundamental, da modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo.

Assim como também buscamos compreender se a utilização de projetos de letramento, com enfoque no empreendedorismo pelos alunos da EJA conseguiu reduzir as dificuldades de escrita que eles apresentavam antes do estudo, situados nos conceitos de empreendedorismo (que serão evidenciados em uma seção posterior) abordados por Dolabela (2006, p. 19), que contextua que “[...] o empreendedorismo é um instrumento de desenvolvimento social (não só de crescimento econômico) e o dissemino por meio da educação para que possa produzir mudança cultural”.

3.1 LETRAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Nesta seção, evidenciaremos quais são as contribuições do letramento para o ensino de língua materna. Nosso embasamento foi realizado com base nas discussões de Kleiman (1995) e Soares (2009).

Antes de começarmos as nossas discussões, primeiramente precisamos compreender qual é o conceito de letramento e como ele surgiu. Segundo Kleiman (1995):

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (Kleiman, 1995, p. 15 e 16).

Esse conceito, de acordo com a referida autora concebem os letramentos como um grupo das práticas sociais que utilizam a escrita enquanto sistema simbólico e tecnologia, em situações específicas e com objetivos específicos (Kleiman, 1995).

Nesse sentido, podemos compreender que em um primeiro momento a criação do termo letramento foi realizada para diferenciá-lo das práticas de alfabetização, que focavam no aprendizado da leitura e da escrita como ferramentas e que não se coadunavam efetivamente com os usos sociais da língua nos contextos de interação reais, como em uma conversa informal, por exemplo. Tais práticas não consideravam os diversos campos de atuação social dos sujeitos e os conhecimentos que eles possuíam que não estavam necessariamente ligados a conteúdos aprendidos na escola.

No ensino dito tradicional, as práticas de fala, leitura e escrita voltavam-se em geral a exercícios de classificação de classes e regras gramaticais e não consideravam os diversos saberes que os alunos possuíam, frutos de suas interações e práticas sociais, seja com a família, amigos, colegas de turma etc. O que era tido como conhecimento popular não era importante, somente o saber teórico e científico era importante para ser aprendido e alvo de análise.

A palavra alfabetização não era suficiente para abarcar todas as possibilidades de uso da língua, pois, deixava de lado tudo que não era considerado importante para ser aprendido. Um aluno por exemplo que morasse na zona rural e tivesse o conhecimento para lidar com as tarefas do campo, possui um tipo de letramento, o qual podemos chamar de letramento do campo. Ele sabe utilizar a língua para conversar com os seus pais, vizinhos e comunidade. Ele conhece as expressões utilizadas pelas pessoas daquela área, que são diferentes dos sujeitos que moram na zona urbana. Para as práticas de

alfabetização, esse conhecimento desse aluno não era interessante para ser estudado, entretanto para as práticas de letramento, esse saber deve ser considerado na escola, pois, ele é fruto de uma prática do cotidiano desse estudante.

Dessa forma, podemos compreender o letramento como forma de agir sobre a sociedade, utilizando-se das práticas sociais de uso da língua nas mais diversas situações comunicativas. O letramento também pode ser visto como uma forma de ascensão social, econômica e cultural. O indivíduo ou grupo de indivíduos que dominarem a utilização das práticas de letramento podem usufruir de uma posição privilegiada em qualquer sociedade e meio no qual eles estejam inseridos.

A escola é o espaço de letramento por excelência, mas não é o único. (Kleiman, 1995). As práticas de alfabetização tinham a escola como praticamente o único espaço para se desenvolverem, entretanto com as práticas de letramento isso não ocorre. Elas podem ocorrer no campo, na igreja, em casa, no trabalho etc.

Práticas de alfabetização e de letramento são atividades diferentes. As duas podem ocorrer no ambiente escolar, entretanto as práticas de letramento podem ocorrer em espaços não escolares. As de alfabetização têm como objetivo fazer com que os sujeitos aprendam a ler e a escrever, já as de letramento têm como objetivo fazer com que os sujeitos consigam utilizar tais ferramentas em diversas situações concretas de uso.

Para concluir o conceito de letramento, Soares (2009, p. 18) resume afirmando que “**letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Podemos compreender dessa forma que a parte mais importante que precisamos destacar é o “apropriar-se da escrita”. Apropriar-se dela vai muito além de reconhecer ou decorar as regras da língua, isso significa fazer uso da língua para as mais diversas situações que surgem no nosso cotidiano, desde ir ao banco, a um restaurante, escrever uma mensagem para um amigo ou familiar, fazer uma lista de compras etc.

Todas essas situações envolvem conhecimentos que muitas vezes não são objeto de ensino na escola, mas fazem parte de diversas práticas cotidianas.

Muitas vezes os alunos não conseguem se inserir em algumas situações de uso da linguagem por não terem aprendido através de práticas reais como elas acontecem.

Vemos a partir disso que as práticas de letramento não podem ser deixadas de lado na escola, elas precisam ser cada vez mais inseridas nas propostas curriculares.

Para diferenciar os estudos sobre letramento dos estudos sobre alfabetização, podemos evidenciar em Soares (2009) que:

A diferença entre **alfabetização** e **letramento** fica clara também na área das pesquisas em Educação, em História, em Sociologia, em Antropologia. As pesquisas que se voltam para o estudo do número de alfabetizados e analfabetos e sua distribuição (por região, por sexo, por idade, por época, por etnia, por nível socioeconômico, entre outras variáveis), ou que se voltam para o número de crianças que a escola consegue levar à aprendizagem da leitura e da escrita, na série inicial, são pesquisas sobre **alfabetização**; as pesquisas que buscam identificar os usos e práticas sociais de leitura e escrita em determinado grupo social (por exemplo, em comunidades de nível socioeconômico desfavorecido, ou entre crianças, ou entre adolescentes), ou buscam recuperar, com base em documentos e outras fontes, as práticas de leitura e escrita no passado (em diferentes épocas, em diferentes regiões, em diferentes grupos sociais) são pesquisas sobre **letramento** (Soares, 2009, p. 23 e 24).

A autora ilustra bem como os estudos sobre alfabetização e letramento têm objetivos diferentes. Enquanto os estudos sobre alfabetização buscam dados como o número de alfabetizados ou de analfabetos, seguindo fatores como o número existente deles por região, sexo, etnia etc., os estudos sobre letramento estão interessados em identificar os usos e as práticas sociais de leitura e escrita realizados por determinados grupos sociais como crianças, adolescentes e adultos, podendo ser na atualidade ou em épocas passadas.

As práticas de letramento são riquíssimas e elas vão além do que a escola muitas vezes proporciona aos alunos. O letramento não pode ser visto de uma forma singular, pois, diversos são os seus tipos e formas.

Cada sujeito passa por experiências de vida diferentes, vive em contextos sociais e culturais diferentes e, por isso, experiencia formas distintas de comunicação e adquire conhecimentos particulares. Os alunos utilizam a língua antes de chegarem à escola. Eles estão imersos em diversas práticas de letramento em casa com os seus familiares, com os amigos e nas práticas

sociais nas quais eles estão inseridos. O resultado dessas interações garante a eles conhecimentos que vão moldar as suas formas de interação e a sua visão de mundo.

Na escola eles não aprenderão a falar, e, sim a ler e escrever e a tomar conhecimento das várias instâncias que a língua tem. Mas, isso não significa que é só quando eles adentram dentro dos muros da escola é que podem ser considerados em processo de letramento, esse processo já começou a acontecer antes. Na escola eles terão contato com outras formas de letramento e poderão ter acessos a gêneros discursivos e textos diversos, que os ajudarão a aumentar o conhecimento de mundo que eles já possuem.

A necessidade de letrar os alunos foi percebida quando os educadores começaram a perceber que as práticas de alfabetização eram insuficientes para dar conta das demandas sociais de uso da leitura e escrita que a sociedade exige.

A esse respeito, Soares (2009) ressalta a importância do papel da educação, ao dizer que a função dela não é simplesmente ensinar a ler e a escrever, mas o de fazer com que os indivíduos possam fazer o uso da leitura e da escrita envolvendo-se em diversas práticas sociais.

Para que tais práticas de letramento possam se desenvolver nas escolas, algumas condições para o seu implante são necessárias. De acordo com Soares (2009), duas condições são fundamentais, a primeira é que exista uma escolarização real e efetiva da população, e a segunda é o acesso a materiais de leitura pela população.

O investimento em educação precisa aumentar ainda mais para que essas duas condições possam ocorrer no Brasil. Os professores são cobrados cada vez mais a darem conta de mais e mais demandas para que os níveis de escrita e leitura dos alunos alcancem os índices de países ditos de “primeiro mundo”, onde a educação recebe altíssimos investimentos e a qualidade da formação dos profissionais da educação é maior.

Segundo Kleiman (1995), as carências do sistema de educação na formação de indivíduos plenamente letrados não advêm apenas de o fato do professor ser visto com um representante pleno da cultura letrada e nem das falhas do currículo que não prepara os docentes para o ensino, para a autora,

elas decorrem dos pressupostos que embasam o modelo de letramento adotado pela escola.

Temos em nosso país uma falta de políticas de Estado para a educação, pois apenas políticas de Governo são elaboradas. Sendo que o que um governo implementa, o seguinte muitas vezes não prossegue. Outro problema é a falta de acesso a livros pela população. Isso reflete nos índices de leitura do país. Os livros são muito caros, o que dificulta a compra pela população.

Até mesmo o livro didático não chega até todos os alunos nas escolas espalhadas pelo país. Além da falta de material didático, tecnológico, falta de acesso à internet, o básico que é o livro muitas vezes não é de acesso total aos estudantes que não podem levá-lo para casa ou precisam dividi-lo com os colegas da mesma turma ou de turmas diferentes.

E, quando se fala da questão do ensino de jovens e adultos, os problemas são bem mais profundos. Para Kleiman (1995):

A interação na aula de alfabetização de adolescentes e adultos é potencialmente conflitiva, pois nela se visa ao deslocamento e substituição das práticas discursivas do aluno por outras práticas, da sociedade dominante. Ao mesmo tempo em que a aquisição das novas práticas que é percebida como necessária para a sobrevivência e a mobilidade social na sociedade tecnologizada, essa aquisição se constitui no prenúncio ou abandono das práticas discursivas familiares (Kleiman, 1995, p. 48).

Muitos são os problemas enfrentados pelas pessoas no que se refere à implementação de práticas de letramento em nossa sociedade e não parece que tais dificuldades serão superadas em um curto espaço de tempo.

Soares (2009) deixa bem claro ao afirmar que o termo letramento é complexo para ser definido, pois, ele engloba um extenso repertório de conhecimentos, habilidades, capacidades, usos, valores e funções sociais.

A dificuldade em entender qual conceito de letramento utilizar como vimos nas palavras da autora decorre de o letramento não ser singular, e, sim, plural. Quando falamos em letramento, precisamos compreender que dentro desse conceito subjazem vários tipos de conhecimentos, habilidades, práticas sociais e individuais. Portanto, o mais correto seria falar letramentos, pois dá uma visão mais ampla do que o conceito abarca.

Também nessa proposta encontramos diferenças entre as práticas de letramento de cada indivíduo enquanto ser único e enquanto sujeito social, que está inserido em várias práticas de uso da linguagem no dia a dia, na interação com outros sujeitos.

Como cada tipo de letramento é diferente, aprendemos e ensinamos formas distintas dele. Os tipos de letramentos que são repassados pela sociedade são fruto de milhares de anos de conhecimento acumulado com as experiências de interação comunicativa, entretanto cada sujeito aprende um ou outro tipo de letramento com as experiências nas quais eles têm contato.

Quando falamos em dimensão individual e social do letramento, parece ser mais simples compreender o conceito dele, mas, não é tão simples assim. Cada aspecto envolve outros subjacentes.

No letramento encontramos dois processos fundamentais e que são distintos, mas ao mesmo tempo complementares: ler e escrever. A dificuldade em desenvolver as práticas de letramento de leitura e escrita ocorre segundo Soares (2009) porque:

Apesar dessas diferenças "fundamentais", as definições de letramento frequentemente tomam a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre elas (uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou alguém pode ler fluentemente, mas escrever muito mal) (Soares, 2009, p. 68).

Em um segundo aspecto, temos aqueles sujeitos que trabalham esses dois processos priorizando um sobre o outro, frequentemente privilegiando a leitura em relação à escrita, ignorando o fato de eles serem complementares, uma vez que, o letramento envolve ambos (Soares, 2009).

A leitura e escrita, como bem destacou a mencionada autora, são duas habilidades bem complexas e que têm visões diferentes de ensino de acordo com a abordagem teórica que se escolhe seguir. Dentro dos aspectos individual e social de letramento, tais habilidades também têm diferenças.

Sempre que se fala em leitura e escrita, estamos falando em duas habilidades que abrem as portas de um mundo amplo de interações e práticas sociais que são desenvolvidas a todo momento em sociedade e que vão muito além de (de)codificar palavras, frases ou orações.

Quando se pensa no aspecto individual do letramento, precisamos compreender que a leitura é, segundo Soares (2009), um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que vão da habilidade de decodificar palavras à capacidade de realizar a compreensão de textos.

A leitura é uma ferramenta de acesso ao mundo, como vimos nas palavras de Soares (2009). É através dela que os indivíduos podem ter contato com uma gama infinita de gêneros discursivos e textos, desde os mais simples como um bilhete até os mais elaborados como um artigo científico, e de diferentes áreas como a literatura até áreas como a do domínio jurídico, científico, religioso etc.

Ler é uma habilidade que contribuiu para o desenvolvimento das práticas que realizamos enquanto sujeitos em uma sociedade. É através da leitura que conseguimos acumular o conhecimento necessário para conhecer o que os nossos antepassados vivenciaram e dar início a uma nova história que será conhecida por nossos descendentes. Realizamos também estudos baseados no que pesquisadores no passado estudaram e conseguimos realizar novas pesquisas, acrescentando novos conhecimentos ou descartando pontos que depois descobrimos que não estavam tão corretos.

Para os alunos, a leitura é a porta de entrada para diversas práticas sociais. A escola muitas vezes é apontada como a culpada pelos alunos não gostarem ou não criarem o hábito de ler, entretanto, a escola não é a única responsável por desenvolver o gosto pela leitura no alunado. Pais, familiares, amigos, sociedade, todos podem auxiliar no desenvolvimento da leitura.

Ler não deve ser visto pelos alunos como um dever que a escola cobra e nem como uma métrica de quantos livros eles devem ler por ano. Não existe prática social que exista em nossa sociedade que não exija o uso da leitura. Os alunos precisam compreender que a leitura é importante para poder fazer parte de tais práticas desde utilizar um caixa eletrônico em um banco, votar durante o processo das eleições e até conseguir utilizar um medicamento prescrito por um médico.

Também não podemos deixar de falar da escrita, que complementa o processo de leitura, e que, na sua dimensão individual, conforme diz Soares (2009) trata-se de um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, mas que são diferentes das de leitura. As habilidades de escrita se estendem da habilidade de decodificar palavras à capacidade de associar informações

advindas de textos variados, a capacidade de registrar unidades sonoras e a competência de transmitir significados de maneira apropriada a um eventual leitor.

Dessa forma, a escrita é uma habilidade que contribui conforme diz Soares (2009) para complementar a leitura, não podendo serem vistas como habilidades opostas, e sim complementares. Escrever é expressar ideias e organizar pensamentos. Através da escrita podemos nos colocar como autores de nossos próprios textos e levar a nossa forma de ver o mundo a outras pessoas, a leitores que poderão concordar, discordar, encantar-se, criticar, elogiar e a espalhá-los mundo à fora. O alcance da escrita é amplo, foi uma habilidade que contribuiu para o desenvolvimento da espécie humana. Ao observarmos a história podemos ver o que éramos antes e depois da invenção da escrita.

Antes da invenção da escrita nenhum povo conseguia guardar os conhecimentos e práticas aprendidos por seus antepassados e repassá-las a futuras gerações de forma detalhada, uma vez que, tudo era transmitido pela oralidade e com o passar do tempo muitas informações eram perdidas, pois, os detentores de tais conhecimentos morriam e muitas vezes não transmitiam para os seus descendentes ou as pessoas mais jovens não se interessavam em aprendê-las e com isso não as repassavam adiante.

Com o advento da escrita essa realidade se transformou. Foi possível guardar as histórias de nossos antepassados de forma fidedigna, organizar estoques de produtos, impostos, criar leis, registrar pessoas etc. Nas escolas foi possível fazer com que os alunos pudessem compreender as formas de organização da sociedade e como eles poderiam se inserir nelas fazendo uso da escrita.

Saindo do processo de criação e surgimento da escrita e de sua importância para o desenvolvimento de nossa sociedade e voltando para as dimensões do letramento, podemos perceber de acordo com Soares (2009) que na dimensão social do letramento, o foco está voltado para o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita em contextos particulares e como essas habilidades estão relacionadas com as necessidades desses sujeitos, assim como os valores e as práticas sociais deles.

A dimensão social do letramento como pudemos observar nas palavras da autora diz respeito às práticas desenvolvidas em nosso cotidiano e que perpassam por todas as interações que realizamos com outros indivíduos todos os dias. O letramento não pode ser visto unicamente de forma individual, pois, as habilidades que aprendemos e utilizamos foram criadas para serem usadas em contextos reais de comunicação, nos quais utilizamos a linguagem de forma real, seja no uso da leitura ou da escrita, ou com outras formas de conhecimento.

Entretanto, Soares (2009, p. 72) enfatiza que essa visão da dimensão social do letramento é conflitante, pois existem pensamentos diferentes acerca disso. Entre essas visões encontramos uma mais progressista, “liberal” e outra radical, “revolucionária”.

Ao falar dessa visão mais progressista, Soares (2009) aponta que essa perspectiva mais “liberal” vê o letramento a partir dos usos realizados pelos indivíduos e das formas empíricas que eles adquirem na vida social, ou seja, o letramento é visto como as habilidades fundamentais para que os sujeitos atuem verdadeiramente nos mais diversos contextos sociais.

E, a segunda visão considerada radical conforme de Soares (2009) não considera o letramento como um “instrumento” neutro que é utilizado quando é necessário nas práticas sociais, mas, sim como um conjunto de práticas socialmente construídas que englobam a leitura e a escrita em contextos mais amplos, que são responsáveis por reforçar ou discutir valores, tradições e maneiras de distribuição de poder em campos diversos.

Podemos concluir que essas duas visões sobre a dimensão social do letramento apontam para uma direção de suma importância que deve ser trabalhada na escola: a conexão entre as práticas de leitura e escrita com as relações sociais, ideológicas, culturais e políticas realizadas em sociedade pelo uso da língua.

Toda prática de letramento perpassa por todas essas relações. Todo uso da língua está imbuído de ideologias e elas são construídas a partir das relações sociais. Cada sujeito de forma individual constrói a sua própria identidade, contudo, elas são um reflexo do meio no qual eles estão inseridos.

O trabalho com o letramento na escola não é uma tarefa simples, mas é um trabalho que precisa ser desenvolvido. Como falamos durante nossas discussões, a prática tradicional de alfabetizar os alunos, que consiste apenas

em ensiná-los a ler e escrever, não se mostrou suficiente para dar conta das práticas reais de uso da linguagem, pois, ela dava apenas conta de ensinar aos alunos a ler e a escrever apenas como forma de (de)codificar a língua, o que não dá conta de preparar os estudantes para as situações cotidianas de uso da língua. Daí a necessidade do surgimento e implementação nas escolas do letramento.

Para enfatizar qual é o papel da escola no processo de letramento dos estudantes e como é possível fazer uma avaliação desse processo no contexto escolar, Soares (2009) aponta condições favoráveis para isso acontecer. Entre as favoráveis estão o fato de que o letramento no ambiente escolar é um processo, e não um produto, por isso, a escola pode utilizar avaliações e medições em várias etapas diferentes, avaliando em pontos distintos a aquisição de habilidades, conhecimentos, usos sociais e culturais da escrita e da leitura.

Soares (2009) ainda aponta que dessa forma as escolas fragmentam e diminuem o amplo conceito de letramento, reduzindo-o a algumas habilidades e práticas de leitura e escritas específicas que serão avaliadas ao fim de determinado período.

Ao discorrer a respeito de como o letramento escolar é visto, Cook-Gumperz (1986, p. 14 *apud* Soares, 2009, p. 85) nos diz o seguinte: “A instituição escola redefiniu o letramento, tornando-o o que agora se pode chamar de letramento escolar, ou seja, um sistema de conhecimento descontextualizado, validado através do desempenho em testes”.

As práticas sociais exigem dos alunos muito mais do que eles aprendem na escola. Então, a escola não pode negar aos alunos o direito de aprenderem o que eles encontram todos os dias nas práticas sociais nas quais eles estão inseridos e nas quais eles estarão ao concluírem o ensino básico.

Toda prática de letramento é social, pois vivemos em constante interação com outros falantes da língua. Dessa forma, é dever da escola preparar os alunos para utilizarem diversas práticas de letramento nos mais diversos contextos de uso da língua.

3.2 LETRAMENTO E FORMAÇÃO CIDADÃ

Nesta seção pontuaremos alguns conceitos sobre letramento cidadão e os seus impactos na vida dos discentes. Para isso, nos alicerçamos nos pressupostos teóricos de Rojo (2004) e Suassuna (2017).

Inicialmente, precisamos destacar que um dos pilares da formação do estudante é a sua formação cidadã, ou seja, como sujeito consciente dos seus direitos e deveres sociais e como sujeito crítico que participa ativamente no processo de construção de seu entendimento das questões sociais e suas formas de participação em prol de melhorias de condições para a comunidade em que vive.

Para que essa formação ocorra, a escola, por meio de seus projetos de ensino, se configura como a principal agência de letramento, capaz de contribuir para a preparação do aluno com vistas à sua atuação cidadã frente às circunstâncias com as quais se deparam, independente da esfera de atividade em que se situe.

Nesse sentido, o trabalho com os letramentos é fundamental para desenvolver e promover a formação cidadã dos discentes, uma vez que, como sujeitos eles estão inseridos nas mais diversas práticas de utilização da linguagem cotidianamente.

Rojo (2004), ao discorrer sobre essa temática, afirma que as práticas de leitura desenvolvidas na escola desenvolvem apenas uma pequena parte das capacidades necessárias para inserir os estudantes nas mais diversas práticas sociais que são exigidas pela sociedade. A escola escolhe apenas aquelas que a interessam, tornando a leitura somente como um processo de repetição de ideias do outro, geralmente uma autoridade.

Dessa forma, para a autora as práticas de letramento ainda não desenvolvem todas as capacidades exigidas pela sociedade para as práticas de interação com as quais os sujeitos se defrontam nas mais diversas áreas sociais existentes.

Para que os alunos possam se conduzir no processo de formação cidadã, as práticas de leitura e de escrita e os eventos de letramento ocupam espaços fundamentais, haja vista que são essas práticas e os eventos que podem favorecer seu aprendizado para o exercício da cidadania. Entretanto, é possível

observar que as atividades escolares não têm obtido, por vezes, resultados favoráveis à formação do aluno.

Quando se fala em compreensão e interpretação, especificamente, a situação é mais preocupante, pois, não raro encontramos estudantes que apresentam muitas dificuldades em compreender textos de diversas extensões e de diferentes gêneros, o que impede o seu desempenho escolar e, conseqüentemente, o seu atendimento às demandas sociais em termos de leitura e de escrita.

Para que a escola possa contribuir mais significativamente com a melhoria dos rendimentos dos alunos e, com efeito, no aperfeiçoamento de seus letramentos faz-se necessário que as situações de ensino-aprendizagem estejam coadunadas com as exigências interacionais da sociedade grafocêntrica contemporânea. Nesse sentido, Rojo (2004) evidencia que se faz necessário:

[...] ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras (Rojo, 2004, p. 2).

É fundamental que as práticas escolares estejam direcionadas para alcançar esses propósitos, assim a cidadania será desenvolvida de forma que os discentes poderão ter acesso a várias situações e contextos comunicativos que apenas um cidadão letrado poderá usufruir.

Também é válido destacar que quando falamos sobre letramentos e formação cidadã não estamos reduzindo essa temática a uma ou a outra área, mas ao trabalho que os docentes de todas as áreas, assim como a comunidade escolar deve participar.

Não é apenas o professor de Língua Portuguesa que deve ser responsável pelo trabalho com a leitura e a escrita, uma vez que, tais habilidades perpassam por todas as áreas e contextos comunicativos existentes.

Rojo (2004) ainda acrescenta sobre esse assunto que:

Ora, a escola e a educação básica são lugares sociais de ensino-aprendizagem de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também, e fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da moral, de circulação das ideologias. Falar na formação do leitor cidadão é justamente não olhar só uma das faces desta moeda; é permitir a nossos alunos a confiança na possibilidade e as capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão. Portanto, trata-se de nos acercarmos da palavra não de maneira autoritária, colada ao discurso do autor, para repeti-lo “de cóp”; mas de maneira internamente persuasiva, isto é, podendo penetrar plasticamente, flexivelmente as palavras do autor, mesclar-nos a elas, fazendo de suas palavras nossas palavras, para adotá-las, contrariá-las, criticá-las, em permanente revisão e réplica (Rojo, 2004, p. 7).

Outro aspecto que nos cabe ressaltar sobre o letramento e a formação cidadã é o que apresenta Suassuna (2017) ao dizer que o planejamento das aulas deve ser repensado, saindo do modelo centrado no questionamento de como o docente deve dar determinado conteúdo para o modelo de como ele pode ensinar o aluno a pensar os diferentes usos da língua em situações reais de comunicação.

A partir do exposto, podemos compreender que a autora também aponta a necessidade do enfoque no letramento para uma mudança no currículo escolar, para que assim as práticas de leitura e escrita estejam focalizadas nas situações reais nas quais a língua é utilizada, ou seja, nos eventos de letramento, dos quais os alunos participam ou necessitam participar.

A esse respeito, Suassuna (2017) ainda acrescenta:

No entanto, há algo a mais em jogo: a leitura a se praticar na escola deve, necessariamente, causar estranhamento, provocar deslocamento e reflexão, mexer com valores e crenças, permitir o diálogo do passado com o presente, constituir-se, enfim, como experiência. Logo, não se trata de encaminhar qualquer leitura de qualquer texto. A leitura é ensinável e pode ser uma significativa experiência de aprendizagem. Para isso, não basta fazer ler: há de se praticar mediação e multiplicação de sentidos, na direção da compreensão e da melhoria do mundo (Suassuna, 2017, p. 283).

Portanto, podemos perceber que o trabalho com letramentos para a formação cidadão é fundamental para o desenvolvimento crítico dos alunos por meio de práticas de leitura e de escrita significativas que os permitam avançar em termos de desempenho escolar e em outras situações que ultrapassam a ambiência escolar. Não há como formar cidadãos de verdade se os discentes não reunirem os conhecimentos necessários à sua atuação satisfatória em suas

práticas discursivas escolares e não escolares. tornarem verdadeiros sujeitos conscientes das mais diversas ferramentas que a língua tem a oferecer para a interação social.

3.3 PROJETOS DE LETRAMENTO: UMA FERRAMENTA DIDÁTICA ALIADA AO ENSINO

Nesta seção abordaremos o que são projetos de letramento (PL), quais os benefícios que eles apresentam para a Educação de Jovens e Adultos e qual a importância de utilizá-los como uma ferramenta didática no ensino de Língua Portuguesa. Nossa discussão será baseada nos estudos de Oliveira, Santos e Tinoco (2014) e Kleiman (2000; 2006; 2012).

Com relação à utilização dos projetos de letramento, Oliveira, Santos e Tinoco (2014) dizem o seguinte:

Logo, aprender por projetos é aprender respondendo a uma necessidade vinculada a uma prática social [...]. Nesse sentido, assumimos que o trabalho com projetos impõe uma forma de aprender que deve ser entendida, não como um conteúdo a ser transmitido, mas como algo a ser (re)construído (re)contextualizado, trabalhado como algo novo – não vivido –, voltado para o passado e apontando para o futuro, embora centrado no presente. A aprendizagem funciona, então, como uma forma de construção do conhecimento que se instaura a partir de um processo dialético (relação do passado-presente-futuro; individual-coletivo; local-global). Algo que se constrói num espaço de movimento (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 48).

Dessa forma, o trabalho com projetos de letramento deve surgir a partir de uma problemática social apresentada pelos alunos para que assim o professor possa trabalhar para minimizá-la ou solucioná-la.

Para Kleiman (2000), o projeto de letramento consiste em uma prática social na qual a escrita é usada para alcançar outro objetivo além da simples aprendizagem da escrita nos seus aspectos estruturais. Significa aprender a ler e a escrever para compreender o que é significativo para o desenvolvimento e aplicação do projeto.

Dessa forma, a referida autora destaca o conceito de projetos de letramento como sendo:

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita de textos que, de fato, circulam em sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade (Kleiman, 2000, p. 238).

Correlacionando o pensamento de Kleiman (2000) com o que estabelece Oliveira (2008), podemos perceber que esta, por sua vez, declara que os projetos de letramento não se apresentam como um modelo de representar o mundo, mas como uma maneira na qual os sujeitos exercem controle sobre a vida e conferem sentidos não apenas ao que fazem, mas a si mesmos.

Como nosso trabalho ocorreu em uma turma da EJA, vale ressaltar, primeiramente, que o uso de projetos de letramento nessa modalidade de ensino tem como objetivo possibilitar que os alunos sejam capazes de se comunicarem e utilizarem a língua nas mais diversas situações comunicativas possíveis no seu dia a dia, ou seja, que eles se transformem em sujeitos capazes de participar de práticas sociais de uso da leitura e da escrita nas mais diversas esferas da atividade humana.

No entanto, para que isso possa ocorrer, Conforme aponta Kleiman (2012), faz-se necessário resgatar a cidadania de grupos considerados marginalizados deve ocorrer uma resignificação das práticas sociais que os excluem, como as que ocorrem na escola. Por isso, o uso de projetos de letramento pode ajudar a esses sujeitos a se questionarem, se situarem e a argumentarem sobre as comunidades nas quais estão inseridos, através dos usos da língua e dos diversos tipos de letramento.

Dessa forma, cabe ressaltar a importância e os benefícios que os projetos de letramento podem trazer aos alunos da EJA, conforme nos mostra a autora supracitada, uma vez que, através do uso desses projetos, o professor pode auxiliar os alunos a estarem inseridos em práticas sociais das quais eles, muitas vezes, estão excluídos e necessitam de ajuda para devolver a cidadania que lhe foi retirada, em face de terem de se afastar da escola a fim de buscarem a sua sobrevivência no universo do trabalho, não conseguindo assim retomar e concluir seus estudos no período devido.

Outro ponto destacado por Kleiman (2012) é a questão da aprendizagem em contextos escolares e não escolares, que é outra realidade que se coaduna com o ensino da EJA, haja vista que ele pode ocorrer em vários espaços além

da escola, como em presídios ou centros de detenção para menores de idade, assim como ser descentralizada da cidade para a zona rural, como é o caso da educação do campo. Essas modalidades serão tratadas em uma seção posterior.

Ao tratar do objetivo dos projetos de letramento Kleiman (2012) ressalta que:

O projeto de letramento tem por principal objetivo repensar o ensino da escrita a fim de que esta passe a fazer parte do mundo social do aluno. Uma possível decorrência dessa concepção de ensino é o encurtamento da distância entre a língua falada e a língua escrita: primeiro, porque as práticas letradas incluem práticas orais como, entre outras, as de participar de um debate, fazer a apresentação de um seminário, fazer uma entrevista; e, segundo, porque no decorrer de um projeto, criam-se situações que permitem a percepção de que tanto o uso da escrita quanto o exercício da oralidade estão implicados em situações de legitimação do grupo, ou seja, criam-se situações que permitem perceber a imbricação entre usos da linguagem e mudança social (Kleiman, 2012, p. 30 e 31).

É preciso mencionar que o trabalho com projetos não é algo inédito e nem recente. A organização do ensino há muito tempo ocorre mediante a divisão por disciplinas e séries, anos, graus, módulos, blocos etc. Devido a essa divisão fragmentada, o processo de ensino-aprendizagem perde muito do seu potencial de formar cidadãos com uma visão mais completa e ampla, pois cada professor trabalha muitas vezes de forma isolada e não correlacionando as competências e habilidades da disciplina que leciona a outras áreas do saber, tanto da sua área como de outras áreas.

Muitos docentes, para tentar mudar essa visão tradicionalista de organização do ensino, elaboram projetos, sejam eles disciplinares (na sua disciplina) ou interdisciplinares (envolvendo mais de uma disciplina). Nessa perspectiva, Oliveira, Santos e Tinoco (2014) afirmam que, ao pensar em projetos, alguns pontos são importantes. Entre eles estão onde inserir o tema do projeto, se o professor deve direcionar o conteúdo de sua disciplina ao que está sendo trabalhado no projeto e se o professor, em específico o de Português, deve produzir gêneros variados de acordo com o conteúdo de cada série.

E, para complementar essas indagações, as autoras dizem que algumas perguntas precisam ser respondidas com outras perguntas, como:

[...] o que me incomoda quando penso no desenvolvimento de projetos em minha escola? O que é, de fato, difícil para mim? Estaria a dificuldade no desenvolvimento dos próprios projetos, ou sou eu, professor, que me sinto despreparado para essa 'nova' alternativa de ensinar e aprender (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 16)?

Tais questionamentos passam várias vezes pela cabeça de diversos professores, principalmente dos que trabalham nas escolas públicas da educação básica. Além dessas indagações ainda podemos acrescentar mais uma problemática no ensino através de projeto que é a dificuldade em conciliar os conteúdos programáticos de cada disciplina com o(s) tema(s) abordado(s) no projeto.

A esse respeito, Oliveira, Santos e Tinoco (2014) reconhecem a existência dessa dificuldade e ainda acrescentam que a primeira dúvida que surge na mente do professor é qual a melhor maneira de aliar o tema surgido no projeto com o conteúdo das séries nas quais o docente atua. O que acaba diminuindo a função social do projeto, que não pode ser pensado como uma extensão dos conteúdos escolares programados na grade curricular.

Essas reflexões ajudam os professores a perceberem sobre a verdadeira importância do trabalho com projetos, que não é de simplesmente trabalhar um conteúdo da disciplina de forma “diferente” ou trabalhar um conteúdo que não faz parte da grade curricular daquela área, mas que o docente e os alunos consideram importantes em termos de ensino-aprendizagem.

A nosso ver, o verdadeiro objetivo de trabalhar com projetos é o de promover, em sala de aula/na escola, momentos nos quais os alunos possam lidar com práticas reais vivenciadas socialmente, sobretudo no tocante ao uso satisfatório da Língua Portuguesa que, por muitas vezes, fica somente na teoria e os alunos não têm a oportunidade de experienciar, na prática, a língua em seus vários contextos de uso.

Essa dificuldade em trabalhar de forma diferente da tradicional não é de hoje, segundo Oliveira, Santos e Tinoco (2014) essa prática vem desde a Idade Média, período em que a aprendizagem acontecia de maneira direta, na relação entre mestre e aprendiz, na qual ao mestre cabia garantir ou negar o acesso ao conhecimento ao aprendiz, e a esse último cabia apenas a função de ser um receptáculo das orientações transmitidas, sem questioná-las.

Nessa época, como podemos perceber a estrutura de ensino não era tão diferente do modelo ainda adotado por muitas escolas. Nosso sistema de ensino adotou muito desse modelo de ensino existente na Idade Média. Mesmo tendo passado séculos de distância entre eles, podemos evidenciar que pouca coisa evoluiu na forma de ensinar, o que é preocupante.

A maior semelhança que podemos encontrar é a divisão dos conteúdos por disciplinas específicas. Essa divisão continua a existir mesmo depois de tanto tempo e se mostrando pouco ou nada eficaz para o processo de aprendizagem dos alunos, pois, fraciona o conhecimento, isolando-o como se ele fosse fragmentado e não tivesse relação com outros.

Devido a essa fragmentação do ensino e dos conteúdos se torna mais difícil trabalhar com temas que estejam relacionados ao dia a dia dos estudantes. Dessa forma, eles acabam por achar que os conhecimentos apreendidos na escola não tem sentido, tampouco aplicação real em suas experiências cotidianas.

Em razão disso, passam anos na escola e ao saírem muitos não conseguem utilizar de forma eficaz o que passaram anos estudando. Eles leem, mas não sabem interpretar o que leram; escrevem, porém com muitos erros ortográficos e desvios de concordância, tanto nominal quanto verbal. Isso só para resumir as principais dificuldades, pois sabemos que existem outras mais, e, não somente em Língua Portuguesa como em outras disciplinas do currículo.

O que é mais comum nas aulas de Língua Portuguesa é observarmos o total estranhamento dos discentes com a própria língua que utilizam desde a mais tenra idade. Eles não veem sentido naquilo que estão estudando. Aham que a língua da escola é outra, e, não aquela que eles a utilizam no dia a dia.

Entretanto, sabemos que o aprendizado da língua vai muito além de apenas aprender a ler e escrever, resolver questões de gramática e decorar conceitos. A língua é viva e está presente em todas as situações do nosso cotidiano, porém, o que vemos muitas vezes é que existem duas línguas: uma real, presente nas interações sociais cotidianas, e outra que é a da escola, que é uma língua muito distante dos alunos e que parece estar mais preocupada em ditar regras do que é certo ou errado na fala e na escrita.

Uma crítica apontada por Oliveira, Santos e Tinoco (2014) acerca desse ponto é a falta de mudanças na escola. Mesmo com as transformações ocorridas

na sociedade, pouca coisa avançou nas escolas, o que é preocupante. Não se pode almejar novos resultados se as práticas escolares adotadas permanecem as mesmas.

Para que uma verdadeira transformação possa ocorrer, precisa haver uma mudança metodológica nas práticas de ensino. Acerca disso, Oliveira, Santos e Tinoco (2014) afirmam que:

[...] o desenvolvimento de projetos na escola pode ser uma alternativa de ressignificação do fazer docente e discente desde que seja pressuposto um trabalho coletivo de planejamento e execução de atividades que têm objetivos e metas compartilhadas por profissionais com diferentes formações, que oferecem a sua contribuição para, juntos e com a participação ativa dos alunos, chegarem a um ponto definido prévia e coletivamente. Além dessa ação coletiva, os projetos também podem nos aproximar mais do tempo, do espaço e das práticas sociais da vida real e isso pode trazer como consequência um novo olhar da comunidade escolar e do entorno acerca da importância da escola e do que nela se faz (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 20).

Para que o processo de ensino mude, a proposta defendida pelas autoras é o trabalho com projetos. Não adianta o professor achar que trabalhar de forma isolada trará resultados positivos para o processo de aprendizagem dos alunos, o que se mostrou ineficiente durante séculos. Mas, também não significa dizer que trabalhar com projetos de qualquer forma trará resultados melhores. O trabalho com eles não pode continuar sendo feito apenas com o objetivo de trabalhar um conteúdo de forma diferente ou que não está presente na grade curricular daquela disciplina. Principalmente se o tema dele for totalmente distante da realidade dos estudantes.

Quando pensamos na leitura e na escrita em práticas reais de uso, podemos pensar em uma infinidade de situações corriqueiras que envolvem essas práticas. Se pensarmos, por exemplo, em uma conversa informal por intermédio, de um aplicativo de mensagens, podemos evidenciar diversas ferramentas para uso da linguagem, desde “emojis”, figurinhas, *gifs*, vídeos, mensagens de áudio, imagens, *links* etc. O falante tem diversas opções para desenvolver a interação através dessa ferramenta comunicativa, mas o que vai determinar as suas escolhas linguísticas é o interlocutor a quem ele se dirige e o seu conhecimento de mundo sobre o tipo de linguagem a ser utilizada nessa situação e quanto ao gênero utilizado.

Se a conversa ocorrer entre duas pessoas mais jovens (crianças ou adolescentes), tem-se uma interação marcada por uso de gírias, abreviações e a utilizações de marcas não verbais, como a utilização mais frequente de “emojis” ou figurinhas. Caso o diálogo, por sua vez, seja entre dois adultos, principalmente se eles tiverem uma idade mais avançada, poderemos encontrar usos bem distintos daqueles empregados entre os jovens. Geralmente entre interlocutores idosos, o uso da linguagem é realizado mais por mensagens de áudio e pela não utilização de gírias ou de abreviações.

Também devemos considerar o nível de proximidade dos falantes na realização das escolhas linguísticas. Se estamos conversando com um amigo ou familiar que tem um nível de proximidade e intimidade maior, podemos utilizar uma linguagem mais íntima e com marcas de linguagem conhecidas pelo nosso interlocutor. Entretanto, ao falarmos com o nosso chefe, com um gerente do banco ou com outra pessoa que não temos intimidade, utilizaremos uma linguagem diferente, pois, o nosso interlocutor pode não compreender algum detalhe da mensagem que queremos transmitir.

Esse processo de interação envolverá tanto as práticas de leitura quanto as de escrita. Nesse sentido, as ocasiões em que essas práticas se efetivam podem ser chamadas de “evento de letramento”. Para Oliveira, Santos e Tinoco (2014, p. 21), esse evento “corresponde a uma situação qualquer em que uma pessoa ou várias estejam agindo por meio da leitura e da escrita”.

Pensando em situações cotidianas de uso da língua, eis que uma questão surge: se as práticas de interação do nosso dia a dia acontecem de forma natural e viva, por que as práticas de aprendizagem de Língua Portuguesa acontecem na escola de forma descontextualizada e tão distante da vida real dos alunos?

Respondendo a essa indagação, Oliveira, Santos e Tinoco (2014) nos dizem que isso ocorre porque foi dessa maneira que nós aprendemos enquanto éramos alunos, e foi assim que nós aprendemos a ser e somos enquanto professores.

O conhecimento não é fragmentado, cada área do saber completa o saber da outra, porém, a escola faz essa fragmentação do ensino como se a aprendizagem fosse realizada por blocos individuais. A mesma coisa acontece com o ensino de Língua Portuguesa. Em sala de aula os alunos veem a língua dividida em partes, aprendendo as classes de palavras, as regras de ortografia,

de regência e de concordância, para depois juntarem tudo e escreverem textos que estejam de acordo com essas regras.

Assim também ocorre com o aprendizado da leitura na escola. É comum os professores reclamarem que os seus alunos não gostam ou não querem ler, contudo, a própria metodologia para o ensino de leitura em sala de aula continua sendo tradicional.

Se queremos mudar essa realidade, a importância de se fazer um bom trabalho através de projetos de letramento é imprescindível. Mas, como esse trabalho pode ser feito? Por quem? Em quais situações?

Os objetivos do processo de ensino passaram por diversas mudanças durante todos estes séculos, mas, muita coisa ainda precisa mudar. O modelo de ensino já foi centrado no professor, no aluno e no conteúdo. Entretanto, cada componente dessa tríade era visto de forma isolada e sem conexão. Ora o professor era o centro da aprendizagem e cabia unicamente a ele a tarefa de repassar os conteúdos considerados essenciais aos aprendizes; ora o aluno era visto como o protagonista do seu aprendizado e o professor era tido como uma ponte que interligava o conhecimento ao aluno; e, por fim, o conteúdo quando era tomado como base do processo de ensino, era visto como essencial para que o aluno pudesse se tornar um sujeito completo, dominando saberes diversos.

Tais modelos de ensino não foram substituídos totalmente, podemos encontrar ainda nas escolas processos de ensino que se baseiam em um ou mais desses três objetivos. Mesmo com todas essas mudanças de paradigma, pouco se avançou na educação brasileira em todos esses séculos de existência. Contudo, diversas propostas surgiram para que avanços fossem feitos. Oliveira, Santos e Tinoco (2014) trazem uma proposta para uma mudança de paradigma no modelo de ensino existente, ao evidenciaram que:

[...] A nossa proposta é ignorar o binômio professor versus aluno e centrar o processo educativo na interação desses agentes, considerando as potencialidades, as experiências e os **fundos de conhecimento** de cada um. Nesse processo, não há ensinantes nem aprendentes. Juntos, todos ensinam e aprendem, devendo a construção do conhecimento ocorrer num clima autêntico de trocas e de compromissos. Somente pelo partilhamento de conhecimentos é possível expandir horizontes de saber e desenvolver, nos sujeitos de aprendizagem, as capacidades de análise e crítica, habilidades tão importantes para a compreensão e transformação da realidade

sociocultural e política em que todos (alunos e professores) estão envolvidos (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 44).

As autoras utilizam a expressão “fundos de conhecimento” para se referir a premissa de que os sujeitos são competentes e possuem conhecimento, diferente daquele adquirido na escola, que foi gerado durante anos de experiência de vida, nos diversos contextos sociais nos quais eles participam fora da escola (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014).

Essa premissa das autoras está ligada intimamente à noção da importância de se utilizar os projetos de letramento como metodologia de ensino, uma vez que, essa ferramenta tem como pressuposto tratar os alunos como sujeitos históricos e sociais.

Dessa forma, elas veem os alunos sob alguns paradigmas, dos quais estão as noções de que: o aluno é um ser de conhecimento, uma vez que, não é apenas o professor que detém o conhecimento absoluto; o aluno não é um recipiente, pois, ele não é um receptáculo vazio no qual o professor deposita informações, e, por fim, o aluno é um ser de cultura, na medida em que a cultura se constrói em sua mente (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014).

São para esses sujeitos sócio-históricos, conforme dizem as autoras, que o trabalho com projetos deve ser realizado. Esses sujeitos são dotados de valores, atitudes, expressões e desejos e estão sempre dispostos a negociar aberturas no processo de interação desenvolvido durante as práticas sociais realizadas em suas atividades cotidianas (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014).

Cabe destacar que esses sujeitos têm a sua própria forma de enxergar a realidade e de agir em sociedade. Cada um possui um conhecimento de mundo singular, por isso, uma metodologia que é aplicada a um aluno ou a uma turma pode não funcionar com outro(a).

A proposta de trabalho com projetos não busca unificar a aprendizagem, pois, ela é plural. Cada projeto precisa ser pensado nas particularidades dos indivíduos.

Podemos destacar que a aprendizagem através de projetos de letramento, que é uma metodologia que busca resolver situações em sala de aula baseada em contextos reais de uso da língua, ocorre em resposta às necessidades surgidas nas práticas sociais realizadas em nosso cotidiano

enquanto sujeitos. Portanto, recorreremos a Oliveira, Santos e Tinoco (2014) ao dizerem que:

Nesse sentido, assumimos que o trabalho com projetos impõe uma forma de aprender que deve ser entendida, não como um conteúdo a ser transmitido, mas como algo a ser (re)construído, (re)contextualizado, trabalhado como algo novo – não vivido –, voltado para o passado e apontando para o futuro, embora centrado no presente. A aprendizagem funciona, então, como uma forma de construção do conhecimento que se instaura a partir de um processo dialético (relação do passado-presente-futuro; individual-coletivo; local-global). Algo que se constrói num espaço de movimento (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 48).

Percebemos assim que, aprender não significa repassar conteúdos de forma sistemática, isolada e sem ligação com a realidade dos aprendizes. O processo de aprendizagem por projetos não significa aplicar uma “nova metodologia” com uma “roupa velha”, que é utilizá-los com o objetivo de realizar práticas antigas como focar na transmissão de conteúdos.

Podemos destacar assim dois princípios dos projetos de letramento de acordo com Oliveira, Santos e Tinoco (2014). O primeiro é a desterritorialização dos lugares de aprendizagem:

[...] a compreensão de que as nossas ações não se desenvolvem isoladamente (elas estão sempre vinculadas a um sistema de atividades inter-relacionadas e situadas em um quadro de participação social mais amplo) implica compreender que construir conhecimento atendendo a uma necessidade requer a ampliação de espaços de ação. A sala de aula, apesar de ser o ponto de partida e de chegada das ações de ensino-aprendizagem, não é o único território onde a aprendizagem acontece nem onde ela se encerra (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 53).

Por sua vez, o segundo trata-se do tempo escolar. Para Oliveira, Santos e Tinoco (2014), ao se trabalhar com projetos é fundamental que o professor entenda que o tempo é uma categoria construída cultural e historicamente, portanto, o tempo escolar não é algo neutro, ele precisa ser pensado enquanto estrutura que organiza o processo de aprendizagem e realização das atividades. Dessa forma, o docente deve perceber que o tempo não é o mesmo para todos os alunos, cada um tem um tempo diferente para realizar as ações que ocorrem no espaço escolar.

As práticas escolares precisam estar pautadas sob uma visão de aprendizagem enquanto uma prática de letramento e o professor precisa atuar como um agente de letramento para transformar a sala de aula em um verdadeiro laboratório de aprendizagem.

Segundo Kleiman (2006), o professor agente de letramento é:

Um mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes, dos recursos, das capacidades dos membros da comunidade [...] um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições (Kleiman, 2006, p. 82 e 83).

A importância do professor agente de letramento é ímpar, pois, cabe a ele desenvolver em sala de aula atividades que possam ir além do simples ato de ensinar a ler e a escrever, mas, de mostrar a riqueza da utilização dessas habilidades nas mais diversas práticas de letramento possíveis. E, ao aluno, cabe a tarefa de construir o seu aprendizado, buscando oportunidades de criar uma parceria com o professor e com o seu ritmo de estudo e de aprendizagem.

Dessa forma, se o objetivo da proposta de ensino é trabalhar com o uso de projetos de letramento, temos que nos questionar sobre qual é a importância de trabalhar com essa metodologia?

Para respondermos a tal questionamento recorreremos aos dizeres de Oliveira, Santos e Tinoco (2014) que nos mostram o seguinte:

Pensar sobre o trabalho com projetos de letramento na escola significa não apenas problematizar a função dessa instituição no contexto de uma nova era bem como refletir sobre os modos de atribuir sentido às práticas de leitura e escrita efetivadas nas situações de ensino-aprendizagem de língua materna (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 57).

Assim, trabalhar com projetos de letramento na escola é fazer uma ponte entre a língua e a sociedade. Não há como negligenciar no ensino de língua materna os contextos reais de utilização da língua e as relações e construções feitas por falantes reais em situações concretas de comunicação.

O chamado fracasso escolar da educação brasileira passa por diversas situações e uma das principais é a insistência do modelo educacional de resumir o processo de aprendizagem a testes escritos e quantitativos, como se o ato de

aprender fosse circunscrito a obtenções de notas que demonstram o sucesso ou fracasso da aprendizagem dos alunos.

Podemos elencar também outros problemas que não são menos graves, mas que também impactam bastante o modelo educacional vigente, que nas palavras de Oliveira, Santos e Tinoco (2014) destacamos:

Tanto pela natureza do saber linguístico legitimado pela escola quanto pelos estilos de aprendizagem utilizados no ensino de língua materna, a escola tende a reproduzir, de forma idêntica à sociedade real, a estratificação social, favorecendo o insucesso, a seleção e a exclusão. Conforme se tem observado nos testes preocupados com a aferição de níveis de domínio nas capacidades de leitura e escrita da juventude brasileira, tanto em âmbito nacional quanto internacional, é desastroso o peso e a qualidade do impacto que as abordagens de ensino da linguagem têm provocado no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos usuários e aprendizes da língua (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 57).

Encontramos, pois, nas palavras das autoras, o objetivo do trabalho com projetos no âmbito do ensino de língua materna que é realizar uma aproximação entre os saberes linguísticos e as formas de apreensão desses conhecimentos, que são escolhidos pela escola, e, também entre os conhecimentos necessários para o completo exercício da cidadania por discentes, pelos quais passam o aprendizado da língua com o objetivo de eles atuarem em sociedade e com o intuito de se beneficiarem do uso dela (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014).

Para que tal tarefa consiga lograr êxito, algumas atitudes precisam ser revistas. Nas palavras de Oliveira, Santos e Tinoco (2014) encontramos as seguintes mudanças que precisam ser feitas no ensino de Língua Portuguesa:

Essa tarefa requer, necessariamente, o rompimento com: a) a lógica tradicional do ensino de linguagem instituído na escola; b) a fragmentação dos conteúdos de linguagem determinados nas grades curriculares; c) o protagonismo exclusivo do professor nas aulas de linguagem; d) o ensino centrado em conteúdos gramaticais predeterminados pelo professor; e) as avaliações voltadas exclusivamente para o processo de assimilação da informação gramatical oferecida na sala de aula (Oliveira; Santos; Tinoco, 2014, p. 58).

Uma vez realizadas essas mudanças no contexto da escola e da sala de aula, pode-se começar a trabalhar com os projetos de letramento. A justificativa para o trabalho com essa metodologia perpassa todos esses usos mencionados

pelas autoras, no que diz respeito às várias instâncias e aos planos de uso da língua em sociedade.

A atividade linguística, que diz respeito ao uso da língua pelos falantes nos mais diversos contextos sociais é realizada com vários interesses, desde a simples conversa descontraída entre amigos até a exposição de um trabalho acadêmico em um evento internacional. Todo uso da língua tem um objetivo, seja ele político, filosófico, humorístico, crítico, cultural etc. É a partir desses usos que o trabalho com projetos de letramento precisa acontecer.

O professor que deseja garantir a aprendizagem dos seus alunos, não somente em termos escolares, mas também na formação deles enquanto sujeitos ativos e cidadãos completos e competentes no uso da língua não pode continuar trabalhando com práticas que não evidenciem a língua enquanto entidade orgânica e viva. O trabalho com a língua vai muito além da análise de orações e dos conceitos encontrados nos livros didáticos.

O trabalho com projetos de letramento também não pode ser visto como a salvação para o sistema de ensino brasileiro e nem para o ensino de língua materna. Trabalhar com projetos de letramento na escola é uma das formas de garantir aos alunos o acesso às práticas desenvolvidas em sociedade.

A utilização de projetos é uma metodologia que tem muito a oferecer ao ensino de Língua Portuguesa, pois dá vida à língua e demonstra o quão rica ela é. Entretanto, muitas vezes esse direito é negado aos alunos, que acabam não dando importância às aulas de Português e acabam se questionando por que precisam ter aulas de língua materna se já sabem “falar Português”?

Isso só demonstra o quão longe a língua se encontra dos seus usuários. Por isso, uma mudança de paradigma é urgente. Os alunos não podem continuar com a visão de que nunca aprenderão a sua língua materna ou que a língua da escola não é a mesma que eles usam ou até que eles já sabem o suficiente sobre a língua e não precisam aprender mais.

Ao falar sobre as dificuldades de implementar os projetos de letramento na EJA, Kleiman (2012) diz que:

A prática tradicional da escola, muitas vezes sem perceber e com as melhores intenções de “ensinar a norma padrão”, acaba por excluir também de suas próprias práticas os alunos que não conhecem essa norma ou suas variantes de prestígio. A EJA é um exemplo claro disso, visto que seus alunos, em sua maioria, trazem uma história que

justamente corrobora essa posição da instituição escolar. Nesse contexto, os projetos de letramento podem ser uma forma de subverter essa situação e tentar obter mais sucesso no fortalecimento, e não na exclusão, desses grupos previamente marginalizados, por meio da escola (Kleiman, 2012, p. 35).

Podemos concluir então que o uso de projetos de letramento se adequa a nossa proposta de ensino para a realização da nossa pesquisa, pois, queremos demonstrar aos alunos quais são os usos da língua que eles podem realizar em uma prática real de comunicação balizada por alguns gêneros discursivos escolhidos para o trabalho em sala de aula, com o intuito de melhorar a habilidade de escrita deles.

3.4 EMPREENDEDORISMO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA PARCERIA NO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DO ALUNO DA EJA

Nesta seção, falaremos sobre a importância da parceria do empreendedorismo com o ensino de língua materna para o desenvolvimento da escrita do aluno da EJA. Para isso utilizamos como referencial teórico os estudos de Dolabela (2006).

Primeiramente precisamos conceituar o que é empreendedorismo. Segundo Dolabella (2006):

É uma livre tradução que se faz da palavra *entrepreneurship*, que contém as ideias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar. O empreendedor é um insatisfeito que transforma seu inconformismo em descobertas e propostas positivas para si mesmo e para os outros. É alguém que prefere seguir caminhos não percorridos, que define a partir do indefinido, acredita que seus atos podem gerar consequências (Dolabela, 2006, p. 26).

Dessa forma, dentro da nossa proposta de trabalhar o empreendedorismo nas aulas de Língua Portuguesa cabe destacar a importância que ele tem para a sociedade.

Podemos estabelecer uma relação entre a fala do autor e a nossa proposta de ensino, uma vez que, através do trabalho com o empreendedorismo na sala de aula de língua materna temos a oportunidade de desenvolver nos nossos alunos habilidades como a resolução de problemas e a curiosidade, que

estão permeadas pelo empreendedorismo e que podem nos ajudar a mostrar aos alunos que o desenvolvimento da escrita pode ajudá-los a realizar uma mudança no seu futuro e na sociedade.

Esse intercâmbio com outras áreas de conhecimento é fundamental para as aulas de Língua Portuguesa, trazendo para a sala de aula gêneros diferentes dos quais os alunos estão acostumados a verem na escola e que estão mais próximos da realidade social deles, uma vez que o empreendedorismo não faz parte do currículo da disciplina. Trabalhar com o empreendedorismo na escola é criar olhares diferentes no ensino e trilhar novos caminhos na vida dos estudantes, principalmente na EJA, uma vez que eles apresentam diversas dificuldades para se manterem no espaço escolar e concluírem os seus estudos.

Dentro da proposta de trabalharmos o projeto de letramento nas aulas de língua materna, tivemos a oportunidade de verificar qual metodologia se adequaria ao público de nosso estudo ao conversarmos sobre as demandas e dificuldades que eles apresentavam.

A escolha pelo trabalho com o empreendedorismo ocorreu devido a duas demandas que os alunos tinham: a primeira era a dificuldade na escrita que eles apresentavam e a segunda foi a desistência dos estudos devido ao cansaço de trabalhar o dia todo e estudar à noite.

Para resolvermos esses problemas, tivemos que alinhar a proposta de ensino de Língua Portuguesa com a do ensino de empreendedorismo.

Segundo Dolabela (2006), a escola dá pouca importância ao empreendedorismo:

Costumamos definir o empreendedor como “alguém que sonha e busca transformar o sonho em realidade”. Nesse conceito, o sonho é visto como na linguagem do dia a dia: “Meu sonho é ser engenheiro... é casar... ter filhos... vencer na vida”. É o sonho que se sonha acordado. Este conceito é simples, mas, na prática, encontra dificuldades, porque a nossa sociedade não nos estimula a sonhar. De fato, o sonho não faz parte da pedagogia das escolas, nem do lar, tampouco da rua. A escola não pergunta sobre o sonho porque lida com conteúdos e sabe as respostas para eles. Além do mais, tem a intenção de exercer controle. Como para o sonho, não há respostas e nem ele se deixa controlar, não é tema escolar (Dolabela, 2006, p. 41).

Podemos afirmar que, de acordo com Dolabela, não há interesse por parte da escola em trabalhar o empreendedorismo com os alunos porque ele está fora dos conteúdos programáticos que ela já está acostumada a trabalhar.

Trabalhar com o empreendedorismo é trabalhar com sonhos, e a escola, conforme o autor, não se importa em questionar quais são os sonhos dos alunos, pois ela está interessada em exercer controle sobre eles.

Contudo, ao falar sobre as dez razões para ensinar o empreendedorismo, Dolabela (2006) menciona o seguinte motivo “Cidadania. O empreendedor deve ser alguém que apresente alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, dotado de forte consciência social. A sala de aula é excelente lugar para debater esses temas” (Dolabela, 2006, p. 59).

Pode-se abordar o empreendedorismo na escola aliado ao trabalho com a cidadania, segundo o autor, e nas aulas de língua materna podemos trabalhar textos que alinhem tais temáticas.

O trabalho com a escrita dos alunos deve sempre partir do processo de leitura, uma vez que é através dela que o aluno desbravará novos mundos e poderá adquirir conhecimento para escrever sobre diversos assuntos.

Os alunos devem procurar conhecer primeiramente o que é empreendedorismo, quais os tipos de empreendedorismo, o que é ser um empreendedor, quais os tipos de empreendedor etc. Logo após ter contato com essas leituras é que o trabalho com a escrita poderá ser desenvolvido.

Como no nosso trabalho voltamos o olhar para o trabalho com a escrita/oralidade, utilizamos a leitura apenas como base para as atividades desenvolvidas, pois, não daria tempo trabalhar esses dois campos de ensino devido as suas complexidades e a limitação do tempo que dispúnhamos.

Com relação à metodologia utilizada, cabe destacar que o professor que deseja focalizar o empreendedorismo em sala de aula não pode voltar o seu processo de ensino a uma metodologia tradicional, conforme defende Dolabela:

[...] No ensino de empreendedorismo, não funciona a metodologia tradicional, em que há alguém — o professor — sabe algo, tem um estoque de conhecimentos e o transmite a outros — os alunos. Na metodologia de ensino do empreendedorismo, ao contrário, os alunos é que geram o conhecimento, representado pela concepção e pelo projeto de sua empresa, algo que não existia antes. Por outro lado, como foi dito, o ensino de empreendedorismo prioriza o ser em relação ao saber como um fim em si mesmo. O objetivo final não é instrumental, não é a transmissão de conhecimentos, mas a formação de uma pessoa capaz de aprender a aprender e definir a partir do indefinido. O empreendedor nunca para de aprender e de criar (Dolabela, 2006, p. 62).

Ainda sobre o ensino com foco no empreendedorismo, Dolabela (2006, p. 62) diz que “o seu ensino não objetiva a criação de empresas de sucesso, mas à formação do empreendedor de sucesso”.

Nesse sentido, vale salientar que, segundo o autor, o empreendedorismo não consiste em simplesmente repassar conteúdos aos estudantes, e sim partir dos conhecimentos que eles têm e explorar as suas habilidades. Ou seja, é fazer com que eles sejam empreendedores de sucesso e não que tenham uma empresa de sucesso. O que irá ocorrer, a partir dos erros e acertos de cada um, será o alimento para o seu crescimento.

Indo além desse pensamento, podemos mencionar que também o objetivo de se ensinar empreendedorismo é criar cidadãos preocupados em mudar a realidade na qual eles vivem e buscar soluções para os problemas existentes.

O espírito empreendedor passa por tudo isso. Dessa forma, o ensino também precisa estar preocupado em formar cidadãos empreendedores. Dolabela ao falar da importância de se ensinar empreendedorismo da educação infantil até a universidade nos mostra o seguinte:

A educação empreendedora tem por objetivo desenvolver, tornar disponível para uso um potencial presente na espécie humana: o espírito empreendedor. [...] A educação empreendedora para adultos significa destampar a garrafa para libertar o empreendedor ali aprisionado por um sem-número de obstáculos culturais. Já no que diz respeito à educação empreendedora para crianças, ela equivale a impedir que se tampe a garrafa e que se aprisione o potencial empreendedor presente no ser humano desde a infância (Dolabela, 2006, p. 74).

Assim, é imprescindível, de acordo com o autor, que o empreendedorismo seja trabalhado em todas as etapas da educação básica e no ensino superior como forma de libertar o espírito empreendedor que existe nos estudantes, assim como a criatividade deles.

Na EJA, o trabalho com o empreendedorismo também é primordial, uma vez que já temos alunos inseridos no mercado de trabalho e há aqueles que querem uma melhor colocação dentro da empresa que trabalham ou em outras empresas, assim como há aqueles que querem ter o próprio negócio.

A escola pode ajudar esses alunos também a se tornarem empreendedores em suas próprias vidas pessoais, fazendo com que eles consigam estabelecer metas e criar objetivos para que elas sejam alcançadas.

O professor deve ajudar os alunos a perceberem que o empreendedorismo é uma ferramenta crucial em uma sociedade tão exigente quanto a nossa, assim como a escrita.

As habilidades empreendedoras e o domínio da escrita poderão auxiliar os estudantes a se inserirem em práticas sociais as quais eles não tinham acesso antes.

Dessa forma, é através do trabalho com o empreendedorismo na escola e com o auxílio do ensino de Língua Portuguesa que podemos criar o ambiente necessário para uma mudança em vários aspectos nas vidas dos estudantes espalhados pelo país, e principalmente com os estudantes da EJA que carecem de políticas públicas voltadas a essa modalidade de ensino que foi tão sucateada durante o decorrer dos anos.

A EJA é uma modalidade que necessita de um olhar bastante especial, pois ela se diferencia das demais. O estudante da EJA tem os seus próprios anseios e dificuldades, e, portanto, precisa ter assegurado uma proposta de ensino voltada para atendê-los e ajudá-los a alcançar os seus sonhos. Essa temática será trabalhada de forma ampliada em uma seção posterior.

3.5 GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALIANDO O EMPREENDEDORISMO AO PROCESSO DE ESCRITA

Nesta seção falaremos sobre o conceito de gêneros discursivos utilizado por nós para embasarmos a nossa pesquisa, da importância do trabalho com gêneros nas aulas de Língua Portuguesa e como o empreendedorismo pode ser utilizado juntamente com eles para aprimorar o processo de escrita de alunos da EJA. Utilizamos como referencial teórico Bakhtin (1981; 1997; 2016) e Rosa (2007).

Primeiramente, cabe ressaltar que adotamos o termo gêneros discursivos baseados no conceito proposto por Bakhtin (2016). Nas palavras do autor encontramos o seguinte:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e a formas desse uso sejam tão multiformes quantos os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (Bakhtin, 2016, p. 11).

Portanto, para Bakhtin (2016) a comunicação só pode ocorrer por meio da utilização de enunciados. São esses enunciados que evidenciam os mais diversos usos linguísticos que os sujeitos falantes podem realizar através da língua.

Bakhtin ainda acrescenta as características que os enunciados possuem:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação (Bakhtin, 2016, p. 11 e 12).

Esses enunciados, segundo o autor, “são particulares e individuais. Entretanto, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12).

Para Bakhtin, os gêneros são vistos como ferramentas infinitas e inesgotáveis, utilizadas pela sociedade nas mais diversas situações comunicativas e que apresentam características particulares, de acordo com cada campo de utilização da língua e que a quantidade de gêneros vai aumentando de acordo com o crescimento do próprio campo. Dessa forma, podemos escolher melhor de acordo com cada situação interativa que gênero utilizar ou perceber qual estamos utilizando ao nos deparar com ele no dia a dia, ao analisarmos as características e os propósitos que cada gênero apresenta (Bakhtin, 2016).

Quando estamos envolvidos em determinada situação, como por exemplo, quando queremos fazer uma determinada comida, recorreremos ao gênero receita culinária, pois ele é o mais apropriado para tal situação. Dessa

forma, a situação é uma das justificativas que determina a escolha por um ou outro gênero discursivo.

A situação, porém, não é a única justificativa para a escolha de determinado gênero discursivo, pois, os gêneros são fluídos e não estanques. Eles vão sempre se modificando com o passar do tempo, adquirindo novas características e perdendo outras. Eles são determinados sociohistoricamente e, por isso, são os seus usos ou a falta deles que permite que eles vão se atualizando ou desaparecendo com o passar do tempo.

Podemos compreender, a partir daí, que não existe comunicação se não existirem os gêneros discursivos, portanto, a importância deles é enorme para todas as situações comunicativas que nos deparamos rotineiramente. Vivemos em uma sociedade na qual as práticas de leitura e escrita são fundamentais e a comunicação é matéria prima das interações que realizamos com a nossa família, amigos, colegas, seja em casa, no trabalho, na universidade, entre outras instâncias.

Isso corrobora a noção de que cada vez que interagimos em determinado campo de comunicação, sabemos quais gêneros utilizar por compreender antes qual se adequa ao objetivo que queremos atingir. Esse domínio no uso deles só pode ocorrer se os falantes compreenderem a esfera na qual cada um se encontra, o que apenas compreender os aspectos formais da língua não garante a correta utilização de dado gênero discursivo.

Bakhtin (2016) ao abordar sobre o estudo dos gêneros discursivos diz que eles podem ser divididos em gêneros primários e secundários:

Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – ficcional, científico, sociopolítico etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (Bakhtin, 2016, p. 15).

Podemos compreender, dessa forma, que os gêneros primários são aqueles que podemos encontrar com mais facilidade na esfera cotidiana como uma conversa informal, um bilhete, uma fofoca, e os gêneros secundários são

aqueles mais complexos e que são encontrados em esferas específicas como a acadêmica, a jurídica, a política, como o seminário, a sentença jurídica, o projeto de lei etc.

Podemos perceber assim que, Bakhtin enfatiza o papel dos gêneros nas situações de produção textual, pois, é através deles que as escolhas linguísticas serão pensadas. Cada um traz consigo regras estabelecidas pelos próprios falantes da língua para a sua construção e circulação. Quando pensamos, por exemplo, em um edital de concurso, percebemos que é um gênero que preza pela formalidade da linguagem, pois, é construído por termos da esfera jurídica. Já quando pensamos na conversa informal, notamos que o predomínio da linguagem informal e da multiplicidade de temas que são tratados nele é diferente da do edital de concurso.

É por isso que Bakhtin (1981) diz que:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (Bakhtin, 1981, p. 21).

Devido a esses fatores como afirma Bakhtin é que os gêneros vão se desenhando enquanto estruturas comunicativas. Eles vão criando forma ao se estabelecerem enquanto estruturas que vão se delineando conforme a intencionalidade, propósito comunicativo, tema e situação na qual se encontram os falantes, por isso é que eles têm essa “facilidade” de se adequarem a cada esfera de utilização. Esses gêneros do discurso vão se materializar em textos, os mais variados possíveis e assumir diferentes formas, objetivos e extensões.

O texto será uma ferramenta importantíssima no processo de comunicação. Nos dizeres de Bakhtin (1997) encontramos o seguinte sobre ele:

O texto (oral ou escrito) como dado primário de todas essas disciplinas, e, de um modo mais geral, de qualquer pensamento filosófico-humanista (que inclui o pensamento religioso e filosófico em suas origens), o texto representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento (Bakhtin, 1997, p. 329).

No trabalho ora proposto, decidimos adotar o conceito utilizado por Bakhtin por entendermos que ele se adequava melhor ao objetivo do nosso estudo, uma vez que pretendíamos mostrar aos alunos através do uso dos gêneros discursivos como a comunicação acontece nas situações cotidianas que envolvem as práticas de escrita e como esse trabalho aliado ao empreendedorismo poderia ajudar no aprimoramento da escrita deles.

Os alunos da EJA apresentam algumas dificuldades, principalmente na leitura e na escrita, seja por não saberem ler ou não saberem interpretar o que leram ou com dificuldades na escrita de várias palavras, o que se deve ao fato deles muitas vezes estarem afastados da escola há muito tempo e por diversas vezes o sistema educacional ir avançando-os de etapa, sem eles conseguirem desenvolver minimamente as suas práticas de letramento necessárias à fase escolar na qual se encontram.

Não é incomum encontrar alunos na segunda etapa do ensino fundamental (6º ao 9º ano) sem saberem ler ou escrever. O que demonstra que o sistema de ensino ainda apresenta algumas falhas no processo de aprovação dos estudantes.

Diferentemente do ensino regular que ocorre por ano letivo, a EJA ocorre por semestre letivo. Os conteúdos trabalhados precisam ser resumidos, uma vez que não dá tempo de se trabalhar tudo e por muitas vezes os alunos não acompanham os conteúdos daquela etapa por terem dificuldades de aprendizado nas séries anteriores.

Devido a esse cuidado com os alunos e por perceber quais eram as dificuldades que eles apresentavam, assim como no que eles conseguiam fazer, tivemos a necessidade de escolher com cuidado os gêneros que trabalharíamos com eles.

O plano de negócios por ser um gênero da esfera da Administração, tivemos que recorrer a ela, pois, na área da Linguística não havia trabalhos até o momento sobre ele. Para isso, recorreremos aos estudos de Rosa (2007) que destaca que o plano de negócios é:

[...] um documento que escreve por escrito os objetivos de um negócio e quais passos devem ser dados para que esses objetivos sejam alcançados, diminuindo os riscos e as incertezas. Um plano de negócio permite identificar e restringir seus erros no papel, ao invés de cometê-los no mercado (Rosa, 2007, p. 8).

Assim, podemos compreender que o plano de negócios é um gênero muito importante para aquela pessoa que pretende ter o seu próprio negócio, pois, é através dele que os objetivos pretendidos pelo futuro empreendedor podem ser alcançados, uma vez que ele é o planejamento das etapas que serão seguidas para a abertura da empresa, o que segundo o autor é uma excelente oportunidade de controlar as situações e evitar que se cometa erros posteriores.

Através da escrita e produção do plano de negócios e dos demais gêneros que trabalhamos em sala de aula, pudemos analisar se os alunos conseguiram desenvolver as práticas de letramento necessárias para a correta utilização deles nas situações e domínios nos quais eles se encontram, verificando as diferenças entre as versões iniciais e finais dos gêneros e se os alunos adquiriram as habilidades linguísticas necessárias para estabelecer uma comunicação eficaz entre os seus possíveis interlocutores.

3.6 DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA

Nesta seção evidenciaremos o que é a Educação de Jovens de Adultos (EJA) e quais os desafios encontrados na sala de aula para o ensino de Língua Portuguesa na modalidade EJA. Para isso utilizamos como referencial teórico Santos (2012) e Amorim, Cassol e Pereira (2020).

Podemos destacar inicialmente conforme Amorim, Cassol e Pereira (2020) sobre a EJA que:

Historicamente, o espaço reservado para as pessoas jovens e adultas sempre foi limitado. Embora reconhecido pela Legislação Federal através da Constituição de 1988 e avigorada pela Lei de Diretrizes de Bases 9.394/96 (Brasil, 1996), a constância de desigualdade de atendimento refletiu e reflete até os dias atuais na vida e no modo de viver de trabalhadores e trabalhadoras. Acredita-se que a necessidade de discutir sobre as conquistas e dificuldades que imperam sobre essa parcela da população requer o comprometimento de toda a sociedade e especialmente dos envolvidos no processo educacional (Amorim; Cassol; Pereira, 2020, p. 55).

Amorim, Cassol e Pereira (2020) ainda acrescentam dizendo que pensar sobre a Educação de Jovens e Adultos implica repensar sobre estudos e práticas

que alicerçam de forma eficaz as transformações necessárias para que os sujeitos possam buscar a escola como forma de inserção nas práticas sociais.

Corroborando isso, a LDB 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação) institui a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, na qual em seu artigo 4º, inciso VII garante “a oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola” (Brasil, 1996).

O ensino na EJA pode ocorrer em vários espaços como citamos em uma seção anterior, tantos escolares como não escolares. Nessa seção abordaremos mais detalhadamente esses espaços.

Primeiramente, podemos falar sobre os espaços escolares nos quais se encontram as escolares regulares da EJA, que trabalham com públicos do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1ª a 3ª série), em sistema de divisão em anos, séries ou blocos de disciplinas e cujo período de aulas é semestral e as escolas de campo, que têm a mesma divisão, porém, estão localizadas em espaços rurais e levam educação aos trabalhadores do campo.

Nos espaços não escolares encontramos o sistema carcerário e os centros de detenção para menores de idade, cuja proposta é levar educação e fazer com que pessoas em regime de privação de liberdade possam concluir os estudos e/ou ter uma diminuição das suas sentenças. Nessa modalidade de ensino, o funcionamento desses espaços tem similaridades com os espaços escolares em relação a organização das turmas e tempo de duração das aulas, mas apresenta diferenças como o distanciamento entre o professor e os alunos, uma vez que, não pode ocorrer contato físico entre eles.

Cada espaço desses apresenta as suas particularidades e os seus desafios, assim como outras modalidades da Educação Básica, entretanto mais recentemente com a pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, os problemas já existentes aumentaram.

A educação de forma geral no Brasil apresenta graves dificuldades, seja no investimento nas escolas, com a valorização salarial dos profissionais da educação, na merenda, na evasão escolar, com os livros didáticos e principalmente com a falta de políticas públicas contínuas.

Santos (2012) ao falar sobre as dificuldades de ensino na EJA nos diz o seguinte:

Particularmente, na Educação de Jovens e Adultos, as pesquisas apontam que as práticas de letramento escolar em geral têm sido trabalhadas de forma fragmentada, sem levar em consideração as necessidades comunicativas dos alunos na prática social. Em grande medida, tem sido evidenciado o resultado de um letramento precário oferecido aos educandos dessa modalidade de ensino e de outras mais nas escolas públicas, em especial (Santos, 2012, p. 16 e 17).

Na modalidade da EJA essas dificuldades são ainda mais acentuadas, principalmente no quesito da evasão escolar. Nas escolas que oferecem essa modalidade juntamente com o ensino regular, há uma grande dificuldade de formar turmas devido à quantidade baixa de alunos matriculados, que muitas vezes não atinge a quantidade mínima necessária para a turma funcionar.

Santos (2012) ainda diz o seguinte sobre as dificuldades que a EJA apresenta:

A precariedade e a ineficácia dos programas de alfabetização e letramento, destinados a jovens e adultos, oferecidos nas escolas públicas brasileiras têm impulsionado o desenvolvimento de pesquisas para investigar as causas do fracasso escolar e também para pensar alternativas que possam, na medida do possível, contribuir para mudar esse cenário (Santos, 2012, p. 17).

Na escola onde a nossa pesquisa ocorreu, que trabalha exclusivamente com a modalidade EJA, as dificuldades são ainda maiores, pois, entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia de Covid-19, muitos alunos se evadiram porque não conseguiam acompanhar o sistema de aulas de forma remota ou porque não gostaram dessa metodologia de ensino, uma vez que eles preferiam as aulas presenciais.

Trabalhar com os alunos durante esse período foi muito difícil para todos os profissionais da escola, que tiveram de buscar novas ferramentas de ensino para que o prejuízo no processo de ensino-aprendizagem não fosse ainda maior do que foi.

Com a retomada das aulas presenciais no final do ano de 2021, a dificuldade foi trazer à escola os alunos que tinham se evadido nos anos anteriores, o que foi e continua sendo muito complicado. A quantidade de alunos

que retornaram foi muito baixa e não está nenhum pouco perto dos números existentes no período pré-pandêmico.

A escola na qual foi cenário de nossa investigação trabalha no sistema de semestres letivos e por blocos. Sendo o ensino fundamental dividido em 4 blocos (A, B, C e D), levando 2 anos (4 semestres) para ser concluído e o ensino médio dividido em 3 blocos (A, B e C) e levando 1 ano e meio (3 semestres) para a conclusão.

As aulas de Língua Portuguesa acontecem nos blocos A e B no ensino fundamental e no bloco A no médio. Os estudantes matriculados vão desde adolescentes, adultos e até pessoas idosas.

No perfil dos alunos encontramos pessoas que não concluíram a etapa escolar na idade correta (que estão fora de faixa) e até pessoas que desistiram de estudar há muitos anos e retornaram para conseguir um trabalho, se manter no trabalho ou apenas para concluir o ensino básico.

Trabalhar com um público tão heterogêneo é complicado, uma vez que ao trabalharmos com a disciplina de Língua Portuguesa, encontramos alunos que não sabem ler ou escrever e que muitas vezes são avançadas de etapa pelo sistema de ensino.

Nas palavras de Santos (2012) encontramos o seguinte:

Considerando que o ensino de língua portuguesa deve ter por objetivo criar situações nas quais o aluno possa ampliar sua competência discursivas nas diversas situações comunicativas, a escola deve possibilitar-lhe sua inserção no universo da cultura escrita e explicitar-lhe o papel dessas instâncias nas sociedades letradas, ampliando, dessa forma, suas possibilidades de participação social e o exercício da cidadania (Santos, 2012, p. 17).

É difícil fazer com que esses alunos aprendem a ler e escrever em apenas um semestre de aulas, uma vez que ao chegarem nos anos finais do ensino fundamental, tais habilidades já deveriam ter sido aprendidas.

Além disso, outras dificuldades também atrapalham o processo de ensino desse público, como a frequência dos alunos que é muito baixa e a dificuldade de aceitação de novas metodologias de ensino por parte dos alunos, que preferem aulas mais tradicionais, nas quais o professor vai copiando no quadro e eles transcrevendo no caderno. Qualquer coisa que fuja disso eles não consideram como aula.

Mudar esse pensamento dos estudantes da EJA é um trabalho complexo e demorado, uma vez que tal visão predomina entre eles há muito tempo. Outro fator agravante é a falta de livro didático. Os professores precisam elaborar o próprio material didático por não existir livro ou por ele estar desatualizado.

As políticas educacionais voltadas a EJA são escassas. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento elaborado pelo Ministério da Educação para embasar os currículos trabalhados por todas as escolas do país, deixou a EJA de fora e não elaborou nenhuma proposta de ensino para essa modalidade.

Aliado a essa falta de interesse do Ministério da Educação, temos o desinteresse por parte da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC) que deixa a formação para os professores da EJA de lado. Os eventos para o processo de formação continuada dos professores que trabalham com a EJA são inexistentes ou escassos.

Devido a tudo isso, vemos o quanto é difícil trabalhar na EJA. Os alunos muitas vezes se sentem envergonhados em dizerem que estudam nessa modalidade, pois, uma parte da população os vê com preconceito.

É comum que as turmas comecem com muitos alunos e durante o decorrer do semestre letivo, grande parte deles desistem de estudar. Poucos alunos chegam ao final das aulas e concluem a etapa. Isso ocorre principalmente pelo cansaço do trabalho, uma vez que muitos trabalham o dia todo e quando saem do trabalho vão direto para a escola, outros não têm uma perspectiva de futuro e por isso acabam perdendo o interesse em frequentar as aulas e há aqueles que são reprovados e acabam desistindo.

Grandes mudanças precisam ser feitas com relação à valorização da EJA no Brasil, como uma reelaboração dos currículos, uma melhor formação dos professores, uma reestruturação dos materiais didáticos e um investimento financeiro nas escolas que oferecem essa modalidade.

Com relação à formação do professor, Santos (2012) faz a seguinte reflexão:

Para isso, é imprescindível que a formação do professor seja repensada, de modo a favorecer a busca de estratégias e alternativas que possibilitem a ampliação do letramento do aluno e dele próprio, proporcionando-lhe experiências exitosas no ensino de língua materna na escola, instituição que precisa dar respostas às demandas sociais relacionadas ao escrever, contribuindo, de forma efetiva, com a

imersão dos alunos em um universo mais amplo das práticas letradas (Santos, 2012, p. 17).

Essa mudança na formação do professor precisa ocorrer desde a graduação, uma vez que, a preparação para o trabalho com a EJA deve ocorrer antes do futuro docente chegar à sala de aula.

E, por fim, no que diz respeito ao ensino de língua materna na EJA, ele precisa estar aliado a um programa de alfabetização, pois, existem muitas disparidades no que diz respeito a aprendizagem dos alunos, principalmente aqueles que chegam aos anos finais do ensino fundamental sem saberem ler e escrever, o que não dá tempo de ser ensinado apenas com o tempo das aulas nas escolas que os alunos dispõem.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA EXECUÇÃO DO PROJETO DE LETRAMENTO PROPOSTO

Nesta seção apresentaremos as ações desenvolvidas no decorrer da nossa pesquisa em sala de aula com os alunos da EJA como também as análises das produções elaboradas pelos discentes no decurso das oficinas de letramento, incluindo o material produzido ao final da nossa pesquisa, o qual constituiu na produção de um caderno de atividades. Para uma melhor sistematização das referidas análises, dividiremos esta seção em subseções a fim de mostrarmos as etapas do início até a conclusão do nosso trabalho.

Primeiramente, precisamos fazer uma contextualização prévia de como foi realizada a escolha do problema a ser trabalhado em nosso estudo. A nossa proposta de trabalho começou da preocupação do professor pesquisador com os alunos da escola na qual leciona há quatro anos.

Um dos principais problemas encontrados é a questão da frequência dos alunos e a dificuldade que eles apresentam no aprendizado, principalmente no que diz respeito às práticas de leitura e escrita.

Tais problemas só se acentuaram com o decorrer da pandemia de Covid-19. Muitos alunos se evadiram da escola e não voltaram, uma vez que, eles não tinham condições de acompanhar as aulas de forma remota por não disporem de acesso à internet em suas residências, e por também não estarem adaptados ao ensino remoto, sendo que muitos relataram preferir as aulas de forma presencial.

A escola então solicitou aos professores que elaborassem atividades impressas para que os alunos pudessem pegá-las na escola e respondessem em casa, com o intuito de tentar reverter essa grande evasão dos discentes, contudo, poucos alunos fizeram a devolutiva delas.

Com a situação da pandemia mais controlada e com a vacinação, as aulas presenciais foram retomadas aos poucos, entretanto, poucos alunos voltaram para a sala de aula, o que preocupou a todos da escola.

Mesmo antes da pandemia a quantidade de alunos evadidos era muito alta. Iniciava-se as aulas com 40 alunos ou mais em sala e no final do semestre letivo mais da metade não concluía.

O público da EJA por ser composto em sua maioria por adolescentes, adultos e idosos que deixaram a escola há muito tempo ou por aqueles que estão fora de faixa escolar tem as suas peculiaridades. Muitos alunos trabalham, têm filhos, são donas de casa, têm baixa autoestima ou não têm um projeto de vida definido, e, por isso acabam por desistirem da escola durante o período letivo.

Devido a esses fatores, uma proposta de ensino diferenciada para esse público foi necessária. Dessa forma, preocupado em buscar uma metodologia que pudesse mudar essa realidade e conseguisse reverter essa situação e que também pudesse auxiliar os alunos nas principais dificuldades que eles apresentavam, que eram a leitura e a escrita, tivemos um diálogo com eles para saber qual metodologia eles tinham interesse que fosse utilizada nas aulas de Língua Portuguesa e qual era a habilidade que eles tinham mais dificuldade e que gostariam de aprimorar.

Os alunos com os quais conversamos foram os alunos do bloco “B” do ensino fundamental, que era constituído por 7 alunos (4 homens e 3 mulheres), na faixa etária entre 16 e 35 anos. Eles nos relataram que a principal dificuldade que eles tinham era com relação à escrita, pois, eles tinham dificuldade principalmente na ortografia. E, com relação ao que eles gostariam que fosse trabalhado, a maioria relatou que gostaria de aprender sobre algo que os ajudasse a melhorar de vida, a conseguir um emprego ou a melhorar de emprego e que estivesse mais relacionado às práticas do dia a dia deles.

Ouvidas todas essas propostas dos alunos, o professor pesquisador definiu com os estudantes que trabalharia com o empreendedorismo, uma vez que ele se enquadraria dentro desses anseios descritos por eles.

Escolhido o trabalho com empreendedorismo e a habilidade com a qual eles tinham mais dificuldade, faltava apenas decidir a metodologia que seria utilizada para a aplicação do projeto. Realizadas algumas leituras pelo professor pesquisador e ouvindo os alunos foi decidido trabalhar com o Projeto de Letramento, pois no nosso entender essa proposta metodológica atendia melhor ao objetivo que queríamos atingir.

Dessa forma, construíram-se as propostas de trabalho, as atividades que seriam desenvolvidas e os conteúdos que seriam trabalhados em sala de aula, assim como a quantidade de tempo que seria necessário para desenvolver o estudo.

Tomamos como objetivo na presente pesquisa analisar as implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita dos alunos do ensino fundamental, da modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo, uma vez que, vimos as dificuldades que os alunos apresentavam.

O nosso trabalho foi desenvolvido ao decorrer de 40 encontros, subdivididos em 80 aulas (sendo cada encontro tendo a duração de 2 aulas de 45 minutos cada). O quadro abaixo evidencia o que foi trabalhado em cada encontro:

ENCONTRO	AULAS (45min/aula)	ATIVIDADE REALIZADA
1	2	Explicação das atividades a serem desenvolvidas durante o semestre.
2	2	Leitura e discussão de texto (gênero artigo informativo) sobre empreendedorismo.
3	2	Leitura e discussão de texto (gênero artigo informativo) sobre dicas de como empreender; Aplicação de questionário sobre perfil empreendedor.
4	2	Aplicação de questionário sobre diferença entre chefe e líder.
5	2	Aula sobre vantagens e desvantagens de ter o próprio negócio.

6	2	Atividade para descobrir o perfil empreendedor dos alunos.
7	2	Análise do filme “Fome de Poder”.
8	2	Análise do filme “Fome de Poder”.
9	2	Resolução de questionário sobre o filme.
10	2	Resolução de questionário sobre o filme.
11	2	Aplicação de questionário sobre habilidades empreendedoras.
12	2	Resolução de atividade sobre princípios éticos.
13	2	Resolução de atividade sobre princípios éticos.
14	2	Confecção do gênero carta convite.
15	2	Confecção do gênero carta convite.
16	2	Confecção do gênero carta convite.
17	2	Discussão sobre o gênero relato pessoal.
18	2	Discussão sobre os gêneros lista/levantamento; Levar os alunos para fazer um levantamento dos comércios existentes nas redondezas da escola.

19	2	Discussão sobre o gênero questionário.
20	2	Discussão sobre o gênero questionário.
21	2	Discussão sobre o gênero questionário.
22	2	Discussão sobre o gênero questionário.
23	2	Discussão sobre o gênero questionário.
24	2	Discussão sobre o gênero questionário.
25	2	Tabulação dos dados do questionário.
26	2	Tabulação dos dados do questionário.
27	2	Oficina sobre “Educação Financeira”.
28	2	Construção do gênero relato pessoal.
29	2	Participação em evento sobre empreendedorismo.
30	2	Participação em evento sobre empreendedorismo.
31	2	Discussão sobre o gênero plano de negócios.
32	2	Construção da primeira parte do plano de negócios.
33	2	Construção da segunda parte do plano de negócios.
34	2	Construção da terceira parte do plano de negócios.

35	2	Conclusão do plano de negócios.
36	2	Correção do plano de negócios.
37	2	Correção do plano de negócios.
38	2	Digitação do plano de negócios.
39	2	Digitação do plano de negócios.
40	2	Avaliação do projeto desenvolvido.

Quadro 2: Quadro elaborado pelo autor com a divisão dos encontros realizados.

Para descrever como esses encontros ocorreram, nas próximas subseções evidenciaremos como foi desenvolvido o nosso trabalho de forma mais detalhada.

4.1 CONSTRUINDO O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO E DE EMPREENDEDOR EM SALA DE AULA

Nesta seção falaremos sobre o trabalho desenvolvido com os alunos na parte inicial do nosso projeto, em que objetivamos que eles pudessem construir os conceitos de empreendedorismo e de empreendedor.

Na primeira aula do projeto (encontro 1), o professor pesquisador explicou aos alunos sobre o que seria trabalhado durante o semestre letivo, como ocorreriam as aulas, qual seria a metodologia utilizada, do que se tratava o projeto, sobre a questão da ética na pesquisa, acerca do desenvolvimento das oficinas e sobre os documentos que os alunos precisariam assinar para o envio ao Comitê de Ética da UFRN.

Nesse primeiro momento foram tiradas todas as dúvidas que os alunos tinham, para deixá-los cientes de tudo e para saber se todos concordavam em participar da pesquisa. Os alunos concordaram em participar e ficaram empolgados com as propostas metodológicas escolhidas para o

desenvolvimento do projeto. Também foi entregue um caderno a cada aluno para eles utilizarem para realizar as atividades durante as aulas, sendo que eles precisariam devolver ao professor pesquisador no final de cada uma. Esse caderno serviria para o professor coletar os dados do progresso dos alunos durante o semestre e como material para a obtenção de dados para a escrita da presente pesquisa.

No segundo encontro os alunos receberam uma cópia de um texto impresso, do gênero artigo informativo, para fazerem a leitura e a discussão em grupo sobre o que compreenderam. O primeiro texto trabalhado tinha o título de “O que é empreendedorismo: da inspiração à prática” (anexo 6).

Nesse texto, os alunos viram um pouco sobre o que é empreendedorismo, os tipos de empreendedorismo, a história de como ele surgiu e qual foi a importância dele para o desenvolvimento da sociedade nas últimas décadas. Após terminarem de realizar a leitura, fizemos a discussão do texto e o professor pesquisador anotou no quadro branco os conceitos que os alunos aprenderam a partir da leitura e da discussão realizada.

Na mesma aula, logo após esse primeiro momento, o professor pesquisador a fim de desenvolver uma discussão mais aprofundada sobre o tema, anotou alguns pontos na lousa para discutir com os estudantes, entre eles estavam: O empreendedorismo é uma característica ou uma habilidade? Existe diferença entre meta e objetivo? Qual é a diferença entre chefe e líder?

Além dessas perguntas, também discutimos um pouco sobre exemplos de empreendedores de sucesso que marcaram a história e qual é a relação entre empreendedorismo e inovação.

Alguns alunos falaram um pouco sobre o que sabiam sobre esses pontos e outros preferiram não falar. Terminada a discussão foi dado o espaço para que os alunos que tivessem alguma dúvida pudessem se manifestar. Como ninguém respondeu, a aula foi encerrada.

No terceiro encontro, tivemos dois momentos. No primeiro momento, os alunos receberam um texto impresso, do gênero artigo informativo, intitulado “Dicas de como empreender” (anexo 5), a partir do qual fizeram a leitura e a discussão juntamente com o professor pesquisador.

O texto mostrava algumas dicas para quem está iniciando no mundo do empreendedorismo e os alunos assim puderam aprender propostas do que eles precisavam fazer caso quisessem abrir o seu próprio negócio futuramente.

Terminada essa parte, os alunos receberam uma atividade com um questionário (anexo 2) contendo 10 questões objetivas, com três alternativas cada, intitulado “Quiz: Você tem perfil empreendedor?”. Eles precisaram responder todas as questões na folha que receberam, e, em seguida deveriam entrar através do celular em um *link* disponibilizado pelo professor, onde eles deveriam marcar as mesmas alternativas que tinham marcado na folha impressa e ao final recebiam um resultado mostrando qual era o tipo de perfil empreendedor que tinham. Essa resposta foi transcrita para a folha da atividade. Na imagem abaixo podemos evidenciar o momento da realização da atividade pelos discentes:



Figura 1: Alunos realizando atividade para saberem o seu perfil empreendedor.

Terminada essa primeira parte, no segundo momento do encontro, discutimos um pouco sobre qual é a importância do empreendedorismo para a sociedade atualmente, como desenvolver as habilidades de um empreendedor, e, por último, os alunos fizeram uma reflexão sobre as características individuais de cada um, onde eles precisaram falar sobre os pontos fortes e fracos que eles enxergavam em si. Feita essa reflexão, terminamos a aula.

No quarto encontro foi aplicado um novo questionário com os alunos com o objetivo de eles perceberem qual é a diferença entre chefe e líder. Os alunos

receberam o questionário de forma impressa e contendo 12 questões. Terminada a tarefa o professor pesquisador fez a correção e acrescentou uma anotação no quadro branco com alguns pontos sobre a diferença entre mandar e liderar. Na imagem abaixo temos as respostas dadas pelos alunos juntamente com a correção realizada pelo professor pesquisador e a anotação feita:

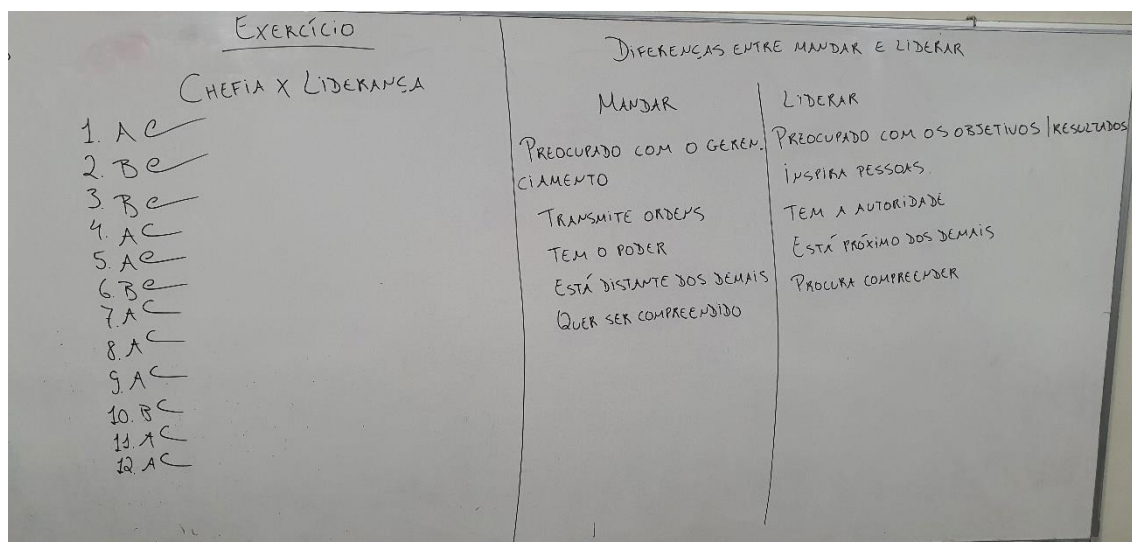


Figura 2: Correção da atividade sobre a diferença entre chefe e líder e anotação realizada pelo professor pesquisador sobre a diferença entre mandar e liderar.

Após a discussão realizada sobre a diferença entre mandar e liderar, o professor pesquisador ouviu a opinião dos alunos para saber se eles perceberam as diferenças e abriu espaço para perguntas. Como não houve, o encontro foi finalizado.

Na quinta aula (encontro 5), o professor pesquisador trabalhou com os alunos no primeiro momento quais eram as vantagens e desvantagens de ter o próprio negócio. Para isso ele dividiu a lousa em duas partes e escreveu a opinião dos alunos sobre o tema proposto. Na imagem abaixo podemos conferir as respostas que os estudantes deram:

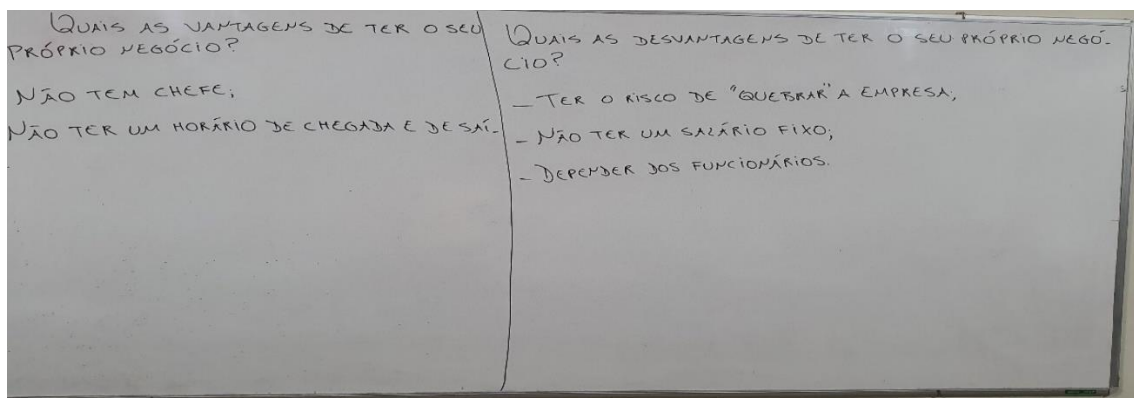


Figura 3: Respostas dos alunos sobre as vantagens e desvantagens de ter o próprio negócio.

Encerrada essa atividade, o professor pesquisador escreveu no quadro e os alunos copiaram em seus cadernos os conceitos dos tipos de empreendedor. Dessa forma, os discentes aprenderem um pouco mais sobre os tipos de empreendedor que existem, e foi feita a discussão juntamente com os estudantes sobre quais exemplos de grandes empreendedores que marcaram a história que eles conheciam. Nem todos os alunos quiseram responder, mas alguns falaram alguns exemplos. Terminada a discussão a aula foi concluída.

No sexto encontro os alunos realizaram uma atividade pelo celular, onde eles deveriam acessar a um site indicado pelo professor, o *Quizur*, e responderem a um *quiz* intitulado “Qual é o seu perfil empreendedor?”. Ao terminarem de responder às perguntas o site dava um resultado mostrando o perfil de empreendedor que melhor se adequava aos estudantes. Na imagem abaixo temos os resultados obtidos pelos estudantes. Como não podemos identificá-los por seu nome verdadeiro, atribuímos a nomenclatura AC (aluno colaborador) e um número para identificar a quantidade de estudantes. Nesse caso tivemos seis alunos que responderam:

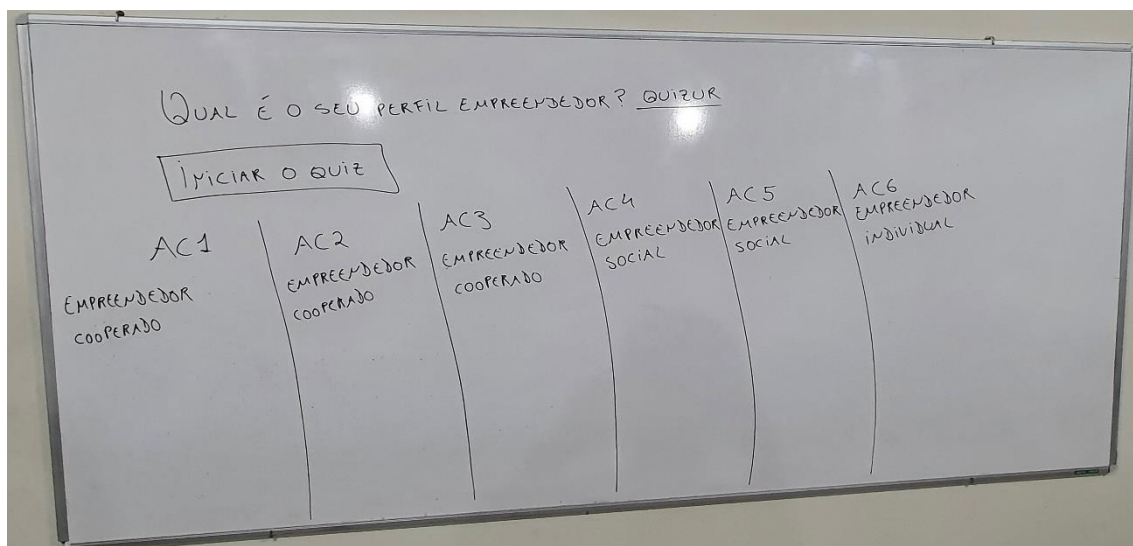


Figura 4: Resultado obtido pelos estudantes no quiz sobre o perfil empreendedor deles.

Nesse caso, dos seis alunos colaboradores que responderam, tivemos três que se enquadraram como empreendedores cooperados (AC1, AC2, AC3), que é aquele tipo de empreendedor que atua melhor em grupo; dois que se encaixaram como empreendedor social (AC4, AC5), que é aquele tipo de empreendedor que age com o objetivo de melhorar algum aspecto na sociedade; e, por fim, um aluno se enquadrrou como empreendedor individual (AC6), que é o tipo que atua melhor sozinho.

Para explicarmos as diferenças entre esses três tipos de empreendedor recorreremos aos conceitos apresentados por Zuini (2014), os quais destacam que o **empreendedor cooperado** geralmente está ligado a cooperativas, como artesãos e costuma trabalhar melhor em equipe. O **empreendedor individual** é aquele empreendedor que se formalizou através do MEI (microempreendedor individual) e que está começando a abrir a sua empresa, trabalhando geralmente sozinho devido à necessidade de sobrevivência. Por sua vez, o **empreendedor social** é aquele que tem o desejo de transformar a realidade e fazer alguma coisa boa pelo mundo.

Após terem realizado a atividade, o professor pesquisador mostrou aos alunos de forma oral quais eram as características e diferenças do empreendedor e do intraempreendedor e mostrou exemplos de grandes líderes mundiais e empresariais, perguntando aos alunos se eles já conheciam algum deles. Por fim, a aula foi encerrada porque os alunos tinham que pegar o ônibus para ir para suas casas.

Nos encontros 7 e 8, os alunos assistiram a um filme chamado “Fome de Poder”. Nesse filme estadunidense, baseado em fatos, conta-se a história do surgimento da grande franquia mundial de lanchonetes, o McDonald’s. O protagonista da história é Ray Kroc, um vendedor de máquinas de sorvete que viaja o país tentando vender suas máquinas de lanchonete em lanchonete, entretanto sem muito sucesso. Porém, sua vida muda quando conhece a lanchonete de dois irmãos, que vendiam hambúrgueres de forma instantânea.

O personagem então conhece o funcionamento do empreendimento e entra em um acordo com os irmãos Richard e Maurice, donos do McDonald’s, para abrir franquias em outros estados. No início as franquias não se saem muito bem devido à falta de dinheiro para pagar as contas das lanchonetes, entretanto a determinação de Ray é muito forte e ele consegue superar as dificuldades, mesmo indo contra os seus sócios, e compra a marca McDonald’s para si, virando um homem de muito sucesso.

O filme foi trabalhado em sala de aula com o objetivo de os alunos poderem perceber que muitos empreendedores de sucesso começam de baixo e passam muitas vezes por diversas dificuldades até alcançarem o sucesso.

Na aula seguinte, os alunos juntamente com o professor pesquisador falaram sobre o que acharam do filme e os alunos anotaram algumas questões para serem respondidas na aula seguinte. As perguntas sobre o filme se encontram no quadro abaixo:

PERGUNTAS SOBRE O FILME “FOME DE PODER”
Questão 1: Quais lições sobre empreendedorismo você pôde aprender com o filme?
Questão 2: O que mais chamou a sua atenção sobre o protagonista do filme?
Questão 3: Você tem ou gostaria de ter alguma característica dele? Qual(is)?
Questão 4: Como as características empreendedoras dele o ajudaram a expandir as franquias?
Questão 5: Todo empreendedor passa por desafios para realizar os seus sonhos. Quais os desafios que o protagonista passou? Como ele conseguiu superá-los?

Questão 6: Você está disposto a passar por desafios semelhantes para realizar os seus sonhos? Por quê?

Questão 7: Você faria algo diferente do que o protagonista do filme fez? O quê?

Questão 8: Na sua opinião, vale tudo para ter um negócio de sucesso? Por quê?

Quadro 3: Quadro elaborado pelo autor com as perguntas sobre o filme “Fome de Poder”.

Abaixo, colocamos as respostas de uma aluna (AC2) ao questionário sobre o filme:

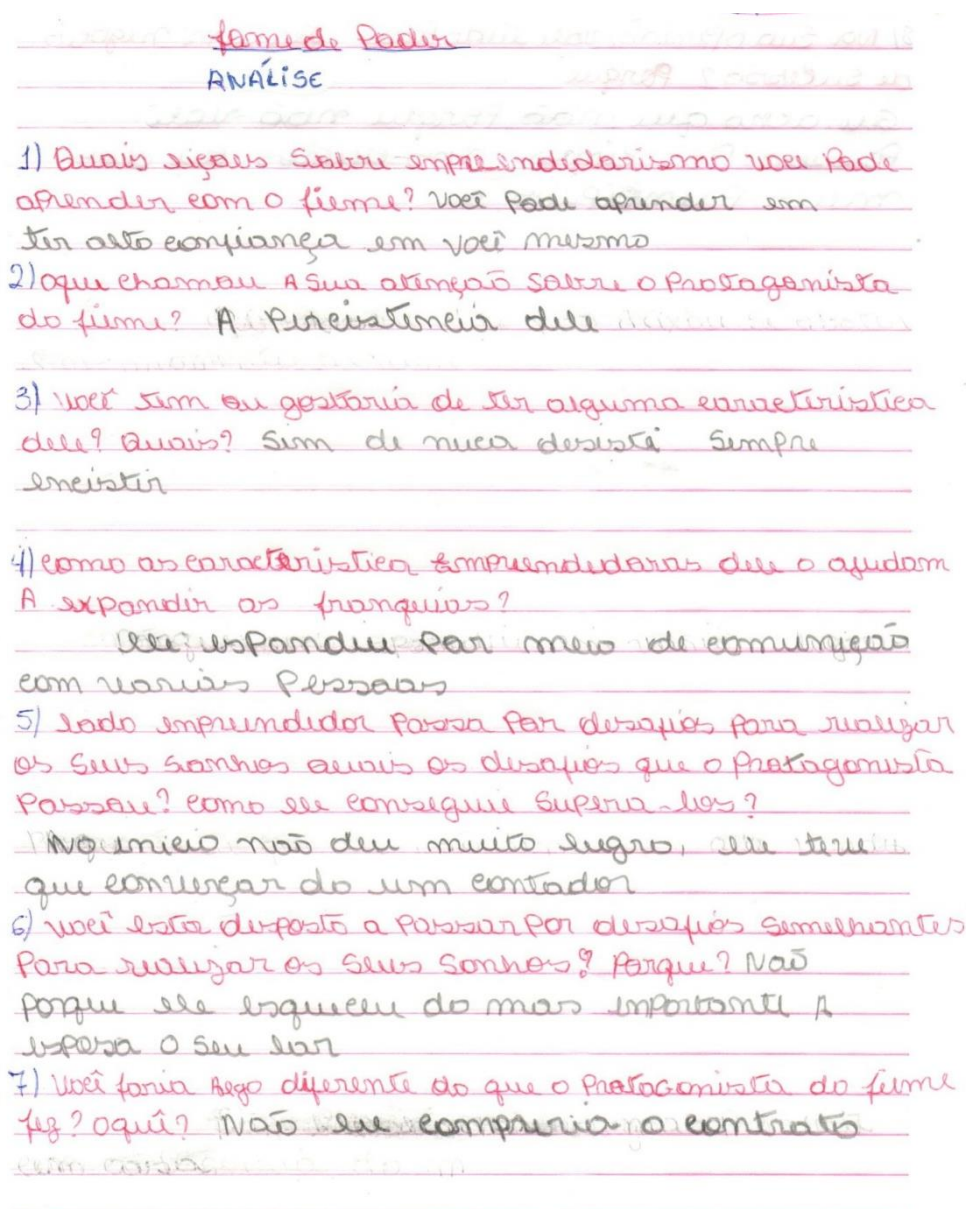


Figura 5: Respostas da aluna (AC2) sobre o filme “Fome de Poder”.

Terminada a atividade sobre o filme, tivemos no encontro 11 a aplicação de um questionário retirado do livro “O segredo de Luísa” (anexo 1), que continha 33 perguntas, que estavam relacionadas ao perfil dos estudantes em estabelecer metas, enfrentar riscos, buscar oportunidades e organizar o futuro empreendimento que eles desejavam. No final eles precisaram anotar a pontuação que obtiveram, sendo que para cada alternativa “A” que eles marcaram, valia 1 ponto e as demais alternativas não pontuavam.

Essa atividade tinha o objetivo de compreender como os alunos tomariam algumas decisões ao deparar com elas em situações reais. Para cada pergunta eles tinham que ser sinceros em suas respostas e analisar com cautela e responsabilidade o que fariam se estivessem encarando a situação mostrada no questionamento.

Já nos encontros 12 e 13, os alunos receberam uma atividade impressa (não colocamos essa atividade como anexo em nosso trabalho porque ela contém direitos autorais), a qual tinha o objetivo conduzir os discentes a analisarem situações reais e responderem quais seriam as decisões que eles tomariam para solucioná-la de forma ética. Infelizmente durante esses dois encontros, apenas uma aluna compareceu, tendo somente ela respondido a essa tarefa.

4.2 O TRABALHO COM OS GÊNEROS DISCURSIVOS E O EMPREENDEDORISMO: PRATICANDO A ESCRITA EM SALA DE AULA

Nesta seção discorreremos sobre as atividades de escrita desenvolvidas durante o decorrer do nosso trabalho envolvendo o trabalho com alguns gêneros discursivos com o objetivo de melhorar a escrita dos alunos e trabalhar o empreendedorismo e analisaremos os resultados obtidos dessas produções.

Como retratamos na seção anterior, primeiramente utilizamos as aulas iniciais do projeto para trabalhar os conceitos relacionados ao empreendedorismo com o objetivo de os alunos formarem os seus próprios conceitos. Encerrada essa etapa, começamos a trabalhar a escrita dos alunos utilizando alguns gêneros discursivos, entre eles: carta convite (com o objetivo de convidar um palestrante para vir ministrar uma oficina na escola), relato pessoal (com o objetivo de verificar o que os alunos aprenderam na oficina

ministrada), questionário (com o intuito de os alunos compreenderem como funciona uma pesquisa), lista/levantamento (com o intuito dos alunos verificarem a quantidade de comércios e os seus tipos existentes nas redondezas da escola) e plano de negócios (esse último será abordado em uma seção separada, cuja escolha foi feita para que os alunos pudessem ter a noção dos passos necessários para abrir um negócio).

4.2.1 A carta convite

O primeiro gênero com o qual trabalhamos foi a carta convite. O trabalho com esse gênero teve a duração de 3 encontros que totalizaram 6 aulas (encontros 14 ao 16). Nas duas primeiras aulas o professor pesquisador apresentou através de slides a estrutura e um modelo da carta convite para que os alunos pudessem saber como ele se estruturava e para tirar as dúvidas deles sobre os objetivos do uso do gênero e em quais situações eles o utilizariam. No quadro abaixo temos as ações desenvolvidas com o gênero:

GÊNERO	AÇÕES
Carta convite	Focalização da estrutura e do propósito comunicativo do gênero.
	Compreensão das situações em ele é utilizado.
	Focalização das esferas nas quais ele circula.
	Construção de um exemplar do gênero.
	Envio da carta convite à equipe do SEBRAE para ministração de palestra na escola.

Quadro 4: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero carta convite.

Na imagem abaixo temos um modelo do gênero que foi apresentado aos alunos:

GÊNERO CARTA CONVITE

[Seu Nome]
[Seu Endereço]
[Cidade, Estado]
[CEP]

[Data]

[Nome do Destinatário]
[Endereço do Destinatário]
[Cidade, Estado]
[CEP]

Prezado/a [Nome do Destinatário], espero que esta carta encontre você bem. Escrevo-lhe para convidá-lo/a cordialmente a [descrever o evento ou ocasião para a qual o destinatário está sendo convidado], que ocorrerá no dia [data] às [horário] no(a) [local do evento].

[Descrever brevemente o evento/ocasião, incluindo detalhes relevantes, como o motivo da comemoração, a importância do evento, o programa/agenda, palestrantes especiais, atividades planejadas etc.]

Sua presença neste evento seria muito apreciada. [Mencionar por que o destinatário é especialmente convidado, ressaltando sua importância, experiência, conhecimento, contribuições etc., caso aplicável.]

[Se necessário, fornecer informações adicionais relevantes, como data limite para confirmação de presença, necessidade de confirmação de presença com antecedência, traje recomendado etc.]

Por favor, deixe-nos saber se você poderá comparecer até [data limite para confirmação de presença] para que possamos fazer os preparativos necessários. Você pode entrar em contato conosco pelo telefone [seu número de telefone] ou por e-mail em [seu endereço de e-mail].

Esperamos ansiosamente sua resposta e sua presença neste evento especial. Sua participação será uma honra para nós.

Agradeço antecipadamente e espero vê-lo/a em breve.

Atenciosamente,

[Seu Nome]

Figura 6: Modelo de carta convite utilizado pelo professor pesquisador.

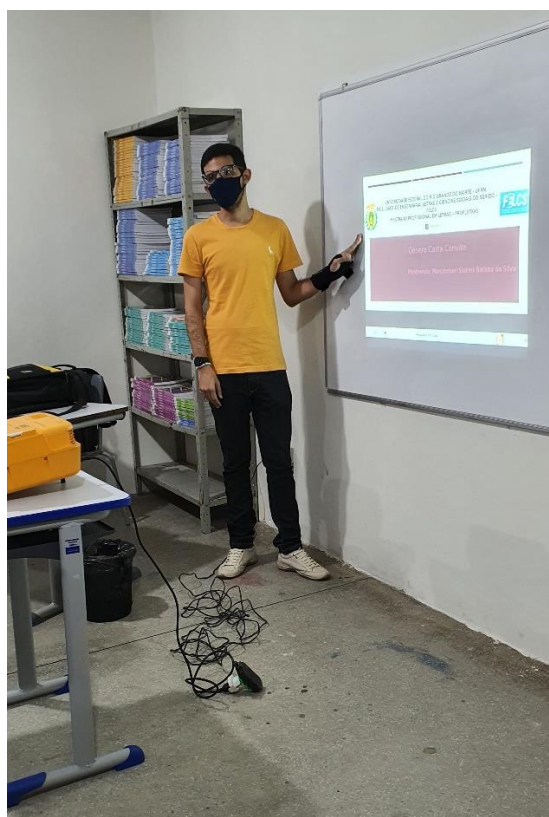


Figura 7: Professor pesquisador explicando aos alunos a estrutura do gênero carta convite.

Após a exposição sobre o referido gênero, o professor pesquisador esclareceu as dúvidas dos alunos e solicitou que eles abrissem os cadernos para escreverem a primeira versão da carta convite, destinada a um dos integrantes da equipe do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) local, a fim de que pudesse vir à escola e realizar uma oficina com a turma acerca da temática “empreendedorismo”.

O professor escreveu um modelo de carta convite no quadro branco e os alunos foram auxiliando-o a estruturar o texto. Abaixo, na imagem 8, é possível observarmos os alunos escrevendo a primeira versão do referido gênero. Já na figura 9, por sua vez, encontra-se o texto da carta em questão. Desta feita, optamos por ocultar algumas informações com vistas a preservar a identidade do ministrante convidado a conduzir a oficina proposta, como também a identificação da escola *lócus* da pesquisa.



Figura 8: Alunos escrevendo a carta convite.

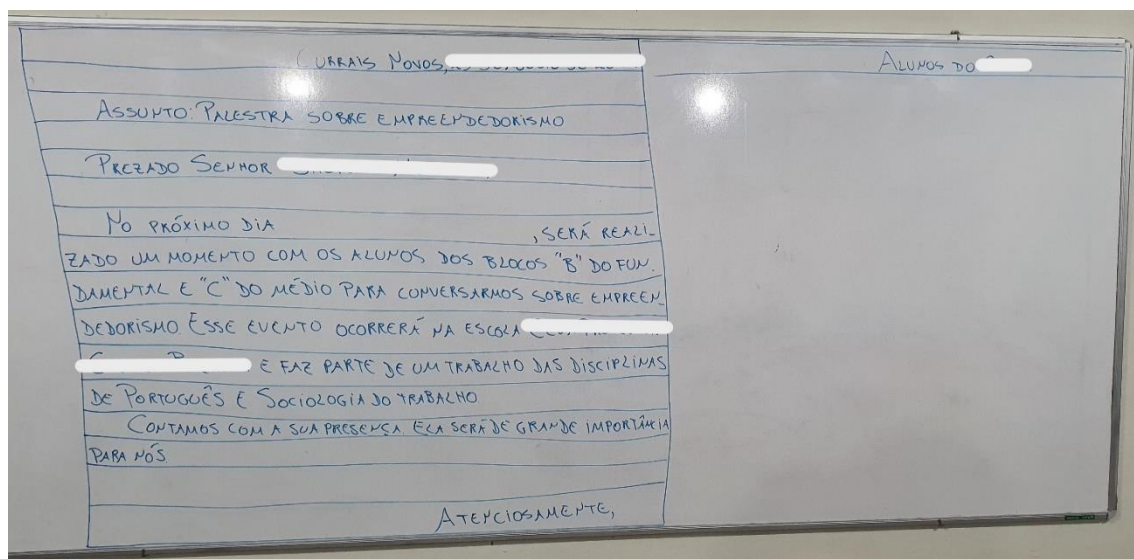


Figura 9: Rascunho da carta convite elaborado pelos discentes.

Para concluir a primeira versão da carta convite, utilizamos um quantitativo de 4 aulas. Sendo que 2 delas foram produzir e realizar os ajustes necessários ao texto correção, os quais se reportaram a aspectos linguísticos e estruturais do texto. As 2 aulas subsequentes foram usadas para a sua digitação e realização do envio da carta ao seu destinatário.

Na figura abaixo podemos observar uma carta escrita por um dos alunos:

Caríssimos Nossos,

Assunto: Palestra sobre empreendedorismo

Prezado Senhor

No próximo dia , será realizado um momento com os alunos das turmas "B" do fundamental e "C" do médio para conversarmos sobre empreendedorismo. Este evento ocorrerá na escola CEJA Professor Crispa Bezerra e faz parte de um trabalho das disciplinas de português e sociologia do trabalho.

Contamos com a sua presença. Ela será de grande importância para nós.

Atenciosamente,
Alunos do CEJA. **FORONI**

Figura 10: Carta convite produzida pela aluna (AC1).

Com a construção desse gênero, pudemos perceber que os alunos conseguiram compreender em que consistia uma carta convite e quando utilizá-la. Entretanto, as dificuldades iniciais dos discentes diziam respeito a como escrevê-la, por não saberem que construções linguísticas poderiam utilizar. Na versão final do gênero, foi possível perceber na figura 10 anteriormente, a existência de dúvidas da parte de AC1 quanto à utilização de letras maiúsculas e minúsculas. Essas dificuldades não comprometeram o alcance do principal objetivo do gênero, tampouco a sua compreensão, haja vista que era possível entender que a carta cumpria o propósito de realizar um convite.

O intuito de utilizar os projetos de letramento em sala de aula é justamente esse, fazer com que os alunos possam compreender as diversas situações de comunicação nas quais eles estão inseridos e como os gêneros discursivos podem ser utilizados para a realização do processo de comunicação. Dessa maneira, verificamos que a aprendizagem do uso do gênero sobressaiu à aprendizagem dos aspectos gramaticais da língua.

Nas duas aulas utilizadas para fazer a digitação, infelizmente somente uma aluna da turma compareceu à escola. O professor a levou para o laboratório de informática e na oportunidade a orientou a utilizar a plataforma “Canva” para digitar o texto. Na imagem abaixo temos o registro da estudante realizando a referida digitação:

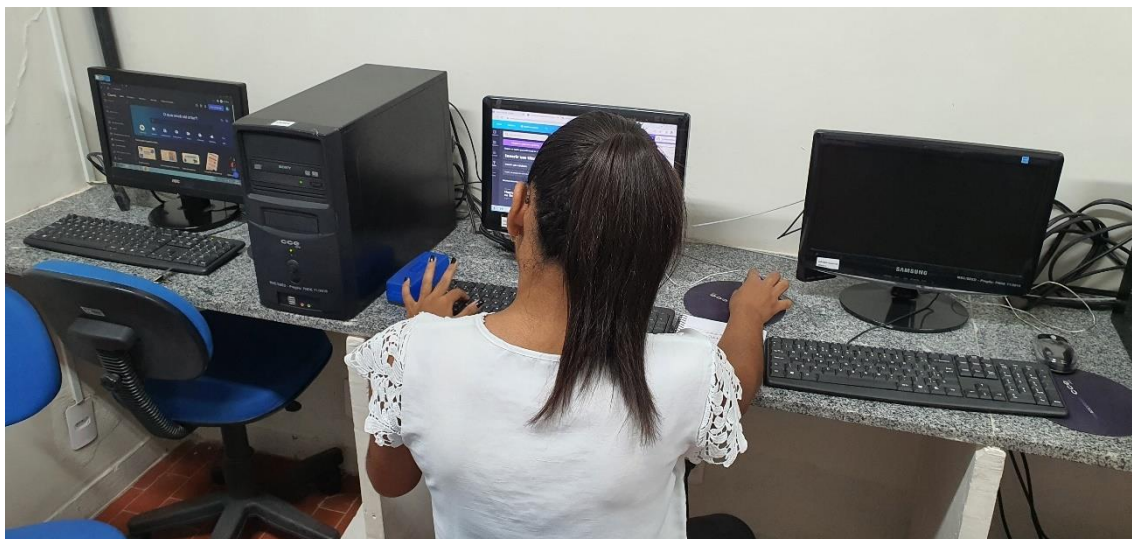


Figura 11: Estudante digitando a carta convite na plataforma Canva.

Devido o tema ser de interesse de toda a escola, o diretor falou com o professor pesquisador, sugerindo que a palestra fosse realizada de modo a contemplar todas as turmas da escola. A sugestão foi prontamente acolhida e a palestra foi aberta a todo o alunado da instituição escolar.

4.2.2 A lista/levantamento

O gênero trabalhado subsequentemente com a turma foi a lista/levantamento (encontro 18). Para tanto, o professor percorreu várias ruas do entorno da escola com os alunos no intuito de eles anotarem em seus

cadernos a quantidade de estabelecimentos comerciais existentes próximos à escola, como também os seus diversos tipos.

Nessa atividade trabalhamos dois dos pressupostos do projeto de letramento, os quais consistiram na desterritorialização da aprendizagem, uma vez que levamos os alunos a cenário externo à escola. Dessa forma podemos trabalhar em uma vivência real como é importante perceber o que está em volta do bairro onde os alunos estudam. O outro pressuposto dos mencionados projetos foi a inversão do tempo escolar, pois trabalhamos a atividade de forma mais dinâmica, uma vez que seu desenvolvimento ocorreu no tempo dos discentes e não no da escola, assim pudemos tornar a atividade mais atrativa e dinâmica.

No quadro abaixo mostramos as ações desenvolvidas com os gêneros lista/levantamento:

GÊNERO	AÇÕES
Lista/levantamento	Compreensão das situações em que esse gênero é utilizado.
	Focalização de esferas nas quais eles circulam.
	Construção de um exemplar dos gêneros.
	Realização de levantamento dos estabelecimentos comerciais existentes no entorno da escola e seus respectivos tipos.

Quadro 5: Quadro elaborado pelo autor com as ações dos gêneros lista/levantamento.

Nas imagens abaixo podemos observar a atividade sendo realizada em campo com os estudantes:



Figura 12: Alunos realizando atividade de campo com os gêneros lista/levantamento.



Figura 13: Alunos realizando atividade de campo com os gêneros lista/levantamento.

Após os estudantes encerrarem essa tarefa, retornaram à sala de aula para passar a limpo os dados que obtiveram e discutir quais foram os resultados encontrados. A figura abaixo mostra esse momento:



Figura 14: Estudantes passando a limpo os dados obtidos na aula de campo.

Nas imagens abaixo podemos ver exemplares dos gêneros produzidos pelos alunos:

Português - [redacted]

- Supermercado - 1
- Lanchonete - 1
- Espetinho - 1
- Churrasco - 2
- Oficina - 2
- Loja - 2
- Doceria - 1
- Madrinha - 2
- Gráfica - 4
- Confeitaria - 3
- Bar - 2
- Mercadoria - 2
- Vidrocarro - 1
- Modestino - 2
- Colcheteiro - 2
- Eletrônico - 1
- Sapateiro - 1
- Loção - Jato - 1
- Açaí - 1
- Loja de roupas - 1
- Patisserie - 1

Supermercado 2

- Espetinho 1
- Lanchonete 1
- Comunidade 1
- Churrasco 2
- Oficina 2
- Loja de presentes 1
- Doceria 1
- Madrinha 2
- Gráfica 2
- Vidrocarro 1
- Centro de maquiagem 1
- Bar 2
- Sala 1
- Elétrica 1
- Sapateiro 1
- Loja de roupa 1
- Açaí 1
- Barbearia 1
- Pegar de roupa 1

Figuras 15 e 16: Listas/levantamentos feitos pelos alunos (AC1 e AC2).

Nos dois exemplos de gêneros produzidos pelos alunos (AC1 e AC2) pudemos perceber erros de ortografia em algumas palavras da lista/levantamento produzidos, porém cabe destacar que com relação ao uso dos gêneros, eles conseguiram utilizá-los da forma correta, estabelecendo uma relação entre a quantidade de comércio presentes nas redondezas da escola, especificando os seus respectivos tipos, podendo perceber na prática quais as espécies mais comuns empreendimentos. A função social dessa atividade pode ser vista na prática, auxiliando os alunos a perceberem qual seria o possível tipo de negócio que eles poderiam abrir, tomando por base os já existentes naquela

área da cidade. Assim como eles puderam vivenciar outra situação na qual esses gêneros poderiam ser utilizados e que papéis podem cumprir na interação social.

4.2.3 O questionário

Nas aulas seguintes, trabalhamos o gênero questionário. Nessa direção, os alunos tiveram que elaborar questões sobre empreendedorismo e aplicar nas turmas de outros blocos. Para isso utilizamos 12 aulas (encontros 19 ao 24), sendo: 2 aulas para trabalhar a estrutura do gênero questionário, o que é pesquisa e como se faz uma, sobre ética na pesquisa e sobre a diferença entre perguntas abertas, fechadas e mistas; 2 aulas para os alunos elaborarem as questões; 2 aulas para os estudantes digitarem as perguntas do questionário no laboratório de informática da escola; 2 aulas para a aplicação dos questionários com as turmas de outros blocos; e 4 aulas (encontros 25 e 26) para os discentes fazerem a tabulação dos dados obtidos.

No quadro abaixo temos as ações desenvolvidas com o gênero:

GÊNERO	AÇÕES
Questionário	Focalização da estrutura do gênero.
	Compreensão de situações em que ele é utilizado.
	Destaque de esferas nas quais ele circula.
	Estudo o que é a ética na pesquisa.
	Diferenciação do que são questões abertas, fechadas e mistas.
	Construção de um exemplar do gênero.
	Aplicação do questionário com alunos dos outros blocos, a fim de identificar o que eles sabem sobre o empreendedorismo.

Quadro 6: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero questionário.

Nas imagens abaixo podemos observar os estudantes elaborando as perguntas para o questionário (apêndice 2) e digitando-as em duplas nos computadores do laboratório da escola:



Figura 17: Alunos elaborando as perguntas do questionário.

Resposta

Nome: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Pergunta 1: O que você conhece sobre o empreendedorismo?

() conheço muita coisa

() conheço mais ou menos

() conheço um pouco

() não conheço nada

() já ouvi falar

Pergunta 2: Com relação à Pergunta Anterior, descreva o que você sabe sobre empreendedorismo.

Pergunta 3: O que você considera mais importante quando se trata de

FORONI

em uma loja?

Pergunta 4: Como você gostaria de ser tratado ao ir a uma loja?

Pergunta 5: Você já pensou em ter o próprio negócio? Qual?

FORONI

Figuras 18 e 19: Questionário elaborado pelos alunos (versão antes da digitação).

Os alunos conseguiram compreender a finalidade do gênero questionário e as suas implicações sociais. Já no que diz respeito aos aspectos linguísticos

do gênero podemos evidenciar que eles cumpriram com o proposto, apesar de haver alguns erros ortográficos na versão inicial, mas que foram corrigidos no momento da digitação do questionário. Eles viram na prática como é o trabalho de um pesquisador e quais são os procedimentos éticos de uma pesquisa.

Também pudemos perceber que eles tiveram a preocupação de analisar se a linguagem utilizada no questionário estava de acordo com os seus interlocutores. O que demonstra que eles perceberam o uso social do gênero.

Infelizmente, nem todos os alunos realizaram a atividade proposta, por isso, o professor pesquisador levou apenas os alunos que concluíram a atividade para o laboratório de informática da escola para realizar a digitação das questões a serem aplicadas. Na imagem abaixo podemos observar os alunos digitando as questões no laboratório:



Figura 20: Estudantes digitando as perguntas do questionário.

Terminada a digitação das questões, o professor salvou em um *pendrive* o questionário elaborado pelos alunos, e em seguida, fez as correções necessárias com eles.

Na aula seguinte o professor trouxe os questionários impressos e juntamente com os alunos foram às outras salas de aula. Os alunos pediram a permissão dos professores para aplicar os questionários nas salas e explicaram aos estudantes presentes do que se tratava o trabalho e se eles tinham interesse em participar. Coletamos questionários de 4 turmas, sendo que alunos e professores responderam aos questionários.

Terminada a aplicação, utilizamos 4 aulas para os alunos fazerem a tabulação dos dados da pesquisa nos cadernos deles, sendo que o professor pesquisador já tinha trabalhado nas primeiras aulas como fazer a tabulação.

Como os questionários contêm informações sobre os participantes não pudemos mostrá-los aqui, porém, na tabela abaixo mostraremos as perguntas elaboradas pelos discentes:

PESQUISA SOBRE EMPREENDEDORISMO
NOME: _____
IDADE: _____
PROFISSÃO: _____
PERGUNTA 1: O que você conhece sobre empreendedorismo? a) () conheço muita coisa b) () conheço mais ou menos c) () conheço um pouco d) () não conheço nada e) () já ouvi falar
PERGUNTA 2: Com relação à pergunta anterior, descreva o que você sabe sobre empreendedorismo.
PERGUNTA 3: O que você considera mais importante quando vai a uma loja?
PERGUNTA 4: Como você gostaria de ser tratado ao ir a uma loja?
PERGUNTA 5: Você já pensou em ter seu próprio negócio? Qual? Por quê?

Quadro 7: Quadro elaborado pelo autor com as perguntas criadas pelos estudantes na construção do questionário.

Para concluir o trabalho com os gêneros escolhidos para o projeto, trabalhamos nas aulas seguintes o gênero plano de negócios, o qual será abordado em uma seção posterior.

4.3 AS OFICINAS SOBRE EMPREENDEDORISMO: DA TEORIA À PRÁTICA

Nesta seção falaremos sobre as oficinas práticas realizadas durante a aplicação do projeto com os alunos, discorreremos sobre as atividades de escrita

desenvolvidas durante o decorrer do nosso trabalho envolvendo o trabalho com alguns gêneros discursivos com o objetivo de melhorar a escrita dos alunos e trabalhar o empreendedorismo e analisaremos os resultados obtidos dessas produções.

Devido à questão do tempo de aplicação da pesquisa, conseguimos realizar duas oficinas: uma na escola e outra fora dela.

Na primeira oficina (encontro 27), convidamos uma profissional integrante da equipe local do SEBRAE para abordar o tema “educação financeira” junto aos alunos. Devido a uma sugestão da direção da escola, a palestra foi realizada com os discentes de todas as turmas, sendo que o encontro teve a duração de mais de duas horas. Nessa oficina foi falado sobre a importância de administrar o dinheiro desde cedo, da diferença de comprar à vista e parcelado, da importância do dinheiro na vida das pessoas e de como investir o dinheiro para obtenção de rendimentos.

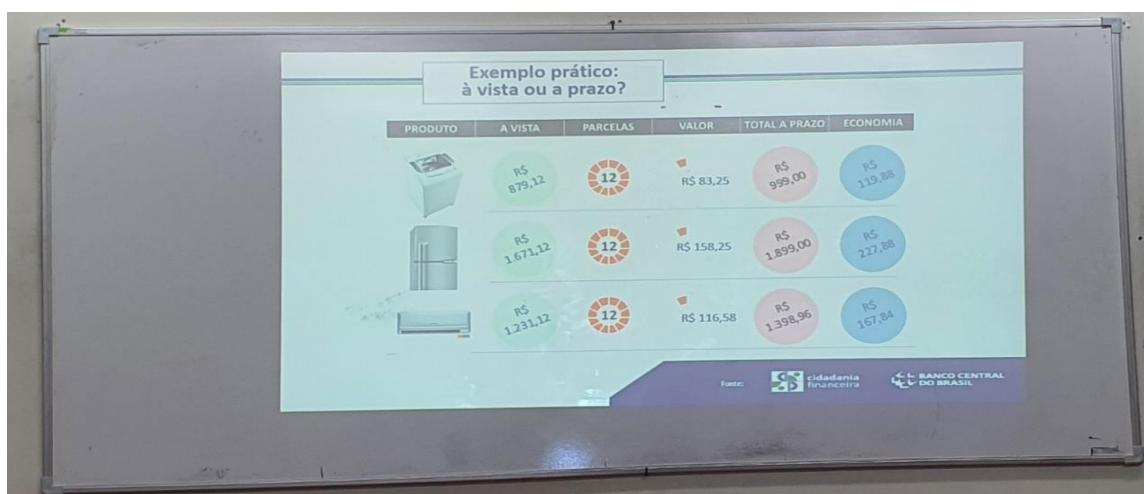


Figura 21: Slide utilizado na palestra sobre educação financeira.

Como essa atividade envolvia alunos de toda a escola, não pudemos registrar imagens dos nossos alunos colaboradores, pois estavam presentes alunos e professores de outras turmas, além da palestrante. Portanto, por razões éticas, colocamos aqui apenas as imagens dos slides utilizados no momento.

4.3.1 O relato pessoal

Encerrado o trabalho com a carta, o professor trabalhou com a turma o gênero relato pessoal (encontro 17), com o objetivo de os alunos aprenderem como utilizá-lo e, conseqüentemente, poderem fazer um registro da palestra que seria feita sobre educação financeira pela palestrante do SEBRAE.

Para isso, o professor usou slides para mostrar aos alunos a estrutura do gênero relato pessoal e as diferenças entre o relato escrito e o oral. Foram utilizadas duas aulas para trabalhar com o gênero, pois, nesse primeiro momento os alunos aprenderiam somente a estrutura dele.

Na aula seguinte após a palestra (encontro 28), os alunos elaboraram de forma colaborativa o gênero relato pessoal, que foi explicado em uma seção anterior, assim como discutiram com o professor e entre eles, o que mais gostaram na palestra e o que aprenderam sobre educação financeira.

No quadro abaixo temos as ações realizadas com o gênero relato pessoal:

GÊNERO	AÇÕES
Relato Pessoal	Estudo da estrutura do gênero.
	Compreensão de situações em que ele é utilizado.
	Demonstração de esferas nas quais ele circula.
	Produção de um exemplar do gênero nas modalidades oral e escrita.
	Identificação dos conceitos aprendidos pelos alunos na oficina no tocante à “Educação Financeira”.

Quadro 8: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero relato pessoal.

No momento da produção do gênero dois alunos faltaram, por isso, somente cinco discentes realizaram a atividade. Na imagem abaixo temos o momento da produção do gênero relato pessoal pelos estudantes:



Figura 22: Alunos elaborando de forma coletiva o gênero relato pessoal acerca da palestra sobre educação financeira.

Nós alunos do bloco "B" fundamental
 todos participamos de uma pa-
 lestra sobre educação financeira no
 dia 28 de setembro de 2022. Nessa pale-
 stra aprendemos que teremos um plano
 financeiro e fundamental em nossas
 vidas porque saber investir e contro-
 lar os nossos gastos vamos de po-
 ramos ter uma qualidade de vida um
 pouco melhor.

Alguns exemplos que vimos e pode-
 mos citar são gastos com coisas su-
 perfluas. Exemplo: estou com uma rou-
 pa nova mas vejo uma outra rou-
 pa bonita, vou lá e compro podendo
 guardar e economizar, ou investir
 em algo mais importante.

Aprendemos também que dinheiro
 não é tudo nessa vida, não podemos
 ser melhor que outra pessoa por ter
FORONI uma condição melhor de vida.

Figura 23: Gênero relato pessoal produzido pelos alunos.

Na construção do gênero na modalidade escrita pelos alunos, conseguimos perceber que no texto produzido eles conseguiram apresentar um pouco do que eles aprenderam durante a oficina e que cumpriram com a proposta do gênero relato pessoal. Apesar de existirem problemas em alguns pontos do texto, a mensagem apresentada por eles foi transmitida de forma clara. Dessa forma, compreendemos que as melhorias na escrita deles ocorreram de forma acentuada desde a primeira produção realizada por eles em nosso estudo.

Eles conseguiram compreender que a proposta do gênero é relatar com o máximo de detalhes possíveis ao leitor como se realizou determinada evento ou situação e quais foram os aprendizados obtidos durante a palestra.

O próximo evento no qual os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar na prática o que estavam aprendendo durante a pesquisa foi realizado fora da escola. O nome dele era “Renove-se”. Para isso, foi feita uma parceria com o professor da disciplina de Sociologia do Trabalho, que conseguiu ingressos para os alunos participarem de um evento que ocorreu em dois dias seguidos em um clube de eventos na cidade. Infelizmente, apenas um aluno da turma participou do evento, por isso, tivemos que levar alunos de outras turmas, que foram levados de carro pela coordenadora da escola e pelo diretor, juntamente com o professor pesquisador. A palestra contou com a apresentação de grandes empresários a nível nacional e de palestrantes como o ex-jogador de futebol e pentacampeão Cafú e o experiente Marcos Rossi.

Nesse evento os alunos puderam ver a história de vida de alguns empresários que mostraram o quanto eles trabalharam para terem uma empresa de sucesso, assim como viram as histórias de vidas de outras pessoas que não eram empresários, mas que conseguiram alcançar o sucesso através de muito esforço.

Nos dois eventos realizados, os alunos tiveram a oportunidade de aprender assuntos riquíssimos para a construção na prática do que eles vinham aprendendo em sala de aula, porém, ficou subentendido que eles não deram muita importância para esse aprendizado, uma vez que poucos participaram dos momentos propiciados, sendo que o professor pesquisador ainda falou com os discentes sobre como foi o evento que foi realizado fora da escola para que eles pudessem perceber o que perderam por não terem ido.

4.4 A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO PLANO DE NEGÓCIOS

Nesta seção falaremos sobre como ocorreu o trabalho com o gênero plano de negócios em sala de aula, uma vez que, ele é de suma importância para o sujeito que pretende abrir o seu próprio empreendimento e analisaremos os resultados obtidos na sua produção. Primeiramente precisamos destacar que o trabalho com esse gênero demorou mais do que o planejado pelo professor porque na maioria das aulas os alunos não estavam presentes na sua totalidade.

Na primeira aula sobre o gênero plano de negócios (encontro 31), o professor apresentou a estrutura dele e falou sobre a importância desse gênero para quem pretendia se tornar empreendedor futuramente.

No quadro abaixo temos as ações desenvolvidas com o gênero plano de negócios:

GÊNERO	AÇÕES
Plano de negócios	Focalização da estrutura do gênero.
	Compreensão das situações nas quais ele é utilizado.
	Apresentação das esferas nas quais ele circula.
	Construção da primeira parte do gênero (rascunho).
	Construção da segunda parte do gênero (rascunho).
	Construção da terceira parte do gênero (rascunho).
	Construção da versão final do gênero.
	Elaboração em etapas das partes do gênero, a fim de entender compreender quais são as etapas necessárias para abrir um negócio

Quadro 9: Quadro elaborado pelo autor com as ações do gênero plano de negócios.

Na figura abaixo podemos observar o professor explicando através do uso de slides o gênero:



Figura 24: Professor explicando sobre o gênero plano de negócios.

Para facilitar a escrita e o trabalho com o gênero, o professor resolveu trabalhar com ele por partes. A primeira parte a ser construída foi a proposta de valor, onde os alunos deveriam escrever qual seria o ramo da empresa que eles gostariam de abrir e quais seriam os diferenciais do negócio deles para outros. Para essa parte inicial utilizamos 2 aulas (encontro 32). Na imagem abaixo temos os alunos produzindo a proposta de valor no rascunho do modelo do plano de negócios:

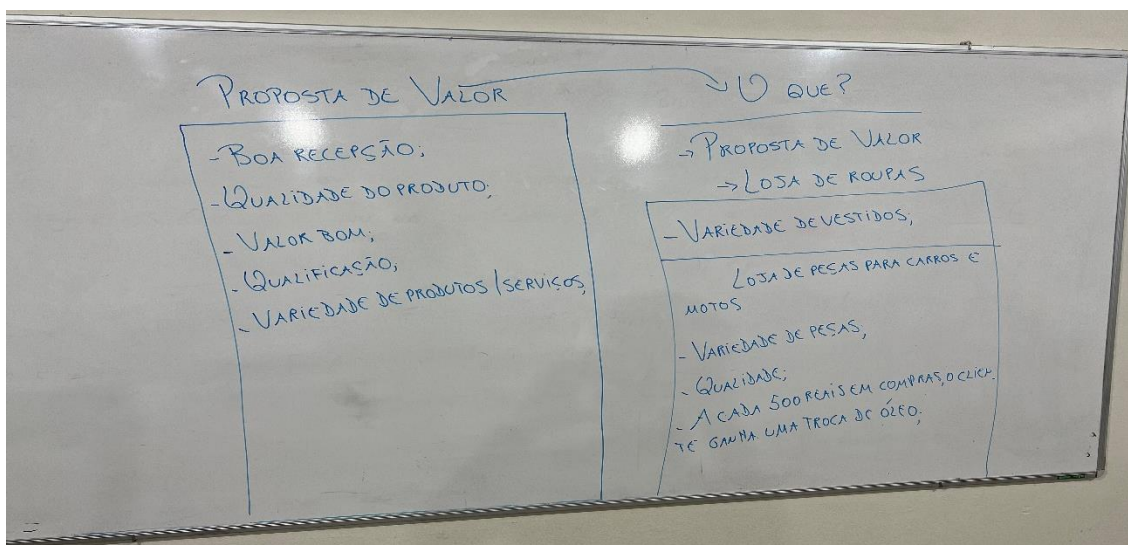


Figura 25: Rascunho da proposta de valor elaborado pelos alunos com a ajuda do professor.



Figura 26: Aluna produzindo a proposta de valor.

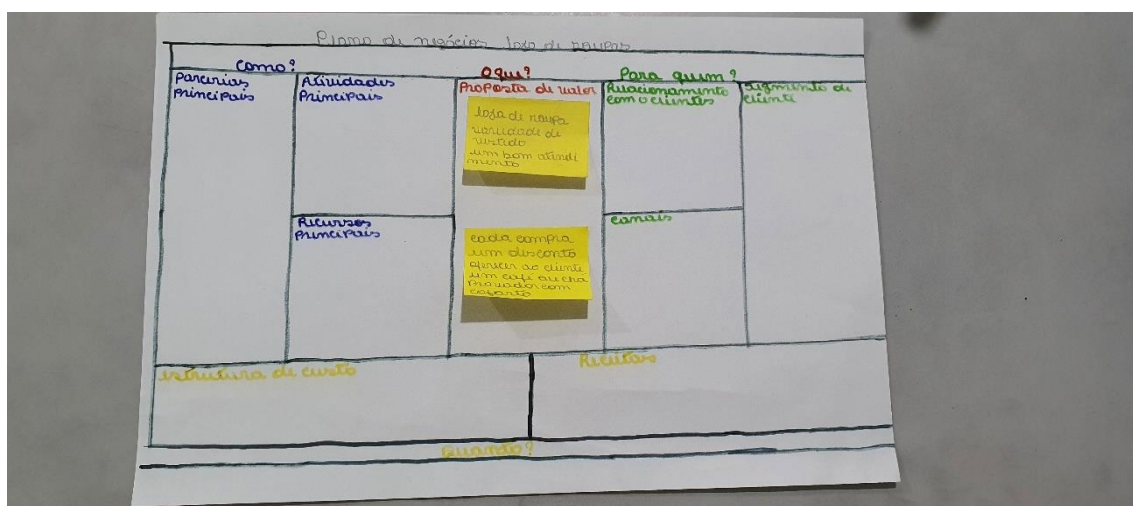


Figura 27: Rascunho produzido por uma aluna da proposta de valor.

No encontro seguinte, os alunos tiveram 2 aulas (encontro 33) para construírem a segunda parte do plano de negócios, que era constituído pelo relacionamento com os clientes, o segmento de clientes e os canais. Sendo que eles deveriam escrever como a empresa deles iria se relacionar com os clientes (através de redes sociais, sites etc.), com quais públicos lidariam (adultos, crianças, homens, mulheres) e de que forma (loja física ou *on-line*). Na imagem abaixo podemos ver os alunos construindo essa segunda etapa do plano:



Figura 28: Estudantes construindo a segunda parte do plano de negócios.

Na oficina seguinte, os alunos utilizaram mais 2 aulas (encontro 34) para elaborarem a terceira parte do plano, que era constituída pelas parcerias principais, atividades principais e recursos principais. Nessa etapa eles precisaram escrever quem seriam os seus parceiros na empresa (transportadora, fornecedores etc.), quais seriam as atividades desenvolvidas na empresa e quais seriam os profissionais que nela trabalhariam. Na imagem abaixo temos os alunos construindo essas partes:



Figura 29: Alunos construindo a terceira parte do plano de negócios.

E, por fim, tivemos mais 2 aulas (encontro 35) para a conclusão do plano de negócios pelos discentes, uma vez que, eles precisariam desse plano caso

quisessem abrir um empreendimento futuramente. Na última parte eles precisaram apresentar a estrutura de custos da empresa (pagamento de salários dos funcionários, água, luz, internet, aluguel etc.) e as fontes de receitas (dinheiro, cartão de crédito/débito etc.).

Na imagem abaixo temos a versão final do rascunho do plano de negócios produzido por uma aluna:



Figura 30: Versão final do rascunho do plano de negócios produzido pela aluna colaboradora (AC2).

Na versão final do rascunho do plano de negócios verificamos que a aluna conseguiu cumprir com todas as etapas do gênero e com a sua função social. Alguns aspectos linguísticos ainda precisaram ser polidos antes da entrega da versão definitiva, mas é interessante destacar que apesar da complexidade do gênero e por ter sido a primeira vez que os alunos o construíram, eles conseguiram utilizá-lo graças a todas as discussões realizadas durante os encontros e ao conhecimento adquirido ao longo das aulas.

Entendemos que mesmo sendo um gênero que é utilizado na área da Administração, pode ser utilizado por sujeitos que não fazem parte dessa área,

se ele for ensinado aos alunos no contexto da sala de aula. Isso se tornou possível devido à utilização da metodologia dos projetos de letramento.

Conseguimos verificar que houve uma melhora na escrita dos alunos desde a primeira versão do gênero até a última. Isso mostra que a revisão e a reescrita dos textos, assim bem como a compreensão dos objetivos e estrutura que cada gênero discursivo apresenta auxiliou os alunos a aprimorarem as suas habilidades de escrita, mesmo que ainda apresentem ainda algumas dificuldades que devido ao tempo curto de aplicação do nosso estudo não foram possíveis de serem sanadas.

Concluídas todas as partes do rascunho do plano de negócios e realizadas todas as correções pelos alunos (encontros 36 e 37), utilizamos as duas aulas seguintes para que os alunos pudessem digitar os planos que elaboraram em sala de aula (encontros 38 e 39). Para isso, o professor os levou para o laboratório de informática e os auxiliou a utilizar a plataforma Canva para digitar os planos. Todos os alunos realizaram essa tarefa, faltando apenas realizarem a avaliação do projeto para a conclusão dele. Essa tarefa foi realizada nas aulas seguintes e será explicada de forma detalhada na próxima seção.

4.5 AVALIANDO O PROJETO: O MOMENTO DE CONCLUSÃO DAS ATIVIDADES

Nesta seção falaremos sobre a etapa de conclusão do projeto que ocorreu por meio de um questionário impresso (encontro 40) elaborado pelo professor pesquisador (apêndice 1), onde os alunos avaliaram sem se identificar quais foram as impressões que eles tiveram do projeto e o que eles aprenderam com ele.

Eles responderam a 15 questões que estão no quadro abaixo:

QUESTIONÁRIO
Questão 1: O que você aprendeu durante o projeto sobre o que é empreendedorismo?
Questão 2: O que você aprendeu sobre o que é ser um empreendedor?

Questão 3: Existe alguma diferença entre empreendedor e empresário? Explique.
Questão 4: Você se considerava uma pessoa empreendedora antes do projeto? Explique.
Questão 5: E agora, você continua com esse mesmo pensamento? Explique.
Questão 6: Quais as características que você acha que um empreendedor deve ter? Você tem essas características agora? Justifique.
Questão 7: Qual foi a atividade que você mais gostou de realizar durante o projeto? Explique.
Questão 8: E qual foi a atividade que você menos gostou de fazer? Justifique.
Questão 9: Você acha que esse projeto te ajudou a melhorar a sua escrita? Explique.
Questão 10: Qual é a avaliação geral que você faz do projeto que você participou?
Questão 11: Qual nota você dá ao projeto? ☐ 0 – nada satisfeito ☐ 1-3 – pouco satisfeito ☐ 4-6 – regular ☐ 7-8 – satisfeito ☐ 9-10 – muito satisfeito
Questão 12: Você acha que esse projeto contribuiu para a sua vida? Justifique.
Questão 13: Você tem alguma sugestão para melhorar o projeto? Qual(is)?
Questão 14: Você se sente confiante para abrir o seu próprio negócio futuramente? Justifique.
Questão 15: O que você achou das aulas de Língua Portuguesa com essa proposta de ensino? Explique.

Quadro 10: Quadro elaborado pelo autor com as perguntas do questionário de avaliação do projeto.

Os estudantes avaliaram de forma bastante positiva o projeto. Todos responderam à avaliação, sendo que dos 6 questionários recebidos, 3 alunos atribuíram a nota 7-8 (satisfeito) e 3 atribuíram a nota 9-10 (muito satisfeito) na questão 11.

Na questão 7, onde os alunos deviam responder qual atividade mais gostaram de realizar durante o projeto, 3 responderam que foi a atividade na qual

eles saíram da escola para fazer a lista com a quantidade de comércios existentes nas redondezas da escola e 3 responderam que gostaram de elaborar o plano de negócios, pois tiveram a oportunidade de aprender quais são os passos para abrir uma empresa.

No quesito 9, todos os alunos responderam que apresentaram uma melhora na sua escrita durante o desenvolvimento do projeto. E com relação à pergunta 12, todos os alunos responderam que o projeto contribuiu para uma melhoria em sua vida.

Já na última questão, todos os alunos disseram que gostaram das aulas de Língua Portuguesa no formato que foram adotadas e que eles aprenderam sobre conteúdos que os ajudaram bastante.

Com o objetivo de compararmos as respostas dadas a algumas questões, elaboramos o quadro-resumo abaixo contendo a transcrição das respostas dos alunos:

QUESTÃO	RESPOSTA
Questão 9: Você acha que esse projeto te ajudou a melhorar a sua escrita? Explique.	AC1: Sim, pois trabalhamos muito a escrita no projeto.
	AC2: Mais ou menos.
	AC3: Sim.
	AC4: Sim.
	AC5: Sim, consegui melhorar a minha escrita e falar também.
	AC6: Sim, porque começamos a nos preocupar com a escrita.
Questão 12: Você acha que esse projeto contribuiu para a sua vida? Justifique.	AC1: Sim, para conhecer mais sobre o tema.
	AC2: Sim.
	AC3: Sim, porque eu aprendi que quando temos uma coisa que dá 'pra' nós usar não tem necessidade de comprar outro.

	AC4: Sim, porque eu aprendi que quando temos uma coisa que dá 'pra' nós usar não tem necessidade de comprar outro.
	AC5: Sim, hoje tenho criei plano de negócios para fazer meu dinheiro render.
	AC6: Sim, me mostrou que sou capaz de crescer nos trabalhos.

Quadro 11: Transcrição das respostas dos alunos ao questionário final de avaliação do projeto.

Portanto, podemos observar que o projeto foi bem recebido pelos alunos e que as contribuições dele ajudaram os participantes não somente nos conteúdos escolares, mas também em suas vidas cotidianas.

O trabalho desenvolvido durante todo o semestre contribuiu para a formação cidadã dos estudantes, uma vez que, trabalhar com o letramento permitiu que eles pudessem estar inseridos em práticas sociais nas quais antes eles não tinham acesso, principalmente na utilização de alguns gêneros discursivos como o plano de negócios.

Dessa forma, é válido destacar a importância que o nosso estudo proporcionou aos participantes não apenas nas práticas de leitura, escrita ou oralidade, mas também na formação crítica deles enquanto sujeitos participativos no mundo e que precisam estar mais conscientes dos seus direitos e deveres em sociedade, nos quais entre eles podemos destacar o acesso ao mundo linguístico por meio das interações que a língua pode oferecer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa tivemos a oportunidade de experimentar novas abordagens para o ensino de Língua Portuguesa. O trabalho com projetos de letramento e empreendedorismo mostrou ser uma excelente metodologia para desenvolver não só a escrita dos alunos, mas, também vivenciar na sala de aula e fora dela o trabalho com gêneros discursivos que muitas vezes não são trabalhados nas aulas de Português ou que muitas vezes estão distantes do cotidiano dos alunos.

Passamos por várias dificuldades, pois, em muitos momentos não tínhamos todos os alunos presentes para realizar as atividades do projeto, mas, infelizmente é uma realidade das escolas que trabalham com EJA. Devido a isso, o nosso trabalho levou mais tempo do que o esperado para a sua conclusão porque em muitas vezes precisamos retomar os conteúdos para os alunos que faltaram.

Entretanto, apesar dessas intercorrências, desfrutamos de momentos de bastante aprendizagem significativa, discussão, prática da escrita, de conhecimento de novos gêneros discursivos e de práticas sociais significativas. Pudemos conhecer melhor as histórias de vida dos alunos, e assim nos aproximamos mais deles.

Eles têm os seus desafios diários, mesmo assim acreditam no ensino como ferramenta para mudarem de vida. Eles enfrentam o cansaço e muitas vezes o preconceito por serem alunos da EJA, por não terem concluídos os estudos na “idade adequada”, mas, apesar de todas as dificuldades tentam frequentar as aulas todos os dias, nem sempre conseguindo, porém, se esforçando ao máximo para cumprir com todas as atividades solicitadas e querendo aprender.

O sistema de ensino não valoriza esses alunos e negligencia a existência deles, por isso, políticas educacionais devem ser aprimoradas e recursos financeiros devem ser investidos para que o ensino nessa modalidade possa ser melhorado.

O ensino na EJA é diferenciado e nós professores dessa modalidade enxergamos nos alunos o que muitas pessoas não enxergam. Eles podem chegar bem longe se tiveram uma política pública de ensino voltada para eles.

Tomando como base o objetivo geral de nossa pesquisa que foi analisar as implicações do projeto e dos eventos de letramento com foco no empreendedorismo para a melhoria das práticas de leitura e de escrita dos alunos do ensino fundamental, da modalidade EJA, através da comparação das habilidades iniciais que os alunos possuíam e as que eles desenvolveram após o término do estudo, pudemos evidenciar que houve uma melhoria nas habilidades de escrita dos alunos, ao verificarmos as versões iniciais e finais dos gêneros produzidos por eles durante o decorrer das oficinas.

Vimos que a nossa proposta metodológica utilizando o projeto de letramento, juntamente com os gêneros discursivos voltados ao empreendedorismo ajudou os alunos a melhorarem a sua escrita e muito mais ainda pode ser feito se novas propostas iguais a nossa forem criadas e implementadas na EJA. Esperamos que a nossa semente que foi plantada nessa escola e com esses alunos possa dar frutos futuramente e possa ser ampliada para outras escolas que trabalham com essa modalidade pelo país.

Compreendemos que cada escola, turma e aluno são únicos, portanto, a nossa metodologia pode não ter os mesmos resultados se for aplicada em outro contexto escolar, mas que pode ser ampliada, refeita e rediscutida pelo professor e alunos para ser utilizada em outras situações.

Os resultados que nós obtivemos mesmo com um prazo curto, demonstram que a metodologia de projetos de letramento pode trazer resultados que beneficiarão os alunos não apenas da modalidade EJA, mas de outras modalidades também.

Ainda há algumas arestas que precisam ser revistas, uma vez que nenhum trabalho é perfeito. Os alunos ainda têm algumas dificuldades na escrita, porém, elas podem diminuir ainda mais se tiverem a oportunidade de continuar de onde o presente estudo parou, o que cabe a outros professores continuarem desenvolvendo projetos que possam ajudar os discentes a superar essas dificuldades.

Os gêneros que deram suporte a nossa pesquisa, assim como os demais materiais que utilizamos para desenvolver as nossas práticas de letramento

demonstraram que a aprendizagem da escrita vai além da pura análise gramatical dos textos produzidos pelos alunos.

O rico material que eles produziram nos mostraram que a utilização dos gêneros discursivos e a consequente melhoria na escrita dos alunos, passou pela compreensão das situações comunicativas nas quais os textos e os sujeitos estão inseridos e como o processo de comunicação ocorre. Os projetos de letramento nos mostraram uma possibilidade para renovar o ensino de Língua Portuguesa na EJA e de ajudar os alunos que trazem várias dificuldades consigo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A.; CASSOL, A. P.; PEREIRA, J. S. Educação de Jovens e Adultos e as tecnologias: contribuições freirianas numa perspectiva de mudança. In: DANTAS, T. R. [et al.] (org.) **Paulo Freire em diálogo com a educação de jovens e adultos**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 55-67.

ARAÚJO, V. D. L.; GLOTZ, R. E. O. **O Letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais**. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, vol. 2, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>> Acesso em: 17 de março de 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016, 176 p.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

_____. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacy: reading and writing in one community**. London, New York: Routledge, 1998.

BAZERMAN, C. A vida do gênero, a vida da sala de aula. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. (orgs.). **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 23-35.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BEZERRA, I. C.; BRASIL, C. C. P.; CALDAS, J. M. P.; SILVA, R. M. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa na saúde. In: SILVA, R. M. [et al.] (orgs.) **Estudos Qualitativos: enfoques teóricos e coletas de informações**. Sobral: Edições UVA, 2018, p. 21-26.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O Professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COSCARELLI, C. V. Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. In: _____. RIBEIRO, A. E. (org.). **Letramento digital**: aspectos sociais e práticas pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. 30 ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2003.

KLEIMAN, A. B. Introdução. E um início: A pesquisa sobre interação e aprendizagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, vol. 18, p. 5-14, 1991. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639162/6758>> Acesso em: 15 de maio de 2022.

_____. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

_____. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. **O ensino e a**

formação do professor: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **A formação do professor:** perspectivas da linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. Processos identitários na formação profissional – o professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (org.). **Ensino de língua:** representação e letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. **EJA e o ensino de língua materna:** relevância dos projetos de letramento. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/download/874/pdf>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de língua. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

_____. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. Da aplicação de Linguística a Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. D. P. (orgs.). **Linguística Aplicada:** um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento.** São Paulo: UNESP, 2004.

OLIVEIRA, M. S. **Gêneros textuais e letramento**. RBLA, Belo Horizonte, vol. 19, n. 2, p. 325-345, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rj/rbla/a/dGM6Yx4xjbmpnmzw3JK9XNs/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 17 de março de 2013.

_____. Os projetos de letramento no cotidiano do professor de língua materna. In: OLIVEIRA, M. S.; KLEIMAN, A. B. (orgs.). **Letramentos múltiplos: formação de agentes de letramento**. Natal: EDUFRN, 2008.

OLIVEIRA, M. S.; SANTOS, I. B. A.; TINOCO, G. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. Natal: EDUFRN, 2014, 116 p.

OLSON, D. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática, 1997.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria da Educação e da Cultura. **Documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte: ensino fundamental** (recurso eletrônico). Natal, RN: Offset, 2018.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROSA, C. A. **Como elaborar um plano de negócio**. Brasília: SEBRAE, 2007.

SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento na Educação de Jovens e Adultos: o ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória**. 312f. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, 2012.

SCHOLZE, L. Pela não pedagogização da leitura e da escrita. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. (orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília, DF: INEP/UPF, 2007.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, E. P. **Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar: desenvolvimento de comportamentos empreendedores em alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elisangela-Pires-da-Silva.pdf>> Acesso em: 05 de agosto de 2023.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SUASSUNA, L. **Práticas de letramento para a formação do cidadão crítico**, p. 275-284. In: Gelne 40 anos. São Paulo: Blucher, 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (orgs.). **Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino**. Rio de Janeiro: Europa, 2004, p. 114-138.

_____. A gramática na escola / **Língua Portuguesa: o ensino de gramática**. Salto para o Futuro - Boletim, v. 3, p. 73-97, 2007. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_a_gramatica_na_escola_lingua_portuguesa_o_ensino_de_gramatica.pdf> Acesso em: 26 de dezembro de 2022.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesqui. [online]. vol. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S151797022005000300009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 15 de maio de 2022.

ZUINI, P. **Os 9 tipos de empreendedores mais comuns no Brasil**. Exame, 2014. Disponível em: <<https://exame.com/pme/os-9-tipos-de-empreendedores-mais-comuns-no-brasil/>> Acesso em: 12 de agosto de 2023.

Disponível em: <<https://www.nuvemshop.com.br/blog/como-comecar-a-empreender/>> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

Disponível em: <<https://endeavor.org.br/desenvolvimento-pessoal/o-que-e-empreendedorismo-da-inspiracao-a-pratica/>> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

CADERNO DE ATIVIDADES

PROJETOS DE LETRAMENTO,
EMPREENDEDORISMO E
GÊNEROS DISCURSIVOS
ALIADOS AO TRABALHO DA
ESCRITA EM SALA DE AULA.

AUTOR:
MARCOSSUEL SOARES BATISTA DA
SILVA



APRESENTAÇÃO

O trabalho com Projetos de Letramento e gêneros discursivos aliados ao trabalho com o empreendedorismo pode ajudar o professor no trabalho com a escrita em sala de aula. Por isso, elaboramos o presente caderno de atividades com algumas propostas utilizadas na aplicação do nosso estudo de intervenção no PROFLETRAS (UFRN/Currais Novos) em uma sala de aula de uma escola pública da rede estadual de ensino com alunos da EJA, mas que pode ser utilizado com alunos de outros públicos.

O presente caderno contém propostas de atividades de leitura, escrita e oralidade, uma vez que, entendemos que tais práticas não podem ser trabalhadas de forma isolada, mas sim em conjunto.

O seguinte material traz uma contribuição significativa para o professor que deseja trabalhar na perspectiva dos estudos do letramento e que gostaria de auxiliar os seus alunos a melhorarem as habilidades de escrita.

Com essa finalidade, o presente caderno se apresenta da seguinte maneira: inicialmente faremos uma discussão sobre os estudos de letramento no trabalho com a escrita; em seguida faremos uma discussão sobre o papel dos gêneros discursivos no ensino da escrita; e, por fim, evidenciaremos propostas de atividades utilizando alguns gêneros como a carta convite, lista/levantamento, relato pessoal (oral e escrito), questionário e plano de negócios.

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz
Orientadora do trabalho que culminou com a produção desse Caderno de
Atividades.

SUMÁRIO

1 CARO LEITOR.....	4
2 OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO NAS PRÁTICAS DE ESCRITA.....	5
3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DA ESCRITA.....	6
4 O EMPREENDEDORISMO ENQUANTO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO.....	8
5 PROPOSTAS DE TRABALHO COM A ESCRITA EM SALA DE AULA.....	9
5.1 O GÊNERO CARTA CONVITE COMO FERRAMENTA.....	9
5.2 O GÊNERO LISTA/LEVANTAMENTO COMO PROPOSTA.....	11
5.3 O GÊNERO RELATO PESSOAL (ORAL E ESCRITO) COMO UMA POSSIBILIDADE.....	12
5.4 O TRABALHO COM O GÊNERO QUESTIONÁRIO EM SALA DE AULA.....	13
5.5 O GÊNERO PLANO DE NEGÓCIOS E O TRABALHO COM O EMPREENDEDORISMO.....	14
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

1 CARO LEITOR

Caro leitor, o trabalho com Projetos de Letramento pode ser uma alternativa para uma mudança no ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas. Aliado com o ensino do empreendedorismo pode abrir novas oportunidades para uma transformação na vida dos alunos.

Quando se fala principalmente no trabalho com alunos da Educação de Jovens e Adultos, o trabalho com projetos de letramento e empreendedorismo aparece como uma renovação em uma modalidade de ensino que apresenta diversas dificuldades.

Para que mudanças possam ocorrer é fundamental que a escola enquanto agência de letramento por excelência possa fazer uma mudança no seu currículo e inserir o trabalho com projetos de letramento, assim como o com empreendedorismo e com os gêneros discursivos para que os alunos estejam mais próximos das práticas discursivas reais que eles estão inseridos em seu cotidiano.

Através deste caderno de atividades, objetivamos mostrar algumas alternativas para o docente que deseja implementá-las em suas aulas e queira aprimorar as habilidades de escrita de seus estudantes.

O presente caderno é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), na qual foi aplicada em uma turma do bloco “B” do Ensino Fundamental, com uma turma da EJA, de uma escola pública estadual, localizada na cidade de Currais Novos/RN.

Dessa forma, o presente material apresenta atividades estabelecidas com o objetivo de melhorar a escrita dos estudantes, a partir da metodologia dos Projetos de Letramento com empreendedorismo e gêneros discursivos, os quais podemos citar: carta convite, lista/levantamento, relato pessoal (oral e escrito), questionário e plano de negócios.

Portanto, o material a seguir contempla atividades voltadas para o letramento e empreendedorismo dos discentes, e é recomendado para professores que desejam que seus alunos melhorem as suas habilidades de escrita.

2 OS ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO NAS PRÁTICAS DE ESCRITA

Podemos compreender o letramento como um grupo das práticas sociais que fazem uso da leitura e da escrita em situações reais de uso. (Kleiman, 1995) Para que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita possam ocorrer de forma eficaz é dever dos professores buscar metodologias de ensino que possam trazer para a sala de aula uma aproximação das práticas sociais nas quais os alunos estão inseridos em seus contextos sociais.

Não basta apenas ensinar a ler e a escrever se os alunos não conseguem compreender como tais práticas são encontradas nas mais diversas esferas discursivas.

O professor enquanto agente de letramento, ou seja, enquanto sujeito que conhece as práticas de uso da língua e tem um repertório linguístico mais amplo que o dos alunos, deve trabalhar com a maior quantidade de gêneros discursivos possíveis para que os estudantes possam perceber que a linguagem utilizada na escola não é diferente da linguagem que eles encontram em suas práticas sociais.

É na escola que os discentes têm a oportunidade de vivenciar práticas linguísticas que muitas vezes não podem vivenciar em outros ambientes nos quais eles estão inseridos, assim como têm chance de lidar com gêneros discursivos que fazem parte do domínio escolar.

Os saberes dos alunos precisam ser levados em consideração pelo professor, uma vez que, o conhecimento de mundo que eles possuem traz para o processo de ensino diversas vozes que os ajudam a construir a criticidade deles.

Quando falamos sobre o ensino da escrita, o docente precisa levar em consideração que ela não pode ser ensinada separada do ensino da leitura. As duas habilidades são complementares e precisam ser trabalhadas conjuntamente para que o aluno seja um sujeito que consiga interagir nos mais diversos contextos sociais possíveis.

Também é preciso ressaltar que as duas habilidades são de igual importância, portanto, uma não pode sobressair sobre a outra ou ser considerada mais ou menos importante. Assim como, o aluno precisa perceber que ele é um sujeito que tem um papel ativo na sociedade e que precisa utilizar tais práticas para interagir no/sobre o mundo.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DA ESCRITA

Precisamos ressaltar a priori que antes de falarmos sobre as atividades com os gêneros discursivos em sala de aula, devemos evidenciar qual é o papel que eles ocupam no ensino da escrita em sala de aula.

Toda prática social que encontramos em sociedade é realizada através do uso de diversos gêneros discursivos. Quanto mais as esferas sociais se ampliam, mais os gêneros discursivos que estão inseridos nelas se expandem. Cada esfera produz os gêneros que necessita para esta ou aquela finalidade discursiva.

Ao falar sobre isso, Bakhtin (2016) diz o seguinte:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e a formas desse uso sejam tão multiformes quantos os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana (Bakhtin, 2016, p. 11).

Dessa forma, cada situação comunicativa encontrada em nosso cotidiano ocorre através das escolhas linguísticas que compreendemos que sejam necessárias para o processo de comunicação ocorrer. Essas escolhas se dão de acordo com a intenção que o falante tem, assim como os seus objetivos e a forma que ele utiliza para atingi-los.

Por isso que Bakhtin ao falar sobre os gêneros discursivos, enfatiza o seguinte: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada

campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 12).

É o trabalho com os gêneros discursivos em sala de aula que pode ajudar o professor a ensinar aos alunos como eles podem atuar no/sobre o mundo e ajudá-los a compreender que a interação humana ocorre por meio do uso de tais ferramentas.

O ensino da escrita aliado ao trabalho com os gêneros discursivos traz uma perspectiva diferente para o ensino de Língua Portuguesa, uma vez que, aproxima o aluno de práticas sociais nas quais eles ainda não tiveram contato, mas que podem vir a ter futuramente.

Salientamos assim, que o trabalho com os gêneros que estão mais próximos ou distantes dos alunos podem ajudá-los a perceber como funcionam diferentes esferas comunicativas. Entre esses gêneros temos: carta convite, lista/levantamento, relato pessoal (oral e escrito), questionário e plano de negócios.

4 O EMPREENDEDORISMO ENQUANTO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Outro ponto que precisamos destacar, caro leitor, é a importância do trabalho com os conceitos de empreendedorismo, empreendedor e com os gêneros que perpassam por essa área.

Dolabela (2006) enfatiza muito bem o trabalho que deve ser desenvolvido com o empreendedorismo em sala de aula, ao evidenciar que no ensino dele a metodologia tradicional onde o professor detém o conhecimento e transmite para o aluno, não funciona.

O trabalho com a metodologia do ensino de empreendedorismo deve partir dos conhecimentos que os alunos já possuem, principalmente no que diz respeito às concepções que eles possuem de qual tipo de empreendimento eles desejam desenvolver.

Dessa forma, o objetivo com o ensino de empreendedorismo é priorizar a relação dos indivíduos consigo mesmos e com o ambiente onde eles estão inseridos.

Não é o objetivo final do trabalho com essa metodologia transmitir unicamente conhecimentos, mas a formação de sujeitos capazes de aprender a aprender e conseguir se definir a partir do conhecimento adquirido, uma vez que, o empreendedor nunca para de aprender e de se desenvolver, principalmente o seu processo criativo.

5 PROPOSTAS DE TRABALHO COM A ESCRITA EM SALA DE AULA

Nesta seção abordaremos algumas propostas de atividades que podem ser trabalhadas com os gêneros: carta convite, lista/levantamento, relato pessoal (oral e escrito), questionário e plano de negócios.

Tais gêneros podem ser utilizados para aprimorar as habilidades de escrita dos alunos, assim como pode ajudá-los a aumentar o seu nível de letramento, através da compreensão de como essas ferramentas comunicativas podem ser encontradas e utilizadas em diversas situações comunicativas possíveis.

5.1O GÊNERO CARTA CONVITE COMO FERRAMENTA

Como proposta para a utilização do gênero carta convite em sala de aula para aprimorar a escrita dos alunos, primeiramente temos de partir do pressuposto de que na perspectiva do ensino com projetos de letramento, o objetivo não é fazer com que os alunos aprendam o gênero, e sim como ele pode ser utilizado para agir em determinada situação comunicativa.

Para iniciarmos o trabalho com ele, mostraremos aos alunos qual é a estrutura do gênero. Utilizamos o modelo abaixo para isso:

GÊNERO CARTA CONVITE	
[Seu Nome] [Seu Endereço] [Cidade, Estado] [CEP] [Data] [Nome do Destinatário] [Endereço do Destinatário] [Cidade, Estado] [CEP]	[Se necessário, fornecer informações adicionais relevantes, como data limite para confirmação de presença, necessidade de confirmação de presença com antecedência, traje recomendado etc.] Por favor, deixe-nos saber se você poderá comparecer até [data limite para confirmação de presença] para que possamos fazer os preparativos necessários. Você pode entrar em contato conosco pelo telefone [seu número de telefone] ou por e-mail em [seu endereço de e-mail]. Esperamos ansiosamente sua resposta e sua presença neste evento especial. Sua participação será uma honra para nós. Agradeço antecipadamente e espero vê-lo/a em breve. Atenciosamente, [Seu Nome]
Prezado/a [Nome do Destinatário], espero que esta carta encontre você bem. Escrevo-lhe para convidá-lo/a cordialmente a [descrever o evento ou ocasião para a qual o destinatário está sendo convidado], que ocorrerá no dia [data] às [horário] no(a) [local do evento]. [Descrever brevemente o evento/ocasião, incluindo detalhes relevantes, como o motivo da comemoração, a importância do evento, o programa/agenda, palestrantes especiais, atividades planejadas etc.] Sua presença neste evento seria muito apreciada. [Mencionar por que o destinatário é especialmente convidado, ressaltando sua importância, experiência, conhecimento, contribuições etc., caso aplicável.]	

Figura 1: modelo do gênero carta convite.

Primeiro momento: entregar aos alunos de forma impressa uma cópia do modelo da carta convite e pedir que eles façam a leitura dele. Em seguida, explicar aos alunos o que é uma carta convite, quando se deve utilizá-la e como é a estrutura dela.

Segundo momento: solicitar que os alunos escrevam uma carta para convidar alguém para a escola para ministrar uma oficina sobre o tema “Economia Financeira” ou outro assunto relacionado ao empreendedorismo.

Terceiro momento: solicitar que os alunos mostrem os textos que eles produziram e, em seguida, fazer uma revisão dos aspectos linguísticos e estruturais do gênero.

Quarto momento: fazer a digitação da carta no laboratório de informática da escola ou pelo celular dos alunos.

Quinto momento: fazer o envio da carta ao palestrante por e-mail ou WhatsApp.

O uso do gênero carta convite além de ajudar os alunos a melhorarem as suas habilidades de escrita, também ajuda-os a compreender como o gênero pode ser utilizado em determinada situação comunicativa dentro de um contexto real específico.

5.2 O GÊNERO LISTA/LEVANTAMENTO COMO PROPOSTA

Como proposta para o trabalho com o gênero lista/levantamento, trabalharemos juntamente com a questão do empreendedorismo para que os alunos possam perceber a realidade que os cercam. Para isso, o trabalho deverá ser realizada fora da escola, com o professor acompanhando os estudantes.

Primeiro momento: orientar os alunos sobre a produção do gênero lista/levantamento.

Segundo momento: explicar que eles produzirão uma lista/levantamento com a quantidade de comércios e os tipos deles que se encontram nas redondezas da escola, anotando-os nos cadernos deles.

Terceiro momento: acompanhar os alunos pelas ruas próximas à escola para fazer o levantamento das informações.

Quarto momento: terminada a tarefa, levar o alunos de volta à sala de aula para fazer uma discussão sobre os dados obtidos na atividade e sobre a percepção que eles tiveram sobre ela.

O trabalho com esse gênero ajuda o professor a mostrar aos alunos que os espaços fora da sala de aula podem ser espaços de aprendizagem também e que o tempo da aula pode ser trabalhado de forma mais livre e de acordo com as particularidades de cada discente.

5.3 O GÊNERO RELATO PESSOAL (ORAL E ESCRITO) COMO UMA POSSIBILIDADE

Para o trabalho com o gênero relato pessoal propomos que ele seja feito com as modalidades oral e escrita do gênero.

Primeiramente os alunos precisam compreender a função social do gênero, por isso eles precisam participar de alguma prática de letramento real. No nosso estudo utilizamos uma palestra sobre economia financeira para que os alunos pudessem relatar o que aprenderam durante a oficina e descrever como ela ocorreu.

Primeiro momento: explicar aos alunos através do uso de slides sobre a função social do gênero relato pessoal, como ele se estrutura nas suas modalidades oral e escrita e quais são os mecanismos linguísticos que precisam ser movimentados para a sua utilização.

Segundo momento: realização de uma palestra com tema voltado ao empreendedorismo com um palestrante convidado e que tem experiência no assunto.

Terceiro momento: após a realização da palestra, conversar com os alunos sobre o que eles vivenciaram durante a prática de letramento.

Quarto momento: transformar as discussões realizadas no gênero relato pessoal oral, a partir da organização das conversas realizadas com os alunos.

Quinto momento: terminada a construção da modalidade oral do gênero, formar um grupo com os estudantes para que eles construam de forma colaborativa a versão escrita do gênero.

Sexto momento: realizar a correção dos elementos linguísticos e estruturais do gênero antes da entrega dele pelos alunos.

Através da prática da escrita e da oralidade na produção do gênero relato pessoal, os alunos estarão percebendo na prática as diferenças entre essas duas modalidades da língua e que um mesmo gênero discursivo pode apresentar diferenças quando passa de uma modalidade para outra.

5.4 O TRABALHO COM O GÊNERO QUESTIONÁRIO EM SALA DE AULA

O uso do gênero questionário pode ser feito através da explicação do uso do gênero, dos princípios da ética na pesquisa e de como é feita a tabulação dos dados obtidos.

Primeiro momento: explicar aos alunos através do uso de slides como se dá a utilização do gênero questionário, como elaborá-lo, quais as diferenças entre questões abertas, fechadas e mistas, quais são os princípios básicos da ética na pesquisa e como fazer a tabulação dos dados obtidos.

Segundo momento: formar um grupo ou grupos com os estudantes e solicitar que eles criem questões para serem aplicadas com alunos de outras turmas para verificar o que eles sabem sobre empreendedorismo.

Terceiro momento: realizar as correções necessárias juntamente com os alunos das questões linguísticas e estruturais do questionário.

Quarto momento: levar os alunos até o laboratório de informática da escola para fazer a digitação do questionário.

O modelo abaixo pode ser utilizado pelos alunos para a aplicação:

PESQUISA SOBRE EMPREENDEDORISMO
NOME: _____
IDADE: _____
PROFISSÃO: _____
PERGUNTA 1: O que você conhece sobre empreendedorismo?
a) () conheço muita coisa
b) () conheço mais ou menos
c) () conheço um pouco
d) () não conheço nada
e) () já ouvi falar
PERGUNTA 2: Com relação à pergunta anterior, descreva o que você sabe sobre empreendedorismo.

PERGUNTA 3: O que você considera mais importante quando vai a uma loja?

PERGUNTA 4: Como você gostaria de ser tratado ao ir a uma loja?

PERGUNTA 5: Você já pensou em ter seu próprio negócio? Qual? Por quê?

Quadro 1: modelo de questionário produzido pelo autor.

Quinto momento: imprimir questionários e levar os alunos para aplicá-los com alunos de outras turmas.

Sexto momento: receber os questionários respondidos.

Sétimo momento: levar os alunos para a sala de aula e fazer a tabulação dos dados obtidos em seus cadernos.

Oitavo momento: discutir com os alunos sobre a percepção que eles tiveram sobre os dados obtidos.

Através da utilização do gênero questionário, os alunos terão a oportunidade de perceber qual é a importância da pesquisa nas práticas sociais nas quais eles estão inseridos e no mundo acadêmico. Eles também terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as regras de funcionamento de um trabalho de pesquisa e de como utilizar ferramentas para a aprendizagem do letramento digital.

5.5 O GÊNERO PLANO DE NEGÓCIOS E O TRABALHO COM O EMPREENDEDORISMO

O gênero plano de negócios devido a sua complexidade, deve ser trabalhado em etapas, uma vez que, os conceitos de empreendedorismo devem ser trabalhados com os estudantes antes da produção dele, para que assim os alunos tenham mais facilidade para a sua construção.

Primeiro momento: realizar juntamente com os alunos após ter trabalhado bastante sobre o que é empreendedorismo, tipos de empreendedor e conteúdos afins, a primeira parte do plano de negócios, que é a proposta de valor. Essa proposta de valor diz respeito ao diferencial que o tipo de negócio que o aluno escolheu terá (inovação, qualidade, preço “justo” etc).

Segundo momento: os alunos deverão elaborar a segunda parte do

plano que consiste em informar quais serão as parcerias principais (quem vai ajudar no desenvolvimento do negócio: transportadora, entregador etc.), as atividades principais (entrega, confecção de determinado produto ou serviço) e os recursos principais (vendedor, gerente, atendente etc.).

Terceiro momento: na terceira etapa os alunos construirão o relacionamento com os clientes (redes sociais, telefone etc.), o segmento de clientes que a empresa atenderá (homens, mulheres, crianças, idosos) e os canais utilizados para atendimento ao cliente (loja física ou online).

Quarto momento: criação da estrutura de custos, ou seja, quais serão os gastos necessários para abertura e manutenção da empresa (salários, aluguel, água, luz) e as fontes de receita (dinheiro em espécie, cartão de crédito, débito, Pix, cheque).

Quinto momento: correção dos recursos linguísticos e estruturais do gênero pelo professor e alunos.

Sexto momento: levar os alunos para o laboratório de informática para a digitação do plano de negócios na sua versão final.

Abaixo temos um modelo de plano que pode ser utilizado:

PARCERIAS PRINCIPAIS	ATIVIDADES PRINCIPAIS	PROPOSTA DE VALOR	RELACIONAMENTO COM CLIENTES	SEGMENTO DE CLIENTES
	RECURSOS PRINCIPAIS		CANAIS	
ESTRUTURA DE CUSTOS			FONTES DE RECEITA	

Quadro 2: modelo de plano de negócios produzido pelo autor.



Através do uso do gênero plano de negócios, os alunos poderão trabalhar algumas características empreendedoras e aprimorar as suas habilidades de escrita. Para uma boa utilização desse gênero, o professor deverá ter trabalhado antes os conceitos principais de empreendedorismo e outros que sejam necessários para a compreensão desse universo, para que assim os alunos possam decidir melhor qual será o tipo de empresa que eles gostariam de abrir e quais serão os recursos que eles precisarão mobilizar para a manutenção dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com Projetos de Letramento e empreendedorismo precisa ser cada vez ampliado nas escolas, principalmente naquelas que trabalham com alunos da EJA. Podemos perceber que o trabalho com tais ferramentas traz oportunidades para a melhoria da escrita dos alunos e pode auxiliá-los a aumentar o seu nível de letramento.

Cabe ressaltar que esse trabalho não pode ser feito de qualquer forma, uma vez que, isso exige um preparo do professor ou professores que desejam inseri-los em suas salas de aula.

Trabalhar com projetos de letramento não é a mesma coisa de trabalhar com projetos temáticos. O objetivo dos projetos de letramento não é fazer com que os alunos aprendam um conteúdo, e sim fazer com que eles possam resolver um problema que eles possuem, seja ele individual ou coletivo.

As propostas que apresentamos neste caderno de atividades são algumas das muitas que podem ser trabalhadas, revistas e aprimoradas de acordo com cada contexto educacional no qual os professores possam estar inseridos.

Entre essas atividades podemos citar a visita a escritórios de contabilidade ou agência do SEBRAE, para que os alunos possam aprender como funciona a parte burocrática de uma empresa (tributos, estrutura de custo e de manutenção, salários etc), assim como o desenvolvimento de uma feira do empreendedor utilizando produtos para venda que os alunos possam fabricar na escola.

Podemos vislumbrar que a escrita não pode ser trabalhada isolada das práticas de leitura e oralidade. Cada habilidade é complementar a outra e precisa ser trabalhada de forma colaborativa. Os estudos de letramento evidenciam que os alunos precisam ter contato com os mais diversos usos da língua que eles possam encontrar na sociedade. Infelizmente, o tempo disponível na escola não é suficiente para trabalhar com todos os gêneros discursivos existentes, pois

eles são infinitos. Portanto, cabe ao docente escolher com cuidado aqueles que os alunos precisam ter contato e que não podem sair da escola sem a plena capacidade de conseguir utilizá-los de forma eficaz em diversas situações reais possíveis.

Podemos concluir então que não basta apenas ensinar a escrita pela escrita e nem a leitura pela leitura, mas sim como a leitura e a escrita podem ser utilizadas para os alunos atuarem como sujeitos no mundo que os cerca e no qual eles agem. A escrita e a leitura podem abrir as portas que a sociedade muitas vezes tenta fechar para os menos favorecidos. É através da educação que essa realidade pode ser modificada, assim como o trabalho nessa perspectiva traz um fôlego novo para o ensino de Língua Portuguesa na educação pública.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. D. L.; GLOTZ, R. E. O. **O Letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais.** Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, vol. 2, n. 1, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>> Acesso em: 17 de março de 2013.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016, 176 p.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

_____. **Estética da criação verbal.** 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa.** 30 ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

Disponível em: <<https://www.nuvemshop.com.br/blog/como-comecar-a-empresender/>> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

Disponível em: <<https://endeavor.org.br/desenvolvimento-pessoal/o-que-e-empresendedorismo-da-inspiracao-a-pratica/>> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.



Marcossuel Soares Batista da Silva

Pós-graduado do Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus de Currais Novos/RN. Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas literaturas pela mesma instituição. Professor da Rede Pública Estadual de Ensino, Ensino Fundamental II e Médio.



APÊNDICES

APÊNDICE 1: Questionário de avaliação do projeto.

APÊNDICE 2: Pesquisa elaborada pelos alunos.

APÊNDICE 3: Modelo de plano de negócios.

APÊNDICE 1: Questionário de avaliação do projeto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO
SERIDÓ – FELCS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO

Questão 1: O que você aprendeu durante o projeto sobre o que é empreendedorismo?

Questão 2: O que você aprendeu sobre o que é ser um empreendedor?

Questão 3: Existe alguma diferença entre empreendedor e empresário? Explique.

Questão 4: Você se considerava uma pessoa empreendedora antes do projeto? Explique.

Questão 5: E agora, você continua com esse mesmo pensamento? Explique.

Questão 6: Quais as características que você acha que um empreendedor deve ter? Você tem essas características agora? Justifique.

Questão 7: Qual foi a atividade que você mais gostou de realizar durante o projeto? Explique.

Questão 8: E qual foi a atividade que você menos gostou de fazer? Justifique.

Questão 9: Você acha que esse projeto te ajudou a melhorar a sua escrita? Explique.

Questão 10: Qual é a avaliação geral que você faz do projeto que você participou?

Questão 11: Qual nota você dá ao projeto?

() 0 – nada satisfeito () 1-3 – pouco satisfeito () 4-6 – regular
() 7-8 – satisfeito () 9-10 – muito satisfeito

Questão 12: Você acha que esse projeto contribuiu para a sua vida? Justifique.

Questão 13: Você tem alguma sugestão para melhorar o projeto? Qual(is)?

Questão 14: Você se sente confiante para abrir o seu próprio negócio futuramente? Justifique.

Questão 15: O que você achou das aulas de Língua Portuguesa com essa proposta de ensino? Explique.

APÊNDICE 2: Pesquisa elaborada pelos alunos.**PESQUISA SOBRE EMPREENDEDORISMO****NOME:** _____**IDADE:** _____**PROFISSÃO:** _____**PERGUNTA 1:** O que você conhece sobre empreendedorismo?

- a) () conheço muita coisa
- b) () conheço mais ou menos
- c) () conheço um pouco
- d) () não conheço nada
- e) () já ouvi falar

PERGUNTA 2: Com relação à pergunta anterior, descreva o que você sabe sobre empreendedorismo.

PERGUNTA 3: O que você considera mais importante quando vai a uma loja?

PERGUNTA 4: Como você gostaria de ser tratado ao ir a uma loja?

PERGUNTA 5: Você já pensou em ter seu próprio negócio? Qual? Por quê?

APÊNDICE 3: Modelo de plano de negócios.**MODELO – PLANO DE NEGÓCIOS**

PARCERIAS PRINCIPAIS	ATIVIDADES PRINCIPAIS	PROPOSTA DE VALOR	RELACIONAMENTO COM CLIENTES	SEGMENTO DE CLIENTES
	RECURSOS PRINCIPAIS		CANAIS	
ESTRUTURA DE CUSTOS			FONTES DE RECEITA	

ANEXOS

ANEXO 1: Questionário sobre empreendedorismo.

ANEXO 2: Questionário sobre perfil empreendedor.

ANEXO 3: Respostas do questionário de avaliação do projeto dadas pelos alunos.

ANEXO 4: Planos de negócios elaborados pelos alunos.

ANEXO 5: Texto “Dicas de como começar a empreender do zero”.

ANEXO 6: Texto “O que é empreendedorismo: da inspiração à prática”.

ANEXO 1: Questionário sobre empreendedorismo.

Aluno(a): _____ **Data:** ____/____/____

Bloco “B” Fundamental / Disciplina: Português / Professor: Marcossuel

QUESTIONÁRIO SOBRE EMPREENDEDORISMO

Para responder este questionário, você precisa ter feito a sua lição de casa: saber o que é essencial para identificar se está diante de uma oportunidade e o que é necessário para transformá-la em negócio de sucesso. Para descobrir se você preenche as condições para tanto, vamos ao teste.

Seja sincero: este teste só interessa a você.

VOCÊ E A SUA IDEIA - CAPACIDADE DE IDENTIFICAR A IDEIA

Questão 1: Qual é o seu sonho? Você é capaz de dizer o que pretende ser daqui a 10 ou 20 anos?

- a) Sim
- b) Não sei
- c) Não pensei no assunto

Questão 2: Você está disposto a colocar toda a sua energia para realizar o seu sonho?

- a) Sim
- b) Não sei
- c) Não pensei no assunto

Questão 3: Não seria melhor você ser empregado do que se arriscar numa empresa sua?

- a) Não; sei que quero ser empreendedor
- b) Não sei
- c) Não pensei no assunto

Questão 4: Você acha que, apesar de suas ideias serem boas, os outros sempre fazem melhor?

- a) Não; eu confio nas minhas ideias
- b) Sim; acho que os outros se saem melhor
- c) Não pensei no assunto

Questão 5: Quando faltar alguém com quem você possa dividir, acha que será capaz de pensar e agir sozinho?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 6: Você tem medo de errar?

- a) Não
- b) Sim
- c) Não pensei no assunto

Questão 7: Mesmo diante do erro (que é a maior fonte de aprendizado do empreendedor), o empreendedor muitas vezes tem que continuar, até conseguir alcançar os seus objetivos. Você sabe que muita perseverança lhe será exigida?

- a) Não
- b) Sim
- c) Não pensei no assunto

Questão 8: Você se sente capaz de fazer as perguntas pertinentes?

- a) Sim
- b) Não sei
- c) Não pensei no assunto

Questão 9: Faça um mergulho no seu ego, ouça o seu coração. Sua ideia de negócio tem algo a ver com seu sonho? Irá, de alguma forma, contribuir para a sua realização pessoal?

- a) Sim
- b) Minha ideia de negócio não tem a ver com o meu sonho
- c) Acho que sonho e negócio são coisas diferentes
- d) Nunca pensei no assunto

Questão 10: Reflita sobre suas ações: você tem feito alguma coisa na direção de realizar o seu sonho?

- a) Eu tenho feito esforços para realizar meu sonho
- b) Não tenho feito nada nesse sentido
- c) Não pensei no assunto

Questão 11: Sobre sua ideia específica: o que você sabe sobre o ramo em pretende atuar? Você lê a respeito, é bem-informado?

- a) Sim
- b) Não estou muito informado
- c) Não pensei no assunto

Questão 12: Você já refletiu sobre o dia a dia da vida de um empreendedor? Algumas situações que compõem esse cotidiano o deixaram intranquilo, insatisfeito?

- a) Ainda não imaginei algo que me desagrade a ponto de me desanimar

- b) Trabalho exaustivo para renda incerta
- c) Renda irregular
- d) Risco
- e) Retorno financeiro a longo prazo
- f) Convivência com situações indefinidas
- g) Dependência de fatores não controláveis, como políticas do governo, contingências de mercado etc.
- h) Não pensei no assunto

Questão 13: Você está copiando sua ideia de alguém, mas acrescentando algo de diferente?

- a) Sim
- b) Não, estou só copiando
- c) Não pensei no assunto

Questão 14: Você é capaz de dizer por que sua ideia irá atrair as pessoas?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 15: Você sabe quais empresas estão na mesma área de atuação da sua ideia? Sabe dizer qual a rentabilidade do setor? Qual a tecnologia empregada?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

VOCÊ E A SUA CAPACIDADE DE AGARRAR A IDEIA

Questão 16: Você domina a tecnologia envolvida ou tem acesso a ela?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 17: Você conhece muito bem o negócio como um todo (clientes, concorrência, tendências, características) ou somente a tecnologia do produto ou serviço?

- a) Sim, conheço a tecnologia e o negócio como um todo
- b) Parcialmente
- c) Conheço somente a tecnologia
- d) Não pensei no assunto

Questão 18: Você é capaz de transformar sua ideia em produto ou serviço? Ou seja, especificar, projetar, fabricar, testar (se for um produto), dominar a tecnologia e/ou metodologia (se for um serviço)?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 19: Conhece o ciclo de vida do produto ou serviço? (Você pode estar entrando em uma área que esteja em declínio)

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 20: Você sabe de que recursos necessita (tecnologia, inteligência, competência, capital)? Tem acesso a eles? Já identificou a fonte dos recursos financeiros de que necessita?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 21: Você se interessa mais pelo que existe ou pelo que ainda não existe, mas pode ser criado?

- a) Eu me interesso pelo novo, pelo que não existe
- b) Eu me interesso somente pelo que já existe
- c) Não pensei no assunto

Questão 22: Pensou em fazer um Plano de Negócios?

- a) Sim
- b) Não

VOCÊ E SUA CAPACIDADE DE BUSCAR OS RECURSOS NECESSÁRIOS

Questão 23: Você já formou uma rede de relações (pessoas, feiras, publicações, entidades de classe etc.) na área em que vai atuar?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 24: Você já estabeleceu uma estratégia para atrair as pessoas de que precisa no seu negócio e conseguir meios para contratá-las?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 25: Você tem os meios para adquirir a tecnologia necessária?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 26: Você tem condições de buscar os recursos financeiros necessários ao investimento, lançamento e à operação inicial?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 27: Você já bolou uma estratégia para comunicar a existência do seu produto/serviço e atrair a clientela?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

VOCÊ E SUA CAPACIDADE DE GERENCIAR OS RECURSOS NECESSÁRIOS

Questão 28: Você (ou sua equipe) tem experiência na gestão de negócios?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não pensei no assunto

Questão 29: Você tem habilidades para lidar com pessoas? É capaz de motivar pessoas para que o ajudem a realizar seu sonho?

- a) Sim
- b) Parcialmente

- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 30: Você sabe organizar o setor de produção, de vendas, de finanças?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 31: Você sabe o que é importante na gestão financeira?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 32: Você já imaginou como a concorrência irá recebê-lo? Já imaginou o que irá fazer para conquistar e garantir seu lugar no mercado?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

Questão 33: Você se sente capaz de “ler” as tendências, o ciclo de vida do mercado e do produto? E de vislumbrar as mudanças significativas no mercado nos próximos anos (produto, clientes, preços, atendimento, comercialização, distribuição)?

- a) Sim
- b) Parcialmente
- c) Não
- d) Não pensei no assunto

PONTUAÇÃO

--

ANEXO 2: Questionário sobre perfil empreendedor.

Aluno(a): _____ Data: ____ / ____ / ____ Bloco “B” Fundamental / Disciplina: Português / Professor: Marcossuel
--

QUESTIONÁRIO – PERFIL EMPREENDEDOR**QUIZ: VOCÊ TEM PERFIL EMPREENDEDOR? FAÇA O TESTE E
DESCUBRA!**

Acesse o *link* a seguir para responder às questões abaixo. No final anote o seu resultado! Site: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/quiz/quiz-voce-tem-perfil-empendedor-faca-o-teste-e-descubra.ghml>

Marque a resposta que melhor descreve seu comportamento em cada uma das situações abaixo e descubra se você leva jeito para os negócios.

Questão 1: Como você lida com as incertezas da vida?

- a) Prefiro o certo ao duvidoso
- b) Gosto do inesperado e de correr riscos
- c) Mudanças me desestabilizam, mas sigo em frente

Questão 2: Qual a sua atitude ao ver uma multidão aglomerada?

- a) Corre para ver o que está acontecendo e se informar
- b) Dá uma olhadinha, mas não gasta muito tempo com isso
- c) Finge que não vê e passa direto, porque não é da sua conta

Questão 3: Por quanto tempo manteria seu atual padrão de vida, caso fosse demitido agora?

- a) O tempo que meu FGTS e o seguro-desemprego durarem
- b) Por alguns meses
- c) Entre um e dois anos

Questão 4: Seu melhor amigo pede ajuda para divulgar o negócio dele. O que você faz?

- a) Compartilha postagens nas redes sociais
- b) Veste a camisa, distribui panfletos e liga para conhecidos
- c) Diz que vai colaborar, mas prefere não se intrometer

Questão 5: Você vai fazer uma prova muito difícil, então...

- a) Acho que consigo ir bem, mas não acertar todas as questões
- b) Fico ansioso(a) e estudo até minutos antes do teste
- c) Fico confiante porque estudei muito sobre o tema

Questão 6: Como você se sente após o término de um relacionamento?

- a) Fico triste, mas sei que um dia vou encontrar a pessoa certa
- b) Continuo minha vida e entendo que não era a pessoa certa
- c) Passo dias deprimido e fico por um tempo sem namorar

Questão 7: Diante de uma situação de stress e difícil solução, você mantém a calma?

- a) Sempre
- b) Às vezes
- c) Nunca

Questão 8: Você tem a oportunidade de trabalhar alguns dias em 'home office'. Como reage?

- a) Aceito sem pensar duas vezes, porque prefiro trabalhar sozinho(a)
- b) Acho prático, mas sinto falta da interação da equipe
- c) Não aceito a proposta, prefiro contar com a ajuda dos colegas

Questão 9: Nos trabalhos escolares em grupo, como você reagia?

- a) Seguia as ideias e as decisões da maioria
- b) Organizava as ideias e delegava as funções
- c) Ficava entre os que tinham posição de destaque

Questão 10: Você teve um dia estressante no trabalho. Como sua família reage?

- a) Está disposta a ouvir os problemas e aconselhar você
- b) Ouve seu desabafo, mas não se posiciona
- c) Percebe que há algo errado e nem toca no assunto

RESULTADO

--

ANEXO 3: Respostas do questionário de avaliação do projeto dadas pelos alunos.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO
SERIDÓ – FELCS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

QUESTIONÁRIO

Questão 1: O que você aprendeu durante o projeto sobre o que é empreendedorismo?

Aprendi a como montar e planejar meu próprio negócio.

Questão 2: O que você aprendeu sobre o que é ser um empreendedor?

É ter o controle e segurança do seu negócio, ter diferencial para sua empresa.

Questão 3: Existe alguma diferença entre empreendedor e empresário?

Explique.

Na minha visão empreendedor é alguém que está mais o fronte de seu negócio, e o empresário é alguém que está mais na parte logística.

Questão 4: Você se considerava uma pessoa empreendedora antes do projeto?

Explique.

Sim, podemos empreender em qualquer vida sem ter uma empresa.

Questão 5: E agora, você continua com esse mesmo pensamento? Explique.

Sim, pois era um dos aprendizados que preciso manter.

Questão 6: Quais as características que você acha que um empreendedor deve ter? Você tem essas características agora? Justifique.

Confiança, saber manter a calma em momentos desafiadores. Trabalhar no que gosta e ter um negócio.

Questão 7: Qual foi a atividade que você mais gostou de realizar durante o projeto? Explique.

A pesquisa que fizemos fora da escola sobre os empreendedores, foi muito bom.

Questão 8: E qual foi a atividade que você menos gostou de fazer? Justifique.

Nenhuma, todos participaram em conjunto de alguma forma.

Questão 9: Você acha que esse projeto te ajudou a melhorar a sua escrita? Explique.

Sim, pois trabalhamos muito a escrita no projeto.

Questão 10: Qual é a avaliação geral que você faz do projeto que você participou?

Foi um projeto bom, importante para conhecer mais sobre o meio do empreendedorismo.

Questão 11: Qual nota você dá ao projeto?

() 0 – nada satisfeito () 1-3 – pouco satisfeito () 4-6 – regular

☒ 7-8 – satisfeito () 9-10 – muito satisfeito

Questão 12: Você acha que esse projeto contribuiu para a sua vida? Justifique.

Sim, para conhecer mais do tema.

Questão 13: Você tem alguma sugestão para melhorar o projeto? Qual(is)?

Não.

Questão 14: Você se sente confiante para abrir o seu próprio negócio futuramente? Justifique.

Sim, por ter um pouco de visão pelo produto.

Questão 15: O que você achou das aulas de Língua Portuguesa com essa proposta de ensino? Explique.

Bom, bem pensada e organizada.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ENGENHARIA, LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS DO
SERIDÓ – FELCS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO

Questão 1: O que você aprendeu durante o projeto sobre o que é empreendedorismo?

empreendedor administra melhor seu dinheiro e de visão melhor sobre ser autônomo.

Questão 2: O que você aprendeu sobre o que é ser um empreendedor?

aprendi que qualquer pessoa pode empreender.

Questão 3: Existe alguma diferença entre empreendedor e empresário? Explique.

sim. um empreendedor muitas da vezes na casa própria e um empresário como tem negócio maior tem mais funcionários pra lhe auxiliar.

Questão 4: Você se considerava uma pessoa empreendedora antes do projeto?

Explique.

não por que não conseguia administrar meus
produtos financeiros imagine uma empresa.

Questão 5: E agora, você continua com esse mesmo pensamento? Explique.

não hoje consigo ter mente aberta para
empreender.

Questão 6: Quais as características que você acha que um empreendedor deve ter? Você tem essas características agora? Justifique.

saber lidar melhor com dinheiro com fun-
cionários e pessoas hoje vejo sempre ter
esse mente e a ajuda mim ajudou ainda mais.

Questão 7: Qual foi a atividade que você mais gostou de realizar durante o projeto? Explique.

plano de negócios porque li sobre melhor
de como organizar seu negócio.

Questão 8: E qual foi a atividade que você menos gostou de fazer? Justifique.

nenhuma

Questão 9: Você acha que esse projeto te ajudou a melhorar a sua escrita? Explique.

sim conseguir melhor escrita e saber também

Questão 10: Qual é a avaliação geral que você faz do projeto que você participou?

gostei porém poderia ter melhorado mais.

Questão 11: Qual nota você dá ao projeto?

() 0 – nada satisfeito () 1-3 – pouco satisfeito () 4-6 – regular

() 7-8 – satisfeito (☒) 9-10 – muito satisfeito

Questão 12: Você acha que esse projeto contribuiu para a sua vida? Justifique.

sim hoje tenho o meu próprio negócio para fazer meu dinheiro render.

Questão 13: Você tem alguma sugestão para melhorar o projeto? Qual(is)?

nenhuma

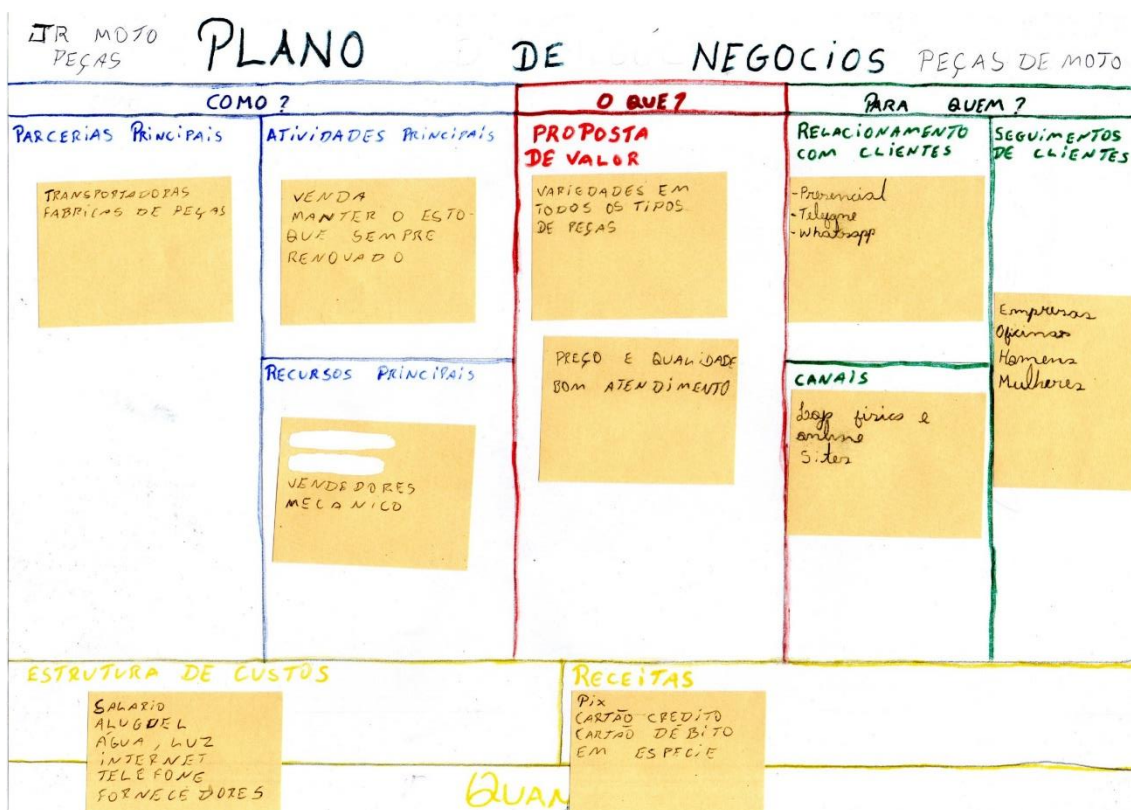
Questão 14: Você se sente confiante para abrir o seu próprio negócio futuramente? Justifique.

sim por ter conhecimento maior agora.

Questão 15: O que você achou das aulas de Língua Portuguesa com essa proposta de ensino? Explique.

com mesmo tempo aprendi mais português e lidar com dinheiro.

ANEXO 4: Planos de negócios elaborados pelos alunos.



PLANO DE NEGÓCIOS				
COMO?		o que?	PARA QUEM?	
Ponências Principais • Fornecedores • Parceiros de divulgação	Atividades Principais • Venda de roupas	Proposta de valor • Trabalham apenas com roupas femininas	Relacionamento com clientes • Rede social	Segmento de clientes • Mulheres
Transportadora	Riscos Principais • Vendedores • Caixa	• Preços baixos • Baixa qualidade dos produtos	Compras • Loja física	
Estrutura de custos - Salários - Aluguel - Água - Internet - Luz - Telefone		Fontes de Receita - Contas de crédito / débito - Bolso - PIX - Em espécie		

Plano de negócios doceria				
Como		o que	Para quem?	
Ponências Principais - fornecedores de açúcar, farinha, doces, sorvetes, embalagens - transportadora - cores de papel, digital, ilustrar	Atividades principais - venda de doces, bolos, salgados - criar um site, Instagram, Facebook para a loja - bolos - confeitaria - caixa - material	Proposta de valor - massa caseira - doces cada 50 reais em bolos com 1 uma torta - entrega mais rápida variedade de em sabores e descontos e melhor atendimento	Segmento de clientes - empresas - cerimônias - pública, toda - casamento - aniversário	Relacionamentos com clientes - presencial - rede social - telefone - Whatsapp - loja física e online - telefone
Estrutura de custos - salários - aluguel - água - luz - internet - telefone - fornecedores		Receitas - contas crédito - contas débito - PIX - em espécie		
quanto?				

ANEXO 5: Texto “Dicas de como começar a empreender do zero”.**DICAS DE COMO COMEÇAR A EMPREENDER DO ZERO****1. Encontre uma oportunidade**

O ponto de partida para o nascimento de um novo empreendedor é a identificação de uma oportunidade de mercado. Basicamente, você precisa encontrar uma “brecha” para entrar na competição, que pode ser:

- Uma demanda por um produto ou serviço que ainda não existe no mercado;
- Uma necessidade do consumidor que não é totalmente satisfeita pelas empresas do segmento, seja em termos de qualidade da solução, atendimento, experiência de compra, entre outros fatores;
- Uma oportunidade de oferecer produtos e serviços complementares ou substitutos a soluções já existentes.

2. Tenha uma boa ideia

Junto com a oportunidade de mercado, vem uma grande ideia que dará forma ao negócio que você pretende abrir. Aqui, não estamos falando de projetos mirabolantes e sacadas geniais, mas sim uma concepção de negócio que seja viável e tenha potencial para gerar lucro.

No caso de uma startup de tecnologia, por exemplo, é esperado que a inovação faça parte da solução proposta. Mas não é preciso inventar um novo produto ou serviço para empreender. Outras opções são:

- Vender um produto ou serviço que tem alta demanda e espaço para novas marcas;
- Vender soluções para um nicho de mercado específico que ainda não tem muitos concorrentes (em alguns casos, nenhum concorrente);

- Vender algo comum, mas com uma experiência de compra diferenciada e um atendimento exclusivo;
- Vender um item exclusivo, como produtos artesanais e serviços personalizados.

3. Escolha seu segmento

A escolha do ramo de atividade também é um passo essencial para iniciar sua jornada empreendedora. As dicas para tomar uma boa decisão são:

- Procure um segmento com o qual você se identifica;
- Escolha uma área ligada à sua atividade profissional ou aos seus hobbies;
- Verifique se o ramo escolhido é muito competitivo antes de bater o martelo;
- Busque toda a informação possível para entender como funciona o segmento-alvo.

4. Estude seu público-alvo

Conhecer o público-alvo é outra etapa indispensável para começar a empreender do zero. Afinal, você precisa entender a fundo o perfil dos seus potenciais clientes e suas dores, necessidades, preferências, desejos etc. Veja algumas ferramentas que você pode usar:

- **Personas:** personagens semifictícias que representam seu cliente ideal. Elas devem ser construídas com base em dados reais do seu público, para maior efetividade;
- **Pirâmide de Maslow:** diagrama que ajuda a identificar as necessidades humanas em ordem de prioridade. Na hora de avaliar seu público, ele ajuda você a entender o que seus clientes buscam e como você pode atraí-los;

- **Pesquisas de tendências:** estudos que mostram os novos hábitos de consumo da população e ajudam empreendedores a atenderem às demandas do público, como o relatório Tendências Globais de Consumo.

5. Analise a concorrência

A análise da concorrência vai mostrar quais desafios e oportunidades você tem pela frente com seu novo negócio. Lembre-se de mapear os concorrentes diretos e indiretos, buscando seus pontos fortes e fracos, estratégias e dados de performance.

O objetivo é entender como você pode se posicionar para ganhar espaço no segmento escolhido. Além disso, você pode se inspirar com as melhores práticas da área, seguindo o processo que chamamos de benchmarking.

6. Valide sua ideia com uma pesquisa

Uma ideia de negócio pode parecer incrível, mas ela só pode ser levada adiante depois de ser validada em uma pesquisa de mercado. Por meio desse levantamento, você deverá confirmar que existe uma demanda para o produto ou serviço que pretende vender. Para isso, você pode:

- Perguntar a amigos, familiares, colegas de trabalho e outras pessoas de seu convívio que se encaixem no seu público-alvo se comprariam algo da sua empresa;
- Entrevistar potenciais clientes de um grupo de controle para entender se a solução é válida para eles;
- Mensurar o tamanho do público-alvo em potencial que seu produto ou serviço pode alcançar nos mais diversos cenários.

7. Encontre um diferencial competitivo

O diferencial competitivo é o valor que você oferece para o cliente que destaca sua empresa dos concorrentes. Afinal, os consumidores não terão

motivos para comprar de você se seu negócio oferecer exatamente o mesmo que outras empresas já oferecem.

Existem várias possibilidades de diferenciais competitivos, por exemplo:

- Qualidade superior do produto ou serviço;
- Preço mais baixo ou melhor custo-benefício;
- Maior variedade de produtos no catálogo;
- Melhor atendimento ao cliente;
- Pós-venda diferenciado;
- Status proporcionado pela marca.

8. Procure capacitação e informação

Ninguém nasce sabendo como começar a empreender, mas, felizmente, existe muita informação disponível sobre o assunto. A maior autoridade no assunto é o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que oferece diversos cursos e materiais gratuitos para empreendedores iniciantes, tais como:

- Curso Aprender a empreender;
- Curso Empreendedor de Sucesso;
- Curso Bora Empreender.

9. Faça networking

Fazer networking significa investir em uma rede de contatos profissionais e criar conexões que podem ajudar você a empreender com sucesso. Essas relações podem envolver colegas de trabalho, clientes, parceiros de negócios e pessoas da sua comunidade em geral.

Ao compartilhar ideias com outros empreendedores, você terá acesso a diversas experiências e dicas importantes para começar um negócio do zero. Para começar a fazer esses contatos, você pode ir a eventos e palestras sobre

empreendedorismo, participar de um grupo de uma escola de negócios ou mesmo buscar pessoas do segmento no LinkedIn.

10. Decida o modelo de negócio

Depois de escolher o produto ou serviço, público-alvo e segmento, você também precisa decidir qual será o modelo de negócio da sua empresa. Ou seja: como sua organização vai operar e gerar lucro. Veja alguns exemplos de modelos:

- Loja virtual em marketplace;
- Loja virtual com estoque próprio;
- Loja virtual com estoque terceirizado (o chamado dropshipping);
- Loja física;
- Loja física combinada a uma loja virtual para uma estratégia digital ou de varejo híbrido;
- Serviço por assinatura no modelo SaaS (Software as a Service, ou “software como serviço”);
- Loja virtual com vendas por redes sociais.

11. Construa seu plano de negócio

O plano de negócios funciona como um roteiro que descreve todo o funcionamento, estrutura e recursos necessários para iniciar as operações da sua empresa. Veja o que não pode faltar nesse documento:

- O nome e o segmento da empresa;
- O público-alvo e o nicho de mercado;
- Descrição completa do produto ou serviço que será vendido, assim como seus diferenciais e valor que será entregue ao cliente;
- Definição dos canais de venda que serão usados para levar o produto ou serviço até os clientes;

- Estratégia de precificação do produto/serviço para garantir o lucro e a competitividade;
- Análise de mercado completa com direito a análise SWOT (panorama de forças, fraquezas, oportunidades e ameaças);
- Análise de concorrência para mapear concorrentes diretos e indiretos da sua empresa;
- Definição da estratégia competitiva para se posicionar no mercado;
- Capital social necessário para iniciar as atividades e capital de giro para manter o negócio nos primeiros meses, até que comece a dar lucro;
- Capital humano necessário (contratações);
- Planejamento operacional com a descrição dos processos da empresa da produção à venda;
- Planejamento financeiro com projeções de fluxo de caixa para os primeiros meses;
- Plano de marketing com todas as ações previstas para divulgar a marca.

12. Levante o capital necessário

Abrir uma empresa exige um investimento inicial, uma vez que você precisa montar toda a estrutura, criar uma marca, adquirir o estoque, entre outros custos. Além disso, é preciso ter um capital de giro em caixa para manter o funcionamento do negócio até que ele comece a gerar os lucros esperados.

No entanto, é possível começar a empreender com pouco dinheiro. Um negócio online, por exemplo, tem custos muito menores do que uma loja física, uma vez que seus principais investimentos serão a plataforma de e-commerce, estoque e criação de marca.

De qualquer forma, você tem algumas opções para levantar o capital inicial necessário, como:

- Investir capital próprio;
- Contar com a participação de sócios;
- Buscar aportes financeiros de investidores e aceleradoras;
- Procurar linhas de crédito para empreendedores.

13. Escolha como se formalizar

Depois de passar por todas as etapas necessárias para planejar seu negócio, o último passo é escolher como se formalizar. Esse é o momento em que você deverá se preocupar com questões burocráticas como natureza jurídica, CNPJ, regime tributário, licenciamento e outros fatores ligados à contabilidade.

Se você pretende começar sozinho e deve se manter dentro do limite de faturamento de R\$ 81 mil ao ano (com possibilidade de aumento para R\$ 130 mil em 2022), compensa abrir um MEI. Trata-se do microempreendedor individual, uma modalidade empresarial simplificada em que você pode atuar de forma independente e pagar uma única guia mensal referente a impostos e INSS.

Essa é uma ótima alternativa para quem quer começar a empreender com pouco dinheiro, uma vez que os custos são baixíssimos e não há grandes exigências burocráticas.

Para negócios maiores ou com sócios, existem outros tipos de empresas, como Empresa Individual, Sociedade Limitada, Sociedade Simples e Sociedade Limitada Unipessoal. Para escolher a melhor opção para o seu negócio, procure um contador de confiança na hora do processo de formalização.

ANEXO 6: Texto “O que é empreendedorismo: da inspiração à prática”.**O QUE É EMPREENDEDORISMO: DA INSPIRAÇÃO À PRÁTICA**

Empreendedorismo é a disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos e competências na criação de um negócio, projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo. Se queremos ser bastante objetivos, é bem por aí! Só que, para nós, ele vai um pouco mais além. Certamente, bem além de algumas linhas de definições.

EMPREENDEDORISMO NA HISTÓRIA

Volta a fita: estamos no ano 2000. O Brasil comemora seus 500 anos, as Olimpíadas estão acontecendo em Sidney, “Beleza Americana” ganhou o Oscar e você está com um dicionário no colo. Folheando ali pela letra “E”, entre “emprazar” e “empregado”, um grande vazio. “Cadê ‘empreendedorismo’”? Não tem. “Mas eu ouço a palavra empreendedorismo desde que me entendo por gente!” Pois é.

Alguns anos atrás, empreendedorismo não fazia nem parte oficial da língua portuguesa. Isso obviamente não quer dizer que não havia empreendedoras e empreendedores no milênio passado.

Na verdade, é por causa delas e deles que tudo que conhecemos é dessa forma, desde os primórdios da humanidade. Mas, quando virou verbete, empreendedorismo não só passou a existir no dicionário brasileiro, como trouxe consigo novas possibilidades.

O crescimento econômico foi meteórico, a geração de empregos também. A tecnologia nos surpreendeu. A inovação social ampliou o acesso. Temos mais conforto, mais experiências, novas relações com coisas e pessoas e, em geral, mais qualidade de vida por causa de novos negócios e iniciativas.

Por isso, é inegável a importância do empreendedorismo nas nossas vidas, assim como a importância de entender o que o termo empreendedorismo significa.

O QUE É EMPREENDEDORISMO?

Empreendedoras e empreendedores questionam a realidade e fazem acontecer a revolução todos os dias. Em todas as partes do Brasil e do mundo.

Ao inovar e solucionar problemas de outras pessoas, de outras empresas ou de toda a sociedade, o empreendedorismo promove um grande desenvolvimento.

O exemplo de empreendedoras e empreendedores é fonte de inspiração para fazer mais e melhor. Quanto maior o sonho, maior a disposição para enfrentar obstáculos dentro do empreendedorismo. Dessa forma, o empreendedorismo pode estar latente ou manifestado de diferentes formas.

O EMPREENDEDORISMO NAS PESSOAS

Há pessoas com um forte espírito empreendedor que o exercem em diferentes lugares e situações. Em casa, quando decidem fazer uma reforma que otimize o espaço. Na empresa em que trabalham, quando um projeto precisa ser levado adiante. Ou, na vida, quando chega o momento de mudar.

Outras aplicam todo esse potencial em um novo negócio – do tamanho que seja, contribuem gerando empregos para sua comunidade, gerando renda para a economia local, e solucionam uma demanda por meio da inovação.

Além disso, existem ainda pessoas que fazem desse negócio algo muito maior. São empreendedoras e empreendedores de alto impacto, que transformam sonhos grandes em iniciativas de alto impacto, revolucionam seus mercados, crescem e fazem crescer, sem pegar atalhos e servindo de exemplo para gerações futuras.

O PERFIL DE QUEM EMPREENDE

Embora cada empreendedora ou empreendedor seja uma pessoa diferente, há algumas características que todas e todos precisam ter:

- Otimismo: sempre acreditar que vai dar certo;

- Autoconfiança: precisa acreditar em si mesmo, em seus talentos e opiniões;
- Coragem para aceitar riscos: precisa lidar bem com riscos;
- Desejo de protagonismo: desejo de reconhecimento, tomar as rédeas da sua vida e ser pleno;
- Resiliência e perseverança: não desistem facilmente. Superam desafios e vão até o fim.

DICAS PARA EMPREENDER

O que devo fazer para me preparar para tomar minha carreira como empreendedora ou empreendedor?

A resposta pode parecer simples: empreender.

Empreender significa superar desafios, aprender coisas novas, ter e colocar em prática novas ideias. Isso tudo sem falar nas demandas técnicas e práticas, como:

- Fazer fluxo de caixa;
- Planejamento financeiro e de marketing;
- Gestão de estoque e de pessoas;
- Definição de políticas de bonificação;
- Muitas coisas! E de áreas completamente distintas.

Enfim, se preparar para seguir a carreira empreendedora não é tão simples assim.

Não há um curso de MBA (o MBA é uma modalidade de pós-graduação voltada a administradores e profissionais que atuam ou querem trabalhar na gestão de empresas dos mais diversos setores. A sigla vem do termo em inglês “Master of Business Administration”, que pode ser traduzido para Mestre em Administração de Negócios), que você deva fazer, que te garantirá dominar todos os conhecimentos necessários para tocar e fazer crescer um negócio lucrativo. Mas, há algumas ferramentas e recursos que podem ajudar. Por isso, veja 7 dicas básicas para começar a empreender:

1. Encontre sócias e sócios complementares

Existem 3 atividades fundamentais na vida de quem empreende: vender, entregar o produto, cuidar das finanças. Nenhum ser humano no mundo é capaz de fazer bem as 3 coisas!

2. Feito é melhor do que perfeito

Não perca tempo com planejamentos longos.

Devore os livros das metodologias de modelagem rápida e construa protótipos e produtos mínimos viáveis (MVP) que possam te ajudar a validar as hipóteses das suas ideias de negócio. Além disso, saia do prédio, vá para a rua, coloque a mão na massa.

E repita o processo até que o negócio comece a ganhar tração.

Se tiver que falhar, falhe rápido e toque o barco. Se você não cometer erros é porque está indo devagar demais.

3. Fale sua ideia para 2 pessoas: “Deus e o mundo!”

Esqueça o mito de que “alguém irá roubar sua ideia”.

Quanto mais você falar da sua ideia, mais vai enxergar os pontos fracos e, assim, mais irá aproveitar os feedbacks para melhorar seu modelo de negócio.

Eventualmente alguém poderá te copiar, mas isso será um sinal de sucesso, uma vez que você estará 1.000 feedbacks à frente.

Pratique religiosamente seu “pitch” (O pitch é uma apresentação sumária de 3 a 5 minutos com objetivo de despertar o interesse da outra parte (investidora, investidor ou cliente) pelo seu negócio. Assim, deve conter apenas as informações essenciais e diferenciadas), até tê-lo na ponta da língua. Treine em frente ao espelho, com amigos e familiares.

4. Validou sua ideia? Agora, gaste sola de sapato

Vá a todos os eventos, encontros, congressos, feiras, adicione e seja adicionado por todos no LinkedIn.

Seu objetivo agora é conseguir o máximo de clientes para validar o modelo operacional. Sendo assim, sua meta nesta fase é ter um problema que todo empreendedor gostaria de ter: “vender tanto e não saber como entregar”.

5. Procurando investimento, aceleradoras ou incubadoras?

Quando você for procurar investimento, uma aceleradora ou uma incubadora, pense se agregarão mentoria, networking (ação de trabalhar sua rede de contatos, trocando informações relevantes com base na colaboração e ajuda mútua) e sinergia (ação ou esforço simultâneos; cooperação, coesão; trabalho ou operação associados). E, principalmente, se você se identifica com as pessoas que estão sentadas do outro lado da mesa. Uma vez que, em breve, estarão sentadas do mesmo lado que você. Por fim, virão os aspectos econômicos do acordo.

6. Construa uma cultura organizacional

Você seguiu o checklist:

- Identificou um problema claro de um mercado grande;
- Criou uma proposta de valor diferenciada a partir de um produto inovador;
- Bolou um modelo de negócios escalável;
- Modelo operacional rodando;
- Clientes sendo conquistados e retidos;
- Processos melhorando continuamente;
- Equipe contratada e se desenvolvendo...

O próximo passo é crescer de forma acelerada e sustentável. Sendo assim, o segredo é:

- Construir uma empresa baseada em valores;
- Contratar pessoas melhores do que você;
- Perseguir diariamente um propósito e um sonho grande.

Dessa forma, você poderá ser copiado em preço, produto, posicionamento, modelo de negócios. Mas, sua cultura organizacional jamais será copiada.

7. Acredite, persista, não desista

Você está empreendendo no Brasil.

Não vou te enganar.

Durante seu caminho, você irá encontrar desafios como: pesada carga tributária, burocracia, pouco acesso a crédito, antiquada legislação trabalhista, concorrência desleal, gargalos de infraestrutura, falta de profissionais qualificados e pouca educação empreendedora.

Apesar disso, não há motivo para pessimismo. Temos que acreditar no Brasil e sonhar em construir um país de pessoas que empreendem e que são agentes efetivos de mudança em nossa sociedade!

Lembre-se que “mais importantes do que suas qualidades ou habilidades, o que determina realmente QUEM VOCÊ É são as suas ESCOLHAS!”.

COMO ESTÁ O EMPREENDEDORISMO NO BRASIL?

O tema no Brasil também está cheio de mitos – alguns acabam se provando verdadeiros!

1. O brasileiro sonha em empreender, mas isso não é tudo

Verdade!

A Endeavor perguntou aos brasileiros se prefeririam ser empreendedores ou funcionários: 76% deles sonham em ser donos do próprio negócio, a segunda maior taxa do mundo – atrás da Turquia (82%) e muito à frente dos Estados Unidos (51%) e União Europeia (37%), por exemplo. Mas, vontade não é tudo. E na falta de ação o brasileiro perde muito do seu potencial, com só 19% dizendo que pretendem empreender nos próximos cinco anos, atrás dos Estados Unidos, com 20%.

2. Abrir uma empresa em qualquer cidade do Brasil é demorado demais

Mito!

De fato, em muitas cidades se demora muito para abrir uma empresa, às vezes passando dos 100 dias para obter o registro completo, como em São Paulo. Mas, há, sim, lugares onde se pode abrir uma empresa em menos de uma semana, como Brasília, Belo Horizonte e São José dos Campos. Como nada acontece por acaso, essas cidades criaram grandes projetos para melhorar a vida das startups locais.

3. Falta dinheiro para as empresas

Mito!

Em um ranking do Fórum Econômico Mundial com 148 países, o Brasil ficou na 30ª colocação quando o assunto é disponibilidade de capital para investir em empresas, bastante acima da média mundial. Mas muitas empreendedoras e empreendedores reclamam que esse é o maior obstáculo, e não estão tão enganados: apesar de existir, o dinheiro de investimento muitas vezes é difícil de acessar.

O Brasil está na 64ª colocação do mesmo ranking internacional, muito abaixo na média. Ou seja, o problema não é a falta de dinheiro, mas o que precisam para acessá-lo.

4. Pagar impostos é coisa para super-herói

Verdade!

Aqui não estamos nem falando da carga tributária (que também é alta), mas da complexidade burocrática que o empreendedor precisa cumprir para estar com tudo em dia.

De acordo com o Banco Mundial, são necessárias 2.600 horas para pagar impostos no Brasil, de longe a taxa mais alta do mundo. E a explicação é simples:

de acordo com o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) são mais de 11.500 normas tributárias por ano.

5. O simples poderia ser ainda mais simples

Verdade!

O Simples Nacional, um sistema de pagamento de impostos facilitado para micro e pequenas empresas, é um marco na história da empreendedora e do empreendedor no Brasil, com muitas conquistas para comemorar. Mas podia ser ainda melhor!

Hoje, nem todos os setores, especialmente os prestadores de serviços, podem ser incluídos no sistema. Além disso, mesmo que o Simples reúna oito impostos em um único pagamento, ainda são necessárias obrigações acessórias individuais, aumentando a complexidade do sistema.

6. Poucas empresas brasileiras crescem de verdade

Verdade!

O Brasil tem mais de 4,4 milhões de empresas. Mas, dessas, apenas 31.223 (1,3% do total) crescem mais de 20% ao ano, por pelo menos três anos. E elas têm um impacto gigante na economia: desde 2014, foram responsáveis por gerar 46,7% dos novos empregos.

7. As empresas brasileiras são muito inovadoras

Mito!

Apenas 11% de empreendedoras e empreendedores brasileiros iniciantes dizem que o produto ou serviço que oferecem é inovador, de acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM). É uma das piores taxas do mundo, junto com Bangladesh e Trinidad e Tobago!

Um dos problemas é o mercado brasileiro ter restrições às importações, o que deixam empreendedoras e empreendedores “confortáveis” (mostramos mais neste artigo), mas eles também precisam ter sonhos maiores: só 10% planejam contratar mais de cinco pessoas cinco anos depois de iniciar o negócio. Na Turquia, são 59%; no Chile, 36%; nos Estados Unidos, 30%.

8. A empreendedora e o empreendedor brasileiro têm muitas opções para se capacitar

Verdade!

Pode melhorar muito (especialmente a qualidade), é claro, mas organizações como Sebrae, Endeavor, aceleradoras e as próprias universidades têm diversos programas que incentivam empreendedoras e empreendedores.

Das verdades entre os mitos que citamos ali em cima, a número 6 representa uma triste realidade do nosso país: “poucas empresas brasileiras crescem de verdade”.

Você sabia, por exemplo, que apenas 1,3% das empresas no Brasil crescem pelo menos 20% ao ano, por três anos seguidos? São as chamadas scale-ups, que mesmo sendo pouquíssimas, têm um impacto gigante na economia, sendo responsáveis por 46,7% dos novos empregos!

AS EMPRESAS QUE MAIS CRESCEM NO BRASIL

1. “Scale-ups” são empresas grandes enquanto pequenas

Sabe aquela história de que todo mundo um dia foi pequeno? Pois é, com as empresas acontece a mesma coisa. As “scale-ups” são justamente as empresas que estão mudando de faixa, se tornando grandes – só 8% delas têm mais de 250 pessoas empregadas. Os outros 92% das “scale-ups” são pequenos e médios negócios (PMEs), que estão só começando!

2. Elas não são startups

A idade média de uma “scale-up” é de 14 anos. Ou mais impactante ainda: mais de 90% das empresas com crescimento acelerado têm mais de 5 anos de história! Ou seja, se você está começando um negócio agora, sonhe grande, mas saiba que vai precisar trabalhar muito para chegar lá, e possivelmente até demore um pouco.

3. Existem “scale-ups” do Oiapoque ao Chuí, literalmente

Mais da metade do total de municípios brasileiros é sede de “scale-ups” (2.806 cidades), inclusive o Oiapoque (AP) e o Chui (RS). Além disso, quase 60% dessas empresas estão em cidades com menos de 500 mil habitantes. Ou seja, antes de se mudar para uma grande cidade achando que só isso vai transformar a sua empresa, pense se não é mais importante criar um produto ou serviço melhor, que tenha clientes em todo o país, do Oiapoque ao Chuí.

4. O Mark Zuckerberg é exceção

Histórias como a dele, que largou a faculdade e aos 23 anos criou uma empresa bilionária, são a exceção da exceção. Os jovens de até 28 anos representam apenas 5,5% de empreendedoras e empreendedores à frente de “scale-ups” no Brasil. A idade média de uma empreendedora e empreendedor de alto crescimento, na verdade, é muito mais alta: 47 anos.

5. Ter patente não é garantia de crescimento

A grande maioria das “scale-ups” brasileiras também não depende de patentes para crescer: só 139 delas têm essa proteção, menos de 0,27% do total. Mais do que isso, esse tipo de diferencial no Brasil é coisa de gente grande. Dos mais de 16 milhões de CNPJs do país, só 2.264 têm patentes (0,01% do total!), sendo que, em média, essas empresas têm 1.326 pessoas empregadas, quase 100 vezes mais que a média geral.

6. Homens ainda são a maioria

Seis em cada dez de empreendedoras e empreendedores brasileiros são homens. Nas “scale-ups”, essa relação é ainda maior: quase 70% dos líderes das empresas que mais crescem são homens. Isso não significa que mulheres não tenham capacidade de criar empresas de alto impacto, prova disso é que existem milhares delas!

7. Você também não precisa criar um aplicativo ou e-commerce para crescer

As “scale-ups” estão distribuídas em todos os setores da economia.

A indústria digital, ao contrário do que muitos acreditam, concentra apenas 1% de todas as “scale-ups” do Brasil. Quem lidera a lista é o varejo (20% do total), seguido da indústria da construção civil (13%). Apesar disso, quando olhamos para a densidade de “scale-ups” por setor, a indústria digital sobe para 3º lugar (com 18% de “scale-ups” dentro do setor), logo atrás de serviços administrativos (19%) e construção civil (22%), setor com a maior proporção.

8. Ter com quem compartilhar o sonho ajuda a crescer

Um dos maiores desafios dos empreendedores é a falta de alguém para dividir as dores e vitórias do dia a dia. Sócias e sócios se ajudam justamente nisso. E assim, levam o negócio mais longe. Prova disso é que o número de sócias e sócios de uma empresa no Brasil é, em média, 1,18, e, quando olhamos para “scale-ups”, esse número sobe para 2,32 sócios por empresa, praticamente o dobro.

Além de todas essas características, “scale-ups” são, acima de tudo, empresas em que empreendedoras e empreendedores botam a barriga no balcão, trabalhando todos os dias para alcançar um sonho grande. Sendo assim, com as suas empresas, eles querem fazer a diferença em um mercado, em uma cidade, para o Brasil. E estão fazendo!

GLOSSÁRIO DO EMPREENDEDORISMO

Cada indústria tem sua lista de jargões. Com o empreendedorismo não é diferente. Sendo assim, são vários os termos que você vai encontrar pela frente ao longo de sua jornada.

Como quem empreende, é importante que você se familiarize. Portanto, aqui vão 25 deles:

Aceleradora

A aceleração dentro de uma aceleradora pode incluir apoio financeiro, mas está baseada principalmente no suporte à criação e ao desenvolvimento do negócio, com sessões de coaching e/ou mentoring durante um período. Dessa forma, elas são financiadas com capital privado e apoiam startups.

“Break-even”

Em português, é “ponto de equilíbrio”. Acontece quando os custos da empresa são iguais às suas receitas.

Capital de giro

Capital de giro são os recursos financeiros utilizados para cobrir os custos do dia a dia da empresa e para sustentá-la entre o pagamento de despesas e o recebimento da receita de clientes.

Captação de recursos

Obter investimentos, o que pode ser feito por meio de empréstimos bancários, agências de fomento, fundos de investimento ou investidores-anjos.

“Coworking”

Espaço de trabalho compartilhado por diversas empresas, que passam a poder se relacionar e a trocar conhecimentos.

“Crowdfunding”

Obtenção de capital através de financiamento coletivo, em geral de pessoas físicas interessadas na iniciativa. Existem plataformas on-line especializadas em “crowdfunding”.

“Crowdsourcing”

“Crowdsourcing” é uma forma de conseguir serviços/ajuda de forma colaborativa para geração de conteúdos, solução de problemas, desenvolvimento de novas tecnologias, geração de fluxo de informação e afins.

“Early stage”

São consideradas empresas em “early stage” (estágio inicial) as que possuem até três anos de existência.

“Elevator pitch”

Apresentação da ideia do negócio em aproximadamente 30 segundos (o tempo que uma pessoa passaria no elevador).

Intraempreendedorismo

Significa empreender dentro da organização na qual se trabalha. Intraempreendedora é a pessoa enxerga nos problemas do dia a dia oportunidades de crescimento para a empresa, sendo capaz de inovar sistêmica e constantemente.

Empreendedorismo social

A empreendedora e o empreendedor social criam negócios com fins lucrativos, mas que propõem soluções inovadoras para problemas sociais ou ambientais, como lixo, educação e saúde. Ele/ela está focado(a) em mobilizar pessoas e trabalhar por uma causa para realizar verdadeiras transformações na sociedade.

Escalabilidade

Escalabilidade é a capacidade de replicar o produto/serviço com facilidade atendendo a um grande público ou abrangendo um grande mercado consumidor.

Incubadora

As incubadoras têm um perfil mais adequado para quem precisa de tempo e muito conhecimento para estruturar seu negócio. Assim, depende de subsídios governamentais e provavelmente vai precisar de uma quantidade relativamente grande de investimentos para acontecer.

Investidor anjo

Os “angels”, ou seja, investidoras e investidores anjo são profissionais experientes que investem capital em novos empreendimentos. Em troca, esperam um percentual da empresa investida.

MEI

Sigla para “Microempreendedor Individual”. É a pessoa que trabalha por conta própria e se legaliza como empresário.

“Mergers and Acquisitions” (M&A)

Termo em inglês para “Fusões e Aquisições” (abreviado M&A), é tanto um aspecto da estratégia corporativa e finanças corporativas quanto compra, venda, divisão e combinação de diferentes empresas.

“Networking”

Ter ou estabelecer uma rede de contatos. Assim, “fazer networking”, como é empregado, costuma ser uma ótima forma de ampliar a qualidade de seus relacionamentos e transformá-los em benefício mútuo no meio profissional.

PME

PME é a sigla para pequenas e médias empresas. Uma pequena empresa possui de dez a 49 funcionários. Além disso, uma empresa de médio porte possui entre 50 e 249 funcionários.

ROI

Sigla da tradução de “Retorno sobre Investimento” (ROI – Return of Investment). Assim, corresponde a um percentual da quantidade de dinheiro ganho em relação à quantidade de dinheiro investido.

“Seed capital”

“Seed capital”, ou capital semente, é aquele capital que se capta quando o negócio está em sua fase inicial, para que ele possa dar seus primeiros passos no mercado.

“Spin-off”

Criação de uma nova empresa de produtos ou serviços inovadores, criados inicialmente a partir de um projeto em uma “empresa-mãe”. Geralmente,

os empreendedores do novo negócio trabalharam antes no desenvolvimento desse projeto na empresa-mãe.

“Stakeholders”

“Stakeholders” são todas as pessoas impactadas pelo negócio, sejam eles sócios, acionistas, funcionários, clientes ou segmentos da sociedade.

“Startup”

Eric Ries, autor do livro “Lean startup”, define startups como “um grupo de pessoas à procura de um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando em condições de extrema incerteza”.

Validação

Ter alguém validando sua ideia, ou seja, se tornando um cliente, usuário, ou estando engajado de qualquer forma ativa em seu negócio, é o sinal verde de que ele pode dar certo. Mas a validação é um exercício constante, um processo que exige flexibilidade, agilidade e resiliência para recomeçar diversas vezes, inovar e não desistir.

VC (Venture Capital)

Traduzido como “capital de risco”, fundos de “Venture Capital” apoiam empresas de pequeno e médio porte já estabelecidas e com potencial de crescimento. Assim, com duração média de 5 a 7 anos, os recursos investidos financiam as primeiras expansões, levando o negócio a novos patamares no mercado.